

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO**  
**MULTIDISCIPLINAR**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,**  
**CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS**  
**POPULARES**

**DISSERTAÇÃO**

**NA TROPICÁLIA DOS EXCLUÍDOS UM PROJETO**  
**EDUCACIONAL SE CONSOLIDA:**  
**A Escola Proletária de Merity e o seu modelo de educação (1921-**  
**1964)**

**Caruanã Guatara Oliveira Frescurato**

**2019**



**UFRRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**NA TROPICÁLIA DOS EXCLUÍDOS UM PROJETO EDUCACIONAL  
SE CONSOLIDA: A ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY E O SEU  
MODELO DE EDUCAÇÃO (1921-1964)**

**CARUANÃ GUATARA OLIVEIRA FRESCURATO**

*Sob a Orientação do(a) Professor(a)*  
**Fernando César Ferreira Gouvêa**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ  
Abril de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F884t Frescurato, Caruanã Guatara Oliveira, 1990-  
Na Tropicália dos excluídos um projeto educacional  
se consolida: A Escola Proletária de Merity e o seu  
modelo de educação (1921-1964) / Caruanã Guatara  
Oliveira Frescurato. - 2019.  
175 f. : il.

Orientador: Fernando César Ferreira Gouvêa.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares, 2019.

1. Baixada Fluminense. 2. Escola Nova. 3. Ensino  
Regional. 4. Escola Proletária de Merity. 5. Armada  
Álvaro Alberto. I. Gouvêa, Fernando César Ferreira,  
1961-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E  
DEMANDAS POPULARES**

**CARUANÃ GUATARA OLIVEIRA FRESCURATO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/04/2019.

  
\_\_\_\_\_  
Fernando César Ferreira Gouvêa. Dr. UFRRJ  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho. Dra. UFRRJ

  
\_\_\_\_\_  
Angela Maria Souza Martins. Dra. UNIRIO

## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação não poderia chegar a tal ponto, sem o grande apoio de várias pessoas que direta ou indiretamente, contribuíram para a sua conclusão. Antístenes ensina que a “gratidão é a memória do coração”. Nas religiões do mundo, a gratidão é o ponto norteador na fé e na bondade. De Nhandervuçu, através de Andurá, até em Cristo, a gratidão é o princípio que abre os bons caminhos.

Agradeço ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que sem a sua política de expansão e permanência no Ensino Superior, eu jamais iria estudar em uma Universidade. Isso é fato, pois era a sina do morador da nossa região. Lá no coração da Baixada Fluminense, não só estudei, como me mantive através de bolsa permanência em toda a minha graduação, o qual me propiciou a plenitude da minha formação, além do acesso a pós-graduação. Sem jamais deixar, é claro, de criticar a esquerda que se auto desmoralizou, quando se esqueceu do chão da fábrica e foi confabular na boemia dos barzinhos da Zona Sul.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Fernando Gouvêa, pela paciência, por tudo que me ensinou, não só na parte acadêmica, mas para a vida. O seu rigor técnico, junto com a clareza pedagógica me contagiou nessa reta final. Agradeço pela amizade e apoio em todos os momentos, sempre respondendo minhas dúvidas, compartilhando o seu conhecimento, principalmente na área da História da Educação, me incentivando a acreditar que tudo daria certo. Agradeço imensamente por ter acreditado em mim e em meu potencial lá atrás, quando eu apenas começava a minha trajetória na pós-graduação. Realmente, deu certo, e você é parte essencial desse trabalho.

Aos meus amigos de Sá Cavalcante, Reyjane, Vivianne, Desirée, Karen, Marcos, Thayssa e em especial ao Ricardo Duarte Travassos, homem de visão, que considero mais que um grande gestor, certamente é um valoroso amigo, que tornou possível a minha ida ao mestrado, principalmente na flexibilidade de horário para cursar as disciplinas, sempre se colocou à disposição para qualquer problema, por isso meu muito obrigado!

Não poderia de deixar de agradecer ao professor Aristeu Leite Filho que atendeu prontamente para formação da banca examinadora e contribuiu com seu conhecimento para a melhoria deste trabalho, obrigado por levar luz ao meu caminho.

A professora Dr.<sup>a</sup> Maria Angélica Coutinho que nessa jornada, foi mais que parceira de grupo de pesquisa e membro da banca examinadora. Tenho muito orgulho de tê-la como responsável pela minha formação. Suas recomendações incisivas na Qualificação, sua

compreensão e competência tornaram essa pesquisa mais rica e dinâmica, principalmente com os comentários e observações críticas a respeito do projeto desenvolvido. Agradeço o apoio, o incentivo e, a oportunidade de adquirir conhecimento com uma pessoa que admiro muito.

Também preciso falar dos membros do LHELA, o nosso Laboratório de História da Educação Latino-Americana. Agradeço imensamente, pela oportunidade de convívio com os mais diferentes pesquisadores, com a pluralidade de ideias e concepções de mundo, somados aos inúmeros conselhos dados no caminho, não só na minha pesquisa, mas para vida, a vocês o meu caloroso abraço.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), por aceitar o meu projeto de pesquisa, oferecendo as condições para que o mesmo fosse concluído, obrigado. "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001". "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

Esse trabalho não teria sido possível sem a utilização de dados obtidos no âmbito do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES), em especial os relatórios anuais e as diversas fotografias muito bem preservadas naquele lugar. Nesse sentido, agradeço especialmente a Denise Moraes, que contribuiu de maneira decisiva, sempre solicita e disponível para qualquer demanda. Essa pesquisa nasceu e se nutriu graças ao belo trabalho que ela desempenha na Instituição, meus sinceros agradecimentos.

Não poderia deixar de agradecer a Baixada Fluminense, essa terra rica, mas por muitas vezes, incompreendida. Somos os mendigos e maltrapilhos que a sociedade tenta esconder, mas que mesmo assim, colocamos todos os dias o nosso samba na avenida da vida. Somos a terra que Solanos, Armandas e Barbosas adotaram. Estamos nas poesias de Moduan, nos escritos de Lasana Lukata, na sabedoria de Cara Preta e Sérgio Fonseca, nas músicas de Roberto Lara, na cultura registrada por HB e Igor no Mate com Angu, nos sambas da Grande Rio e a Beija-Flor. Um viva em agradecimento a essa brava gente da Baixada!

Por último, mas sempre os primeiros, agradeço à minha família, a quem dedico este trabalho, pois sempre me apoiou nas minhas decisões, mesmo naquelas que menos compreendiam, e fez inúmeros sacrifícios para que eu pudesse hoje estar aqui. Um filho de hippies e artesãos que aqui, completa mais um ciclo da pós-graduação.

*“Atenção mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo da rua... Tirem dos Lixos deste imenso País, restos de luxo e façam a sua fantasia e venham participar deste grandioso Bal Masqué!”*

(Beija-Flor de Nilópolis - Ratos e Urubus larguem a minha fantasia, Joãozinho Trinta, 1989).

## RESUMO

FRESCURATO, Caruanã Guatara Oliveira. **Na Tropicália dos Excluídos um projeto educacional se consolida: A Escola Proletária de Merity e o seu modelo de educação (1921-1964)**. 2019. 175. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

Essa dissertação tem por objetivo investigar a criação, a trajetória e a consolidação do projeto pedagógico, político e educacional da Escola Proletária de Merity entre os anos de 1921 até o ano de 1964. Um celeiro de experiências e ideais revolucionários, no qual nasce em 13 de fevereiro de 1921, no seio da Baixada Fluminense, na Vila de Merity, hoje Duque de Caxias (RJ). É nessa tropicália, sob a direção de Armanda Álvaro Alberto, signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, uma educadora que fez parte da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Associação Brasileira de Educação (ABE) e da União Feminina do Brasil (UFB), que junto com diversos intelectuais e colaboradores, implanta um sistema de educação inovador naquela localidade, unindo educação e saúde, fortalecendo assim corpo e mente. A Escola Proletária adotando os métodos e referências do escolanovismo embarcam no ensino regional como parâmetro de ensino e ações para as suas práticas no dia a dia, servindo assim, como referência pedagógica para outras instituições escolares no Brasil e na América Latina. Oferecendo para seus alunos merenda gratuita, fruto de diversas doações de moradores da região e da sua própria horta escolar, nos quais seus alunos participavam ativamente, desde o plantio até a colheita, acaba sendo reconhecida carinhosamente na região como Escola Mate com Angu. O projeto em seu molde original se encerra no fim do ano de 1964, pela não aceitação da incorporação da mesma na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, por ser tratar de uma “escola de comunistas”.

**Palavras-chave: Baixada Fluminense; Escola Nova; Ensino Regional, Escola Proletária de Merity, Armanda Álvaro Alberto.**

## **ABSTRACT**

FRESCURATO, Caruanã Guatara Oliveira. **In the Tropicalia of the Excluded an educational project is consolidated: Merity's Proletarian School and its model of education (1921-1964)**. 2019. 175. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, RJ, 2019.

This dissertation aims to investigate the creation, trajectory and consolidation of the pedagogical, political and educational project of the Proletarian School of Merity between the years of 1921 and 1964. A barn of experiences and revolutionary ideals, in which it was born in 13 of February 1921, in the heart of the Baixada Fluminense, in the village of Merity, today Duque de Caxias (RJ). It is in this tropicália, under the direction of Armanda Álvaro Alberto, a signatory of the Education New Pioneers Manifesto, an educator who was part of the National Liberation Alliance (ANL), the Brazilian Association of Education (ABE) and the Brazilian Women's Union (UFB), which along with several intellectuals and collaborators, implements an innovative education system in that locality, uniting education and health, thus strengthening body and mind. The Proletarian School adopting the methods and references of Escolanovismo embark on regional teaching as a parameter of teaching and actions for their practices in daily life, serving as a pedagogical reference for other school institutions in Brazil and Latin America. Offering to its students free lunch, fruit of several donations of local residents and their own school garden, in which their students participated actively, from planting to harvesting, ends up being affectionately recognized in the region as Mate School with Angu. The project in its original form ends at the end of the year 1964, for not accepting the incorporation of the same in the state education network of Rio de Janeiro, because it is a "school of communists".

**Keywords: Baixada Fluminense; New school; Regional Teaching, Proletarian School of Merit, Armanda Álvaro Alberto.**

## RESUMEN

FRESCURATO, Caruanã Guatara Oliveira. **En la Tropicália de los Excluidos un proyecto educativo se consolida: La Escuela Proletaria de Merity y su modelo de educación (1921-1964)**. 2019. 175. Disertación (Maestría en Educación, Contextos Contemporáneos y Demandas Populares). Instituto de Educación / Instituto Multidisciplinario, Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica / Nova Iguaçu, RJ, 2019.

Esta disertación tiene por objetivo investigar la creación, la trayectoria y la consolidación del proyecto pedagógico, político y educativo de la Escuela Proletaria de Merity entre los años 1921 hasta el año 1964. Un granero de experiencias e ideales revolucionarios, en el que nace en 13 de febrero de 1921, en el seno de la Baixada Fluminense, en la Villa de Merity, hoy Duque de Caxias (RJ). En esta tropicália, bajo la dirección de Armanda Álvaro Alberto, signataria del Manifiesto de los Pioneros de la Educación Nova, una educadora que formó parte de la Alianza Nacional Libertadora (ANL), Asociación Brasileña de Educación (ABE) y de la Unión Femenina de Brasil (UFB) , que junto con diversos intelectuales y colaboradores, implanta un sistema de educación innovador en esa localidad, uniendo educación y salud, fortaleciendo así cuerpo y mente. La Escuela Proletaria adoptando los métodos y referencias del escolanovismo se embarcan en la enseñanza regional como parámetro de enseñanza y acciones para sus prácticas en el día a día, sirviendo así, como referencia pedagógica para otras instituciones escolares en Brasil y en América Latina. En el caso de los alumnos de la escuela, los alumnos de la escuela y los alumnos de la escuela, en los que sus alumnos participaban activamente, desde la plantación hasta la cosecha, acaba siendo reconocida cariñosamente en la región como Escuela Mate con Angu. El proyecto en su molde original se cierra a finales del año 1964, por la no aceptación de la incorporación de la misma en la red estatal de enseñanza de Río de Janeiro, por tratarse de una "escuela de comunistas".

**Palabras clave:** Baixada Fluminense; Escuela Nueva; Enseñanza Regional, Escola Proletária de Merity, Armanda Álvaro Alberto.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Título dado pelo JORNAL DO COMMERCIO à reportagem sobre esta experiência educacional.....	19
Figura 2 Mapa de Duque de Caxias e os seus quatro Distritos .....	37
Figura 3 Armanda com seus alunos em Angra dos Reis- 1919.....	68
Figura 4 Roquette Pinto, Anísio Texeira, Edgar Sussekind e ÁRmanda em uma sessão de cinema educativo em Duque de Caxias em 1941. ....	73
Figura 5 Aula de artes organizada pelo artista plástico Barboza Leite em 1957.....	76
Figura 6 Notícia sobre as dificuldades que Armanda enfrentava em suas ações pedagógicas, no começo do projeto da Proletária de Merity .....	99
Figura 7 Aulas de Carpintaria em 1926.....	105
Figura 8 Alunos que foram submetidos às provas- 1937 .....	108
Figura 9 Notícia sobre o concurso de Janelas Floridas sendo passado para além da localidade....	115
Figura 10 Fragmento sobre a Visita de Armanda a Escola de Viçosa .....	116
Figura 11 Visita do professor Moreira de Souza a Escola Proletária de Merity, em 1924 .....	118
Figura 12 Notícia sobre o encerramento do último ano letivo nos moldes originais da Regional de Merity.....	120

## **LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS**

Gráfico 1 – População estimada de Duque de Caxias .....	36
Tabela 1 – Fragmentação da região de Iguazu e área dos novos municípios .....	34
Tabela 2 – Relação de prefeitos de Duque de Caxias no período de 1944 até 1967 .....	41
Tabela 3 – Quantitativo de alunos e a sua média nos respectivos anos .....	96

## LISTA DE ABREVIACOES E SÍMBOLOS

ABE	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO
AEC	ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL
APERJ	ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
AMC	ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO DE COMPOSITORES DA BAIXADA FLUMINENSE
CFSBF	COMISSÃO FEDERAL DE SANEAMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE
CCE	CONFEDERAÇÃO CATÓLICA DE EDUCADORES
CIEP	CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA
CNLD	COMISSÃO NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO
CNPq	CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
DSBF	DIRETORIA DE SANEAMENTO DA BAIXADA FLUMINENSE
EAB	ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
ENJRN	ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE
FAPERJ	FUNDAÇÃO DE AMPARO  PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
IBGE	INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
ICP	INSTITUTO CENTRAL DO POVO
IHDC	INSTITUTO HISTÓRICO VEREADOR THOMÉ SIQUEIRA BARRETO
INCE	INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO
LBCA	LIGA BRASILEIRA CONTRA O ANALFABETISMO

MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO <sup>1</sup>
PROEDES	PROGRAMA DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
UDN	UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL
UERJ	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UFRRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

---

<sup>1</sup> - até 1929, a Educação era representada por uma diretoria no Ministério da Justiça e Negócios Interiores.  
- em 1930, Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública.  
- em 1937, Ministério da Educação e Saúde.  
- em 1953, Ministério da Educação e Cultura.  
Estas são as denominações que abarcam o recorte temporal do nosso objeto de estudo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1-POR UMA BAIXADA QUE CANTA, DANÇA E SE AGIGANTA: COMPREENDENDO A REGIÃO DA GUANABARA</b> .....	29
1.1. Cidade mãe, cidade perfume: Iguassú até 1944 .....	29
1.2. A cidade que dorme Merity e acorda Duque de Caxias: de Merity a Lurdinha .....	35
<b>2 - A ESCOLA NOVA E AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL: ENTRE REFORMAS DOS ANOS 1920, A CRIAÇÃO DA ABE E O MANIFESTO DOS PIONEIROS</b> .....	37
2.1. A Escola Nova no Brasil .....	45
2.2. As Reformas Educacionais dos anos 1920.....	49
2.3. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova .....	53
<b>3 - ARMANDA ÁLVARO ALBERTO E A ESCOLA REGIONAL DE MERITY</b> ....	59
3.1. A intelectual Armanda Álvaro Alberto .....	59
3.2. O primeiro laboratório educacional: Angra dos Reis e os conceitos pedagógicos de Maria Montessori.....	66
3.3. A correspondência como fonte histórica: As cartas de Armanda e suas visões .....	69
3.4. A rede de colaboradores para se realizar um sonho possível .....	72
<b>4 - ENTRE HISTÓRIAS E ARQUIVOS: TRABALHANDO CONCEITOS COM A MEMÓRIA ESCRITA</b> .....	79
4.1. De proletária à Regional de Merity: compreendendo o começo da escola .....	82
4.2. Os relatórios da Regional: reflexões e informações para se compreender a escola .....	85
<b>5 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITY</b> .....	99
5.1. O corpo quer, a alma entende: a relação entre saúde e educação no projeto pedagógico .....	99
5.2. O mate com angu: experiência inovadora no auxílio da aprendizagem .....	101
5.3. A relação entre trabalho e educação na Regional de Merity .....	102
5.4. Os processos pedagógicos da Mate com Angu e a sua consolidação.....	106
5.5. A escola para além dos seus muros .....	111
<b>6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	120
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	124
<b>APÊNDICE</b> .....	145
Apêndice A: Aspectos específicos dos Relatórios Anuais .....	145
<b>ANEXOS</b> .....	159
Anexo A: Quesitos para uma escola se enquadrar em uma Escola Nova, definidos pela Bureau International des Écoles Nouvelles .....	159

Anexo B: Notícia sobre prefeito acusado de desapropriação do terreno que pertencia a Regional de Merity. ....	161
Anexo C: Notícia sobre o decreto 2757 de 4/4/1932 .....	162
Anexo D: Última aparição na ABE de Armanda Álvaro Alberto .....	163
Anexo E: Edital de publicação de chapas para o Sindicato de Ferroviários do Rio de Janeiro no ano de 1959 .....	164
Anexo F: Troca de correspondências entre Monte Aprazível e a Regional de Merity em 1934....	165
Anexo G: Troca de correspondências entre Monte Aprazível e a Regional de Merity em 1941 ...	166
Anexo H: Troca de correspondências entre Moreyra de Sousa e Armanda, em 02/07/1934.....	167
Anexo I: Troca de correspondências entre Moreyra de Sousa e Armanda, em 25/07/1934 .....	168
Anexo J: Aulas ao ar livre em 1946 .....	169
Anexo K: Fotografia com primeiro médico escolar da Proletária de Merity .....	170
Anexo L: Horta escolar da Regional de Merity, em 1926.....	171
Anexo M: Primeiros alunos da Proletária de Merity em 1921 .....	172
Anexo N: Armanda e seus primeiros alunos no ano de 1921.....	173
Anexo O: Propaganda do Cine Merity em 1925 .....	174
Anexo P: Fotografia na nova sede, o projeto educacional se consolida em 1936.....	175

## INTRODUÇÃO

O maior desafio para um pesquisador é quando o seu trabalho retrata algo relacionado à sua terra, mesmo que por uma pequena ligação e, com isso, não permitir a razão e a ciência se seja tomada pela mais pura emoção. Mas, esta força precisa ser direcionada para a tessitura dos caminhos da história e da memória.

A memória escola faz parte da vida de qualquer pessoa que passou pelo processo escolar, sejam memórias afetivas, estagnadas ou simplesmente esquecidas de modo proposital. A escola em si nos marca. Mesmo depois de 20 anos, ainda se pode sentir o gosto de macarrão com salsicha e feijão que a minha primeira escola oferecia. Mesmo com a reforma total da E. E. Duque Costa. Lembro a distribuição espacial da escola, o nome de todas as professoras que me acompanharam ao longo do meu processo de aprendizagem, a situação que era estudar em uma escola totalmente sem recursos, bem na periferia de São João de Meriti, município do estado do Rio de Janeiro.

O que quero apontar neste momento é que a educação pode levar a decadência, ao desconhecimento, a desinformação, mas também pode marcar e transformar, possibilitar e fomentar sonhos.

Pesquisar sobre a Baixada Fluminense<sup>2</sup> sempre foi o meu desejo. Em 1999, assistindo a uma reportagem sobre os 10 anos do desfile antológico “Ratos e Urubus, larguem a minha fantasia<sup>3</sup>” que a escola de samba Beija-Flor de Nilópolis levou para a Sapucaí, no Rio de Janeiro, fiquei emocionado. Ali ouvi pela primeira vez sobre a Baixada Fluminense e uma escola de samba que levou mendigos, um Cristo que mesmo proibido, olhava por nós, uma explosão de cultura que só a região poderia oferecer. O carnaval tem essa singularidade que carrega o seu significado social, carregado de poesia, mas sem fugir da luta, capaz de falar das mazelas sociais, da luta do povo, sem perder a ternura.

Com esta influência, iniciei as minhas atividades na Escola de Música da Associação do Movimento de Compositores da Baixada Fluminense, mais conhecida como AMC, quando

---

<sup>2</sup> Até hoje, não se tem um consenso sobre quais são os limites da Baixada Fluminense, seja no campo social, seja no campo geográfico. Para uma leitura mais detalhada sobre a Baixada, ver as obras de Marques (2006), Rocha (2013) e Simões (2007). Para o campo de abrangência da Baixada, utilizamos como limite os seguintes municípios, a saber: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

<sup>3</sup> Falar desse desfile ou sobre a figura do carnavalesco idealizador do mesmo, Joãozinho Trinta, é por si só facilmente tema para um trabalho de profundidade, como uma dissertação ou tese, porém esse não é o objetivo aqui, ao levantar os fatos da memória afetiva.

tinha aproximadamente 13 anos, eram trabalhados todos os aspectos culturais, artísticos e educacionais que a Baixada poderia oferecer, aprendi a amar a região, um espaço que vem sendo assolado, seja pela violência diária, seja pelo descaso público, mas que como relata muito bem o trecho do hino do município de Guapimirim “somos bravos, somos fortes e jamais seremos fracos, nos braços do vento norte”.

A Baixada para aqueles que não vivem aqui, pode ser considerada um lugar violento, de grupos de extermínio e de total abandono pelo poder público. Sortes daqueles que vivem aqui que, mesmo com toda essa carga negativa figurada pelo lado de fora<sup>4</sup>, consegue sobreviver sem nenhum arranhão. A beleza desta terra está nos detalhes, seja pegando o trem sujo da Leopoldina, descrita nas letras de Solano Trindade<sup>5</sup> que escolheu a região de Caxias para morar e viver, seja na “cidade do amor” ou até na Beija-Flor. Uma terra que matou a sede da Capital quando esta mais precisou<sup>6</sup> e que alimentou corpos e mentes em um projeto educacional nunca antes visto nesse país.

O título que carrega essa dissertação não vem do acaso, o termo “tropicália dos excluídos” foi utilizado em uma reportagem para o jornal O Globo, no ano de 2010, pelo escritor Dudu do Morro Agudo<sup>7</sup>, em que ele relata que a Baixada Fluminense não era só violência, que na Baixada também emanava cultura de vários coletivos, inclusive de um que me saltou os olhos, o Mate com Angu, um cineclube no coração de Duque de Caxias. Na Baixada, acasos e encontros significam transformações e na terra de Tenório Cavalcanti<sup>8</sup>, nada é tão simples como se parece.

Mas o “Mate com Angu” já tinha atravessado minha vida, em uma feliz coincidência que só esse momento poderia revelar, pois desde cedo eu já era um leitor dos jornais que circulavam pelo Rio de Janeiro, graças aos trabalhos que meus pais exerciam que

---

<sup>4</sup> Antes de qualquer leitura sobre a Baixada Fluminense, é necessária uma reflexão profunda sobre o que realmente é a Baixada e o que se pensa sobre a região. O documentário “Nunca fui, mas me disseram” trabalha muito bem essa questão, onde é abordada a visão que o morador da Zona Sul tem sobre a Baixada Fluminense.

<sup>5</sup> Francisco Solano Trindade nasceu em 24 de julho de 1908 em Recife-PE, falecendo em 1974 no Rio de Janeiro. Solano Trindade foi pintor, teatrólogo, ator e militante político. Na poesia, ficou conhecido como “poeta do povo”, pois declamava sobre a cultura brasileira e a valorização da negritude. Em Caxias, escreveu a sua obra mais conhecida “Tem gente com fome” (SOUZA, 2017).

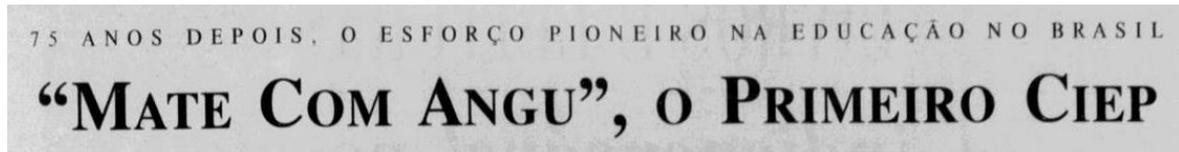
<sup>6</sup> Para saber mais sobre como a Baixada matou a sede da Capital Fluminense, ler Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi, de José Murilo de Carvalho (2014).

<sup>7</sup> Segundo o livro Enraizados: os híbridos locais (2010), Flávio Eduardo da Silva Assis, ou Dudu de Morro Agudo, é rapper, produtor cultural, escritor e referência cultural na Baixada Fluminense. Criador da organização de hip hop Enraizados que produzem diversas músicas e materiais culturais.

<sup>8</sup> Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque ou Tenório Cavalcanti é uma figura singular na Baixada Fluminense. Vindo de Alagoas, na década de 1920, fixa sua residência em Duque de Caxias/RJ e logo ganha destaque, tanto na política, quando na violência da Baixada. Para se compreender a vida de Tenório, é fundamental a leitura do livro “Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada”, de Israel Beloch (1986). Falarei mais sobre esse personagem impar no capítulo dedicado a Baixada Fluminense.

demandavam uma grande quantidade de jornais, e um deles era o Jornal do Commercio, um jornal criado em 1827 e que encerrou suas atividades em 2016. Assim, foi possível passar pela seguinte reportagem que segue na figura a seguir:

**Figura 1 Título dado pelo JORNAL DO COMMERCIO à reportagem sobre esta experiência educacional**



Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 26 de agosto de 1996.

Desta forma, essa pesquisa se desdobra como a continuação do tema de monografia Celeiro de ideias educacionais transformadoras: a História da Escola Proletária de Merity-Escola Mate com Angu (1921-1945)<sup>9</sup> como trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Campus de Nova Iguaçu<sup>10</sup>. É notório que um trabalho de conclusão de curso na graduação não poderia abarcar os diversos porquês do tema, algumas perguntas só poderiam ser levantadas com o amadurecimento teórico-metodológico que a pós-graduação poderia oferecer.

O objetivo primário de contar a história e a consolidação do processo pedagógico da Escola Proletária de Merity e o seu próprio fortalecimento segue os fios de memória, pois “na construção da memória, lembra-se esquecendo, esquece-se lembrando” (ROLLEMBERG, 2006, p. 7). Assim, estabeleço uma linha do tempo que segue paralelamente a história da escola, passando por suas práticas pedagógicas libertárias que revolucionaram a forma de ensinar-aprender naquela região. Sempre recordando a memória, através de documentos escolares, unindo várias memórias, o de quem a construiu direta ou indiretamente, vivendo o cotidiano da escola e a contada por notícias e relatórios, não deixando de salientar o fato de que não se trata apenas da organização de uma memória singular, vista por Armanda perante a escola, pois essa pesquisa utiliza-se de seus documentos pessoais, mas, sim, fazendo a construção da memória social dessa instituição de ensino, como fala Silva:

<sup>9</sup> Defendida no ano de 2014, sob a orientação do professor Flávio Anício Andrade.

<sup>10</sup> Segundo informação obtida no Centro de Memória da UFRRJ, o Campus de Nova Iguaçu da UFRRJ nasce em 2006, no qual é inicialmente instalado na Rua Capitão Chaves e no Colégio Municipal Monteiro Lobato, com apenas 6 cursos de graduação. Atualmente, através do Programa de Apoio o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado através do Decreto nº. 6.096, de 24 de abril de 2007, o Campus se encontra em nova sede, na Avenida Gov. Roberto Silveira, no bairro Moquetá, em Nova Iguaçu contando com 11 cursos de graduação, diversos cursos de pós-graduação lato e stricto sensu.

Quando recordamos, agimos individualmente. Essas lembranças, quando são reveladas e socializadas, tornam-se fatos sociais. A memória individual torna-se então memória social. Ou memória coletiva. Uma das funções sociais dessa memória é dar uma identidade aos grupos que a produzem. Nesse sentido, em uma sociedade não existe uma memória, e sim múltiplas, tantos quantos forem os grupos que a compõem (SILVA, 2003, p. 53).

Defino como objeto de estudo a dinâmica educacional e social da mencionada escola, não se tratando meramente de um trabalho de indicação de atividades, apenas para registro, mas da análise do sistema pedagógico e organizacional da escola. Para análise deste objeto, tomo como referência empírica o processo de implantação, desenvolvimento e transformações da Escola Proletária de Merity, bem como as atividades educacionais ali inseridas. Ao contar a história da escola, revelam-se as ações pedagógicas que a fizeram transformar-se em uma referência de escola na época, desde a não utilização de notas ou castigos com os alunos, até o ensino integral<sup>11</sup>, acompanhado de instrução técnica oferecida nas diversas oficinas que a escola tinha como a de carpintaria, passando pela inserção da família na escola. Bourdieu afirma que a família desempenha um papel fundamental no que se refere à transmissão dos valores, principalmente os culturais que tangem aquele núcleo familiar, comportamentos nas diferentes classes sociais, uma vez que ela possibilita a incorporação do “habitus primário” em cada indivíduo (BOURDIEU, 1996, p. 206), por isso a importância de compreender as relações entre as famílias dos alunos da escola.

Assim, o objetivo dessa dissertação é buscar algumas respostas sobre a construção e a consolidação do processo pedagógico da Escola Proletária de Merity no período que compreende o ano de 1921 até o ano de 1964, sem a finalidade de esgotamento do assunto, visto que todo o trabalho acadêmico deixa lacunas que considero pontes para que futuros trabalhos as atravessem.

O estudo sobre as instituições educativas vem aparecendo cada vez mais em pesquisas, especialmente quando se relacionam com a História da Educação no Brasil, sendo um relevante campo temático da historiografia da educação brasileira (GATTI JUNIOR, 2002).

O próprio conceito e a compreensão sobre instituições escolares estão intrinsecamente relacionada à História da Educação no Brasil em que aparecem variações ao longo do tempo. A educação se dá em espaços escolares e não escolares, mesmo assim o espaço escolar é de fato o espaço oficial passa a compreensão e a transmissão do saber daquela sociedade onde

---

<sup>11</sup> Cabe aqui registrar que o conceito de ensino integral aparece já no relatório de 1921, que significava que a criança ficaria o dia todo na escola, em atividades escolares pela manhã e oficinas técnicas à tarde (ALBERTO, 1921).

ela está inserida. A história das instituições escolares, desde o século XX, poderá observar a definição de como foi escrita à história das instituições escolares no Brasil.

Os conceitos empregados sobre instituições escolares se encontram, sobretudo em Saviani (2005), que se trata da materialidade da instituição escolar para atender àquela sociedade em que está inserida, produzindo e reproduzindo saberes e costumes de forma primária, mas não sendo detentora exclusiva desta atividade dentro da sociedade (SAVIANI, 2005). Sigo, também, com Nóvoa (1999), no aspecto modificações das instituições escolares ao longo do tempo, passando pelo entendimento de que para se compreender esse movimento, precisa-se ir além de sua complexidade técnica, científica e humana (NÓVOA, 1999).

Ao falar das instituições escolares sempre aparecerão sujeitos que, de certa forma, contribuíram para a história e a importância da instituição, seja o diretor ou um/a professor/a com a sua prática, só assim a instituição escolar passa a ter importância para a História da Educação, não sendo mais uma na rede, mesmo que “todos os fatos educativos sejam históricos. Configurações específicas os precedem, tramas de encaminhamentos são tecidas ao longo do tempo” (WERLE; DE SÁ BRITTO; COLAU, 2007). Entendo que toda escola tem um papel expressivo na sociedade, seja em menor ou maior grau, mas para a História da Educação, nem toda instituição escolar tem distinção, sob a ótica da macro-história na perspectiva da história educacional (BARROS, 2004).

A escolha e os caminhos em que se inserem o tema dessa pesquisa se justificam em especial, devido às mudanças historiográficas que ocorrem ao longo do tempo, basicamente quando se tratam de historiografia das instituições escolares e suas práticas pedagógicas. Quando não conhecemos a história de nossa terra e do nosso povo, por muitas vezes ela é fadada a cair no esquecimento. Quando a história de um povo é contada, muitas outras são reveladas. Halbwachs, no livro *A Memória Coletiva*, afirma que as “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se tratem de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Pensar em história, essencialmente a educacional brasileira, é passear por vários períodos, criando diálogos e, de preferência, conectando os pontos com os diversos atores e ações dentro da sociedade. Para se trabalhar a História da Educação, os sujeitos nela implicados devem ser construídos e explorados, só assim, será possível compreender os múltiplos contextos aplicados implicados nesta construção. Para, além disso, trabalhar e compreender os sujeitos vai ao encontro da compreensão do tempo presente.

Pensar em educação e nos seus moldes ou modelos, não apenas em sua estrutura física, mas na simbólica, que atravessa as concepções pedagógicas, como esta pesquisa se propõe é sair do espaço do imediatismo e das respostas prontas. Isso significaria mergulhar em uma superficialidade bem perigosa, no sentido de olhar o passado com os olhos do presente e para que isso não ocorra é primordial dialogar sempre com o tempo e o seu espaço.

O ser humano desde os primórdios não vive isoladamente. Logo, a prática pedagógica não pode se dissociar desse elemento, ou seja, da natureza social do homem. Pensando a educação nesse caminho de trocas, entre saberes dentro e fora da sala de aula, principalmente utilizando-se da incrível capacidade de interação com o espaço e o processo de busca e construção do conhecimento, pautado no regionalismo, a Escola Proletária de Merity avança para um ensino inovador quando o resultado dos recursos utilizados no desenvolvimento da criança é potencializado através das relações entre os/as alunos/as e seus/suas professores/as com práticas pedagógicas que utilizaram o meio social como ponto de interação com a prática de ensino, sendo assim, ensinavam com os elementos que estavam no dia a dia das crianças.

É na escola onde acontecem os principais momentos de interação social para a criança, sobretudo, durante os primeiros momentos de desenvolvimento social da mesma. É neste espaço que a criança tem o seu primeiro contato social diversificado, fora do campo familiar, começando o ensaio para a criação de uma consciência coletiva e de cidadania. Indo ao encontro da ideia relacional entre escola, localidade e sociedade, Dias e Bezerra (2014) traçam um panorama de interligação entre os processos escolares e a própria região da Baixada Fluminense:

Os processos de escolarização e o desenvolvimento das instituições culturais, contudo, não podem ser pensados de forma a isolar o objeto de suas conexões com o território e com os processos econômicos, políticos, com os mundos do trabalho, com as relações sociais produzidas de gênero, raça e classe social. Dialeticamente, não é possível compreender os diferentes movimentos de gestão dos municípios da Baixada Fluminense sem compreender as funções atribuídas à educação, em múltiplos contextos históricos (DIAS; BEZERRA, 2014, p. 2).

As escolas - em sua maioria- até a década de 1920, não só na Baixada Fluminense, mas no Brasil, eram de iniciativa privada, já que a sociedade era oriunda do meio rural, não sendo necessária grande instrução ou letramento, logo, não precisava de um investimento maciço do Estado (ROMANELLI, 2014). Embora, desde 1827, o Decreto Imperial de 15 de outubro, apontasse a necessidade de criação das escolas de primeiras letras nos lugares em que se tinha uma maior concentração populacional. Com um quadro desfavorável, a

legislação à época não especificava a obrigação de qual poder (municipal, estadual ou federal) deveria ofertar a educação inicial.

A década de 1920, na área da educação, foi um período de grandes iniciativas. Foi a década das reformas educacionais. Não havia ainda um sistema organizado de educação pública, como é hoje a rede de ensino controlada pelo Ministério da Educação e do Desporto. Abriu-se assim um grande espaço para propostas em prol da educação. Um dos movimentos mais importantes da época ficou conhecido com o nome de Escola Nova. Grandes temas e grandes figuras ficaram associados a esse movimento. A defesa de uma escola pública, universal e gratuita se tornou sua grande bandeira. A educação deveria ser proporcionada a todos, e todos deveriam receber o mesmo tipo de educação. Pretendia-se com o movimento criar uma igualdade de oportunidades. A partir daí, floresceriam as diferenças naturais segundo os talentos e as características de cada um. O ensino deveria ser leigo, ou seja, sem a influência e a orientação religiosa que tinham marcado os processos educacionais até então. A função da educação era formar um cidadão livre e consciente que pudesse incorporar-se ao grande Estado Nacional em que o Brasil estava se transformando. Entre os educadores que lideraram o movimento da Escola Nova estão Anísio Teixeira, da Bahia, Fernando de Azevedo e Manuel Lourenço Filho, de São Paulo. Várias reformas foram realizadas no Brasil na década de 1920: 1920 - Sampaio Dória realiza em São Paulo a primeira dessas reformas regionais do ensino; 1922-1923 - Lourenço Filho é chamado ao Ceará para realizar a segunda dessas reformas; 1924 - Anísio Teixeira traz para a Bahia a experiência que acumulou em cursos de educação nos Estados Unidos, onde foi aluno de John Dewey, o grande idealizador do movimento da Escola Nova norte-americano, que inspirou o do Brasil; 1925-1928 - José Augusto Bezerra de Menezes, no Rio Grande do Norte, dá continuidade ao movimento de reformas. Nos anos de 1927-1928 é a vez do Paraná, com Lisímaco Costa. Nesses mesmos anos, Francisco Campos marca o estado de Minas Gerais com seu projeto de reforma. A mais importante de todas, no entanto, foi feita no Distrito Federal, então capital da República, liderada por Fernando de Azevedo nos anos de 1927-1930 (CPDOC-FGV)<sup>12</sup>.

José Lustosa, em seu trabalho para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), faz um panorama sobre a situação escolar em Duque de Caxias. Segundo o autor, a primeira escola fundada na Baixada Fluminense foi iniciativa de Aristeu Rosa e de Dermeval Câmara Alves. Criada em 28/10/1827, a escola teve vinte e seis anos de existência, tendo como a primeira aluna matriculada a esposa de Dermeval (rompendo com o tradicionalismo operante na época), porém essa escola foi de cunho particular (LUSTOSA, 1958, p.172).

São mais de noventa anos de história educacional na Baixada Fluminense. Histórias muitas vezes esquecidas pelos livros didáticos e até mesmo acadêmicos e quando lembrada, ficam fadadas ao esquecimento em prateleiras longe da população. Por isto, a importância da

---

<sup>12</sup> Disponível em

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/QuestaoSocial/ReformasEducacionais>.

discussão da importância histórica da Escola Regional de Merity, uma instituição de ensino cujas práticas pedagógicas estiveram sempre à frente do seu tempo, utilizando como princípios o ensino regional e popular.

Uma escola que não é um patrimônio histórico<sup>13</sup> apenas para os moradores de Duque de Caxias, município do estado do Rio de Janeiro, mas também um patrimônio da história educacional do Brasil. Também é importante repensar o papel social e educacional desta escola, essencialmente no período pós-30, momento que é publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova<sup>14</sup>, em que Armanda fora signatária, fazendo levantar a possibilidade da experiência educacional da Escola Proletária de Merity ter influenciado na elaboração desse importante documento para a educação brasileira, pois a grande parte, senão a maioria das instituições escolares apareceria como um espaço estratégico de disseminação dos valores e princípios conformadores da nova ordem social em construção (ANDRADE, 2013, p. 21).

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa de caráter bibliográfico e documental, com os aportes da História Cultural e da História Política, por partirmos da consideração de que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA e MENEZES, 2001, p. 20).

A primeira fonte bibliográfica trabalhada para se compreender o objeto da pesquisa foi a obra da professora Ana Chrystina Venâncio Mignot ‘Baú de memórias, bastidores de Histórias: O legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto’ (2002). A leitura é obrigatória para qualquer pesquisador que deseja se aprofundar sobre o tema. Mignot desvenda o baú de Armanda Alberto, em que estavam todas as informações guardadas por ela ao longo dos anos. O livro tem um embasamento muito rico, seguindo uma linha temporal, carregada de significados, e possibilita a compreensão dos motivos da instalação da Escola Regional de Merity e também um pouco do seu aspecto pedagógico.

Seguindo por esse caminho, outra fonte que contribuiu de forma significativa para a pesquisa foi a tese de José Damiro de Moraes<sup>15</sup> “Signatárias do manifesto de 32: trajetórias e

---

<sup>13</sup> Poucos olhares conseguem enxergar a escola como um patrimônio histórico, em seu livro “História o prazer em Ensino e Pesquisa”, Marcos A. da Silva (1996) afirma que ao ampliar essa visão “é possível desdobrar tal compreensão de escola e educação como patrimônio histórico também para entender o processo educativo de diferentes grupos sociais” (SILVA, 1996, p. 97).

<sup>14</sup> Falei mais profundamente sobre esse Movimento no “subcapítulo 2.3. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova”.

<sup>15</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (NEPHEB/HISTEDBR).

dilemas” (2007). Um dos capítulos foi dedicado à Armanda e à sua experiência escolanovista na educação e o cunho ideológico do seu modelo pedagógico.

Por fim, completando essa tríade bibliográfica inicial, trabalhei com o documentário escrito “A escola regional de Meriti: documentário: 1921-1964”, editado e publicado pela primeira em no ano de 1968, pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em que a própria Armanda assina e que possui textos de Tristão de Athayde<sup>16</sup>, Edgar Süsssekind de Mendonça, Francisco Venâncio Filho, Yvone Jean entre outros/as. Essa obra, reeditada em 2016<sup>17</sup>, faz um panorama dos diversos aspectos ao longo da história da escola. O material é rico pelos detalhes que permitem compreender o pensamento político-educacional de Armanda Álvaro Alberto e como se construiu a ideia de criar uma escola bem no coração da Baixada Fluminense.

Quanto à coleta de dados, utilizei a pesquisa documental como fonte primária, baseada nos relatórios anuais, diários escolares, nas publicações de diversos jornais acerca da história da Escola Proletária de Merity e nas diversas cartas e memorandos de Armanda Álvaro Alberto que contêm informações que contribuíram para responder às possíveis lacunas da pesquisa. Os dados coletados foram mapeados a fim de organizá-los. Posteriormente, a sua classificação foi baseada na fundamentação teórica pesquisada, e as informações encontradas foram questionadas quanto à sua relevância. A análise final contou com a preocupação em articular os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos, promovendo assim a relação entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática (MINAYO, 1992).

Esses documentos foram as principais fontes primárias para a pesquisa. Foram norteadores, tanto para a coleta de dados quanto para a verificação das informações obtidas em outras fontes.

Os escritos revelam como era a educação no município e como era a escola, além disso, é um registro das práticas pedagógicas ocorridas na escola e como esta se relacionava com a comunidade. Ainda citando os documentos como fonte histórica, tenta-se construir, indiretamente, as práticas a partir das normas ditadas nos programas oficiais ou nos artigos das revistas pedagógicas além dos diversos documentos sobre a escola (JULIA, 2012, p. 17).

---

<sup>16</sup> Segundo Ferreira (2001), Tristão de Athayde era o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, utilizado a partir de 1919, quando iniciou a sua colaboração em "O Jornal".

<sup>17</sup> Cabe neste momento levantar o motivo de sua reedição: em 2013, começou a construção de um shopping Center ao lado da escola, ameaçando sua preservação e estrutura. Graças ao Fórum de Oposição e Resistência ao Shopping (Foras), uma articulação com diversos segmentos na cidade, esse projeto agressor ao patrimônio educacional brasileiro foi sustado. Infelizmente, não se sabe até quando.

Antecipo que um dos principais documentos para o embasamento desta pesquisa foram os relatórios anuais escritos por Armanda, visto que eram distribuídos entre os colaboradores e simpatizantes da escola com o conteúdo constituído pelo cotidiano da instituição, balanço financeiro, as possibilidades e resultados pedagógicos, frequências escolares, a situação da saúde dos/as alunos/as e a previsão das atividades, assim como as necessidades da escola. Sem esse material, seria quase que impossível saber como eram as práticas e o projeto educacional-político-pedagógico, porém, para não correr o risco de construir uma visão unilateral da história da instituição escrita por Armanda, incluí outras fontes de pesquisa, principalmente os jornais e os relatórios do Departamento de Educação do estado do Rio de Janeiro para confrontar as diferentes fontes de informação.

Ir a diversas fontes de pesquisas, foi essencial, além da pluralidade de informações, foi possível ter um panorama mais descritivo das atividades escolares e do processo pedagógico. A pluralidade de fontes a serem pesquisadas, nos deu uma noção de qual caminho seguir ao longo da pesquisa, singularmente com relação aos dados como quantidades de alunos, atividades realizadas, o programa pedagógico e sim e como a rede de colaboradores fora essencial para a manutenção e a permanência da escola no cenário educacional.

Ir a diversas fontes de pesquisas foi essencial. Além da pluralidade de informações, foi possível ter um panorama mais descritivo das atividades escolares e do processo pedagógico. A pluralidade de fontes a serem pesquisadas, nos deu uma noção de qual caminho seguir ao longo da pesquisa, singularmente com relação aos dados como quantidades de alunos/as, atividades realizadas, o programa pedagógico e compreender como a rede de colaboradores fora essencial para a manutenção e a permanência da escola no cenário educacional.

Os jornais que circularam na época também tiveram relevância nessa pesquisa, pois foi perceptível que ao longo do tempo, com suas práticas pedagógicas, a escola ganha a projeção nacional, através da troca de experiências ocorridas na Associação Brasileira de Educação (ABE).

Uma escola à frente do seu tempo, talvez esse seja o termo mais apropriado para designar a Escola Proletária de Merity e os seus atributos nessa primeira apresentação. Uma escola que em 1921 foi além do processo ensino aprendizagem ultrapassando o viés do saber erudito que era passado nas escolas da época. Seguindo as orientações pedagógicas de Armanda, a escola foi uma verdadeira ‘metamorfose ambulante’, a começar pelo nome: Escola Proletária de Merity, passando para Escola Regional de Meriti, terminando o seu ciclo como Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto, mas ficando carinhosamente reconhecida como Escola “Mate com Angu”, prova de que a escola não era apenas um espaço físico inanimado,

uma construção vazia e sem sentido. Ao contrário, a Escola Regional demonstra em suas práticas que sempre esteve viva e o seu sucesso é atribuído em parte, pela sua capacidade de se adaptar ao meio, visto que ela estava inserida na Baixada Fluminense. Se até o espaço geopolítico da região sofreu profundas transformações ao longo tempo, como canta Zeca Pagodinho na epígrafe deste trabalho de pesquisa, não teria motivos para uma “escola viva” não seguir os mesmos caminhos da transformação.

Ao pesquisar a história dessa Escola, desvenda-se não somente a história de uma pequena escola na Vila Merity, mas uma diversa teia de conhecimentos e esperanças. Graças aos relatórios anuais, enriquecidas com as fotografias complementando o discurso inserido, foi possível (re) contar essa história.

Armanda nos mostra que a educação está para além da sala de aula, para além das quatro paredes que tanto limitam, formatam e compactam os/as alunos/as. A educação pode estar em qualquer lugar, trabalhando com a realidade dos/as alunos/as da escola, é o que o ensino regional prega: aprender o mundo, sem deixar de conhecer a sua localidade, a sua vivência. Armanda também mostrava que o/a professor/a tem que desvencilhar do papel de autoridade maior na instituição escolar, esse poder que ‘é dele/a por direito’ acaba limitando a sua atuação em sala de aula.

Como primeiro passo da pesquisa, no capítulo **POR UMA BAIXADA QUE CANTA, DANÇA E SE AGIGANTA: COMPREENDENDO A REGIÃO DA GUANABARA**, organizo informações essenciais para o entendimento da construção da região da Guanabara, compreendida pela Baixada Fluminense, de Iguaçu, região mãe dos municípios baixadenses, sendo depois chamada de ‘a cidade perfume’, com os seus laranjais, indo até a história política e social de Duque de Caxias, que parte desde a sua emancipação, até o ano de 1964 e como a sua situação política influenciou a Escola Regional de Merity.

Discuto no segundo capítulo, intitulado **A ESCOLA NOVA E AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL: ENTRE REFORMAS DOS ANOS 1920, A CRIAÇÃO DA ABE E O MANIFESTO DOS PIONEIROS**, o movimento da Escola Nova no Brasil e o que esse movimento propunha para a educação, as reformas educacionais que aconteceram no país no período proposto, a sua atuação e o seu desenvolvimento, passando pelo significado do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e terminando com as mulheres signatárias do Manifesto e qual o seu papel dentro da educação brasileira.

No terceiro capítulo, **ARMANDA ÁLVARO ALBERTO E A ESCOLA REGIONAL DE MERITY**, analiso o papel de Armanda e de outros profissionais na escola. Quais foram as atividades exercidas na escola por eles e se as propostas pedagógicas

influenciaram outras iniciativas educacionais fora da Escola Regional de Merity. A atuação desses profissionais, incentivada por diversos segmentos nacionais e internacionais, possibilitaram articulações com outros agentes e campos, propiciando uma ampla rede de ajuda educacional. Neste capítulo, busquei compreender o local da Escola Regional de Merity e o que condiz realmente com as informações obtidas através das fontes de pesquisa. Neste momento, trabalhei essencialmente com as fotografias das atividades pedagógicas da Escola e as cartas que Armanda enviava para os amigos e colaboradores da instituição. É neste viés que procurei compreender qual era a rede de colaboração que manteve o projeto educacional vivo durante mais de quarenta anos. Caracterizo a Armanda e a sua atuação política e de como isso influenciou ou não o aspecto pedagógico da escola, fazendo o caminho desde a ABE, o que foi e qual era a importância desta para a educação do Brasil, passando pelo Manifesto de 32 e findando em 1964, quando o estado se nega incorporar a Escola Regional em sua rede.

No quarto capítulo, **ENTRE HISTÓRIAS E ARQUIVOS: TRABALHANDO CONCEITOS COM A MEMÓRIA ESCRITA**, realizei o aprofundamento das informações contidas nos relatórios da Regional, fazendo as reflexões sobre o conteúdo dos relatórios. As informações obtidas foram confrontadas e enriquecidas com outras fontes coletadas ao longo da pesquisa.

Por fim, em **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITY**, quinto capítulo, apresento a relação entre saúde e o projeto pedagógico da Escola, o significado do termo ‘mate com angu’, que se transformou em nome, adjetivo e simbolismo para a Regional, a relação entre o trabalho e a educação na Regional de Merity e como foi a consolidação do processo pedagógico da Escola. Elaborei a contextualização histórica da Escola Regional de Merity, ampliando o registro da história da instituição escolar, para assim começar a compreender em quais moldes a mencionada escola foi fundada. Mergulharei nos desafios educacionais e sociais enfrentados pela referida escola e a sua relação com a comunidade a fim de compreender quais foram os benefícios que a escola levou para a população local e, primordialmente, qual era o aproveitamento dos/as alunos/as com as atividades propostas.

# **1 - POR UMA BAIXADA QUE CANTA, DANÇA E SE AGIGANTA: COMPREENDENDO A REGIÃO DA GUANABARA**

## **1.1. Cidade mãe, cidade perfume: Iguassú até 1944**

Olhar a Baixada Fluminense e contar a sua história é um caminho meticuloso e árduo, pois o seu processo de construção não foi tão simples como se parece, primeiro porque a região foge completamente da homogeneidade, seja no aspecto populacional, cultural, geográfico, seja por qualquer outra forma de comparação com outra região do país.

O conhecimento existente sobre a Baixada Fluminense foi construído por duas concepções distintas: uma montada através das notícias e relatos que expressam a violência que ocorreu na região, principalmente entre os anos de 1950 e 1980, tornando uma imagem engessada da realidade sociocultural da região. É evidente que a região passou, e ainda passa, por problemas sociais e que esses problemas interferem diretamente em diversos aspectos aqui abordados, porém, não podemos renegar que existe outra visão possível que se assenta numa perspectiva de construção histórica da localidade.

A literatura especializada sobre o assunto teve um crescimento significativo associadamente com as novas descobertas sobre a região principalmente no final dos anos de 1990 e com o ápice a partir de 2000. Ainda sobre a literatura, podemos citar PEREIRA (1977); SOUZA (1992); ALVES PRADO (2000); ENNE (2002) e SIMÕES (2007) como as principais referências para a construção dos caminhos históricos e do aprofundamento teórico sobre a região da Guanabara.

Esse campo de construção é referência na elaboração deste capítulo sobre a região que compreende o começo da construção territorial do que hoje é Nova Iguaçu, cidade que deu origem a quase todos os municípios que constituem a Baixada.

A Baixada Fluminense é a região periférica do Rio de Janeiro, sendo conhecida, também, como Baixada da Guanabara ou Recôncavo da Guanabara. A Baixada da Guanabara, desde o período colonial, era uma região formada por vários rios e brejos. De mata fechada e de difícil acesso. Sua colonização só começou a ter sucesso a partir do escoamento de suas águas, a princípio para eliminar as doenças, principalmente a malária.

Como esclarecido anteriormente, a definição empregada para se limitar a Baixada será a social, mas cabe levantar que umas das definições sobre quais municípios formariam a

Baixada Fluminense tem como eixo o processo de ocupação da região. Se olharmos sob este prisma foi através dos principais rios da região, os rios Meriti, Estrela, Sarapuí, Saracuruna, Inhomirim, Guaxindiba, Macacu e o rio Iguaçu, que a Baixada Fluminense constituída por apenas 13 municípios, excluindo Seropédica e Itaguaí, pois ambas as regiões são oriundas da Fazenda Santa Cruz, formando a Baixada de Sepetiba. Assim, nessa configuração geográfica, pode-se denominar essa constituição de território como a Baixada Histórica (TORRES, 2004).

Inicialmente, quero refletir à luz deste trabalho, como se deu o processo de desenvolvimento social da região, através da construção de sua história, pois só assim, é possível esclarecer como aconteceu a divisão político-administrativa, mais precisamente, a fragmentação territorial da Baixada Fluminense, em principio, representado pela totalidade de Iguaçu.

O atual nome do município de Nova Iguaçu vem da união entre o português Nova e o tupi, Iguaçu, que significa grande quantidade de água, certamente o nome se deriva pela quantidade de rios que cortavam a região. Toda a área que antes era habitada pelos Tupinambás, foi doada no século XVI para Martim Afonso de Sousa, como parte da capitania de São Vicente, passando mais tarde em 1567 a Brás Cubas, que desenvolveu a agricultura baseada no arroz, milho, mandioca, feijão, cana de açúcar. Com o passar dos anos, com a chegada monges beneditinos, os mesmos começaram a comprar terras na região, formando uma grande fazenda: a Fazenda Iguassú (RODRIGUES, 2006).

Cabe destacar que a atividade econômica da região era baseada na agricultura de subsistência, fornecendo todo tipo de gênero alimentício para a capital, além de lenha e madeira. Para José Alves (2003) além dos gêneros citados, a cana de açúcar bem como a aguardente era fonte de riqueza e trabalho, devido a toda logística de transporte, devido ao ponto estratégico que a região possuía, acabou favorecendo o escoamento de insumos, principalmente pela via fluvial.

Nas terras da Baixada a produção de açúcar e de aguardente para exportação predominava como forma central de atividade econômica. A produção de farinha, milho, arroz e feijão e a extração de madeira tinham um caráter de subsistência, mas também se destinava ao abastecimento da cidade carioca. Contudo, o posicionamento geográfico dessa região enquanto zona intermediária entre o porto do Rio de Janeiro e o hinterland fluminense e mineiro definiu a Baixada, sobretudo, como uma região de passagem (ALVES, 2003, p. 32).

Mas, foi somente em 15 de janeiro de 1833 que Iguassú<sup>18</sup>, surgiu. O progresso na cidade veio com a abertura da Estrada Real do Comércio, que ligava Iguassú até o porto de Ubá<sup>19</sup>, recebendo toda a produção cafeeira da região do Vale do Paraíba e de Minas Gerais.

Tornando-se a primeira via aberta no Brasil, a Estrada do Comércio se tornou o principal caminho, pois era por essa via que passava toda a produção de café vinda do interior do país. É interessante tocar no tema sobre o plantio de café no Rio de Janeiro, aqui em questão na região nesse período, pois dialogando com as obras de Waldik Pereira (1977) e Alberto Lamego (1964), reforça-se a ideia de que a cana de açúcar era a principal fonte de renda da Guanabara, como já citado anteriormente, começando em meados do século XVII o seu cultivo, chegando até o final do século XVIII (PEREIRA, 1977), quando esse produto, antes financiador do desenvolvimento da colônia aqui instalada, começa a abrir espaço para a produção cafeeira na região (LAMEGO, 1964).

É importante frisar que esse Recôncavo da Guanabara era constituído de várias fazendas, transformadas em freguesias, como apresenta Lucia Silva:

Até 1833, o Recôncavo era dividido em muitas freguesias: N S do Pilar, N S de Piedade de Iguassu, N S de Piedade de Magé, N S de Marapicu, N S da Guia de Pacobaíba, N S do Amparo de Maricá, São João Batista de Meriti, S João Batista de Itaboraí, São João Batista de Niterói, São Gonçalo de Guaxindiba, S Francisco Xavier de Itaguaí, S Nicolau de Surui, S. Antonio de Jacutinga e S. Antonio de Sá, o limite do Termo (SILVA, 2013, p. 51).

Até hoje, em toda a região, pode-se encontrar regiões com os nomes das velhas fazendas: Fazenda dos Telles, hoje transformado em Vilar dos Teles, bairro de São João de Meriti; Fazenda da Posse, hoje é o bairro da Posse, situado em Nova Iguaçu; Fazenda de Nossa Senhora de Piedade de Magé, hoje Magé é o nome dado ao município. Esse é um assunto bem amplo, pois faltam políticas concretas sobre o fortalecimento da história da região, fazendo com que a própria população resida na região, mas não saiba a origem da denominação daquela localidade.

Prosseguindo na linha cronológica, no ano de 1891, Iguassú passou a se chamar Iguaçu Velha, e a sede do município se denominou arraial de Maxambomba. Deslocando para

---

<sup>18</sup> É necessária a diferenciação entre Nova Iguaçu, Iguassú e Iguaçu Velha, pois não é só uma mudança de grafia. Ao longo desse capítulo, apresentarei a diferença dos três nomes, tanto geograficamente, quanto politicamente.

<sup>19</sup> Esse porto ficava na cabeceira do Ribeirão Ubá, rio que corta a região central de Ubá, entre os rios Paraopeba e Pomba. Hoje o rio se encontra canalizado.

o espaço geográfico atual, a Iguaçu Velha compreende os bairros de Tinguá, Jacutinga e Iguaçu Velho<sup>20</sup>.

A construção da primeira ferrovia no Brasil, a Estrada de Ferro Mauá<sup>21</sup> levou profundas transformações para a região, ligando a Estação de Guia de Pacobaíba até Inhomirim, sendo completada em 1880, fazendo a ligação até Petrópolis. A linha férrea teve o papel delimitador na região: as regiões se desenvolviam ao redor das estações ferroviárias. Guia de Paconaiíba, foi fundada em 30 de abril de 1854<sup>22</sup> que tinha como principal objetivo o escoamento da produção cafeeira do Vale do Paraíba. Quando os rios não eram suficientes para esse escoamento, seja pela alta demanda, seja pelo assoreamento dos mesmos, o transporte ferroviário se tornou o melhor caminho.

O dia a dia era voltado para as estações e a sua linha que passou a ser o principal escoador de produtos e de pessoas na região. Um ponto de referencia na localidade, fazendo crescer estas regiões, como “Brejo (Belford Roxo) e Queimados, por exemplo, consolidando algumas existentes (Maxambomba e Arraial da Pavuna) e causaram a ruína de outras, em especial Pilar e Iguaçu Velha” (SILVA, 2017, p. 5).

Em 1916 que o município deixou de ser conhecido como Maxambomba e passou a ser denominado Nova Iguaçu, mas só em novembro de 1919 foi criada a prefeitura, surgindo assim o poder executivo em Nova Iguaçu, passando o poder para este, que antes era exclusivo da Câmara Legislativa. Essas mudanças ocorreram paralelamente com a transformação do ciclo<sup>23</sup> econômico da região, passando do café para a citricultura, com foco direto nas plantações de laranja.

Durante anos a produção de laranjas movimentou a economia local, em seu período áureo nos anos 1930 e 1950, e por causa do odor da produção e laranjeiras por toda a extensão da cidade, a mesma ficou conhecida como a cidade perfume. A grande produção agrícola

---

<sup>20</sup> Para trabalhar com mais exatidão, como recorte espacial atual, o Iguaçu Velho compreende toda a extensão da Estrada Zumbi dos Palmares (ou Estrada Federal de Tinguá) e da Avenida Olinda.

<sup>21</sup> É conhecida como E.F. Mauá, graças ao seu dono, Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá. O nome original da ferrovia era E.F. Petrópolis.

<sup>22</sup> Nessa data atualmente é comemorado o “Dia da Baixada”.

<sup>23</sup> Aqui o termo “ciclo” é usado com imensa ressalva. Na literatura que auxilia essa dissertação (ALVES, 2003); (SOUZA, 2006); (PAIXÃO, 2008), trabalham o conceito de ciclo do café, o ciclo da laranja, porém não abarcam toda uma problemática que é o início da laranja com o fim do café. Não é com o fim de uma cultura que começa a outra. Nas obras de Nascimento (2013) e Da Silva (2016), mesmo com o advento da laranja, o café, mesmo com uma produção pequena, continuou-se a produzir outras culturas. Exemplo é o Aipim, cultura muito popular, principalmente na região do Tinguá e que dá nome a festa mais importante da região. Outro exemplo para reforçar essa questão é a Fazenda Liberal, situada em Xerém, distrito de Duque de Caxias, que até hoje reforça a produção de café na Baixada.

voltada para a citricultura transforma essa região, Nova Iguaçu se transformou no principal fornecedor no país de laranjas para a Europa (DA SILVA, 2016).

Com a citricultura sendo o principal produto da região, o governo local iniciou o processo de concentração dos recursos, obras e melhorias, para fornecer benefícios ao escoamento da produção de laranja que ali estava sendo desenvolvida (ALEXANDRE, 2014). Para se compreender como o volume de laranjas exportadas aumentou significativamente, no ano de 1927 foram exportadas 359.837 caixas de laranjas, já em 1936, esse número saltou para 3.216.712 de caixas de laranjas anualmente (NASCIMENTO, 2013).

Com a queda brusca da produção de laranjas por consequência da Segunda Guerra Mundial, onde havia laranjais, teve início o processo de divisões e emancipações. Noronha (1997) elenca quatro fatores para um processo de emancipação, a saber: “econômicas, dinâmicas, econômicas por estagnação e políticas” (NORONHA, 1997, p. 47).

Entretanto, seria um equívoco acreditar que apenas a queda das vendas de laranjas desencadeou o seu processo de emancipação. As significativas mudanças de aconteciam na Capital carioca influenciaram diretamente o fluxo de pessoas nesta região, pois, enquanto se modernizava a capital, se expulsava toda a população pobre que ali residia. Iguaçu por ser cortada pela ferrovia que a ligava diretamente ao centro do Rio de Janeiro, era um destino seguro para essa população, começando assim, o processo de transformação para cidade dormitório. A facilidade de se obter um lote ou pedaço de terra contribuiu para essa migração dentro do território Fluminense, pois “os preços acessíveis dos lotes da Baixada e as facilidades que as prefeituras concediam, permitindo inclusive autoconstruções clandestinas, para atrair moradores” (MAIA; RODRIGUES, 2009, p. 385), fazendo assim uma explosão demográfica na região.

Na divisão territorial fixada pelo Decreto Lei Estadual nº 1055 de 31 de dezembro de 1943 para vigorar no quinquênio 1944-1948, o município de Nova Iguaçu figurava então com os 5 distritos: Nova Iguaçu, Belford Roxo, Cava, Nilópolis e Queimados, tendo perdido o distrito de Caxias (agora Duque de Caxias), Estrela (agora Imbariê) e Meriti, os dois últimos que foram constituir o novo município de Duque de Caxias, e o distrito de Bonfim, que foi extinto (RODRIGUES, 2006, p. 52).

O processo de desmembramento de Nova Iguaçu, ao longo dos anos, teve como consequência a atual configuração da Baixada Fluminense, com os sete novos municípios, como mostra a tabela a seguir:

**Tabela 1 Fragmentação da região de Iguazu e área dos novos municípios**

<b>Municípios</b>	<b>Área total km<sup>2</sup></b>	<b>Ano de emancipação</b>
Duque de Caxias	467,62	1943
Nilópolis	19,157	1947
São João de Meriti	35,83	1947
Belford Roxo	77,82	1990
Queimados	75,70	1990
Japeri	81,87	1991
Mesquita	41,48	1999

**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (formulação própria).

Com esses dados, é possível notar que a região de Nova Iguaçu, perde aproximadamente cerca de 800 km<sup>2</sup> com o processo de emancipação, mais da metade de sua área, se comparado que atualmente possui cerca de 520 km<sup>2</sup>. As emancipações, conseqüentemente, fizeram o município sofrer perdas significativas. Com a emancipação de Duque de Caxias em 1943, Nova Iguaçu perdeu acesso total e direto à Baía de Guanabara, com a emancipação de São João de Meriti perdeu sua aproximação com a capital federal na época. A maior perda econômica veio com a criação do Município de Queimados, região onde estava situado o seu principal polo industrial, levando assim, ao declínio de arrecadação e ao desequilíbrio fiscal.

No campo político, as maiores perdas para Nova Iguaçu se deram com a emancipação de São João de Meriti e Duque de Caxias. São João de Meriti por ser cortada pela Estrada de Ferro Rio D'Ouro e a Linha Auxiliar, importante braço de escoação de produtos e circulação de pessoas na região. Em se tratando de Duque de Caxias, a perda foi devida ao seu processo de crescimento, tanto industrial, quanto populacional, se tornando uma das mais importantes regiões da Baixada Fluminense, devido à sua aproximação da Capital Federal da época.

## 1.2. A cidade que dorme Merity e acorda Duque de Caxias: de Merity a Lurdinha

Entendo que os conceitos de Michael Pollack (1992) no que concernem à relevância das memórias locais na construção da sociedade e, principalmente, as memórias subterrâneas são fundamentais na escolha do referencial teórico para contar a história da construção da cidade de Duque de Caxias. Além das contribuições de Pollack, utilizarei os aportes de Saviani (2004) como norteador do trabalho com as ideias pedagógicas e da História da Educação em caráter mais amplo.

No que tange ao aspecto regional, utilizo os trabalhos de Telma Sasso de Lima e Regina Miotto (2007), Martha Marandino (2004), Andrea Rapoport e João Silva (2006). que em sua especialidade e em seus estudos tiveram como escopo a Baixada Fluminense, principalmente Duque de Caxias, como seu recorte espacial.

Dados os esclarecimentos sobre o aporte teórico, entendo que trilharei os seguintes caminhos: compreender as relações de poder entre a estrutura social e a política da região, por isso o trabalho de dissertação de mestrado de Marlúcia Santos de Souza (2002) “Escavando o Passado da Cidade – A Construção do Poder Político Local em Duque de Caxias (1900-1964)” é fundamental para conhecer essa relação; a tese de doutorado de Pierre Alves Costa (2009), ‘Duque de Caxias, cidade dormitório à cidade do refino do petróleo: um estudo econômico-político, do início dos anos 1950 ao início dos anos 1970’ e o trabalho de José Lustosa para o IBGE, intitulado ‘Cidade de Duque de Caxias: desenvolvimento histórico do município: dados gerais’ de 1958, esse, o mais completo em relação a dados referentes à escolarização da população, número de escolas e instituições escolares, principalmente dos primeiros anos de emancipação da cidade.

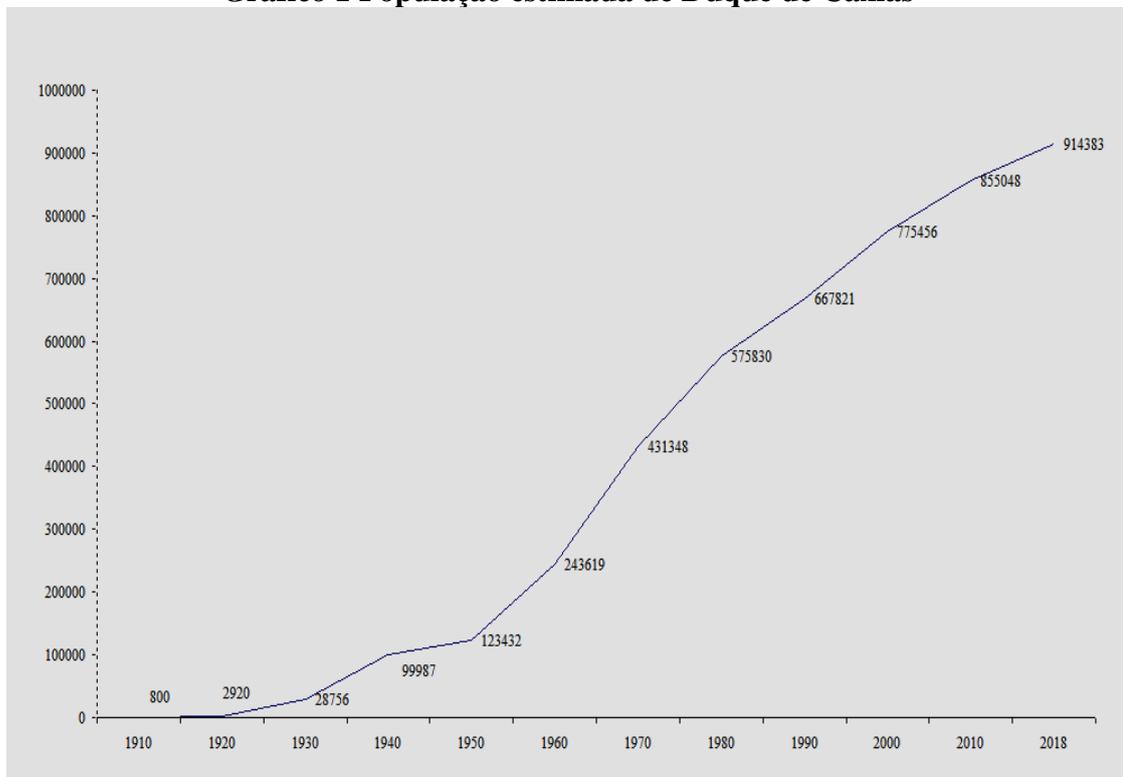
Duque de Caxias nasceu devido à sua emancipação da cidade de Nova Iguaçu, em 31 de dezembro de 1943. Enquanto no passado, a ocupação da região se deu através do controle do poder local baseada em seus interesses particulares, graças ao aparelho burocrático do Estado (SOUZA, 2002), logo, em consequência dessa relação de poder, a luta dos movimentos sociais<sup>24</sup> no tempo presente faz com que a ocupação se dê através do interesse de grupos paralelos que por muitas vezes se confundem com o próprio Estado (ALVES, 2016).

---

<sup>24</sup> Linderval Augusto Monteiro, em seu livro “Retratos em movimento: Vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense” (2016), apresenta a constituição dos movimentos sociais, principalmente aqueles que lutavam por moradia, segurança e saneamento básico. Para se compreender quem eram as lideranças locais, a forma política vista na região, a leitura do livro é obrigatória.

De acordo com dados obtidos do último Censo (IBGE, 2018), a população de Duque de Caxias é composta 914.383 habitantes, se tornando o terceiro município mais populoso do estado, só perdendo para a capital fluminense e São Gonçalo. É o município mais populoso da Baixada. Esta cidade consegue ter dois extremos, em se tratando de riqueza distribuída pela população, ou render *per capita*, pois ao mesmo tempo em que se encontra no município a maior refinaria de petróleo e gás do Brasil, a Refinaria Duque de Caxias (REDUC), existem também bolsões de extrema pobreza, principalmente no 4º e 3º distrito (COSTA, 2009).

**Gráfico 1 População estimada de Duque de Caxias**



**Fonte: Banco de Dados Séries Estatísticas & Séries Históricas do IBGE e Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA.**

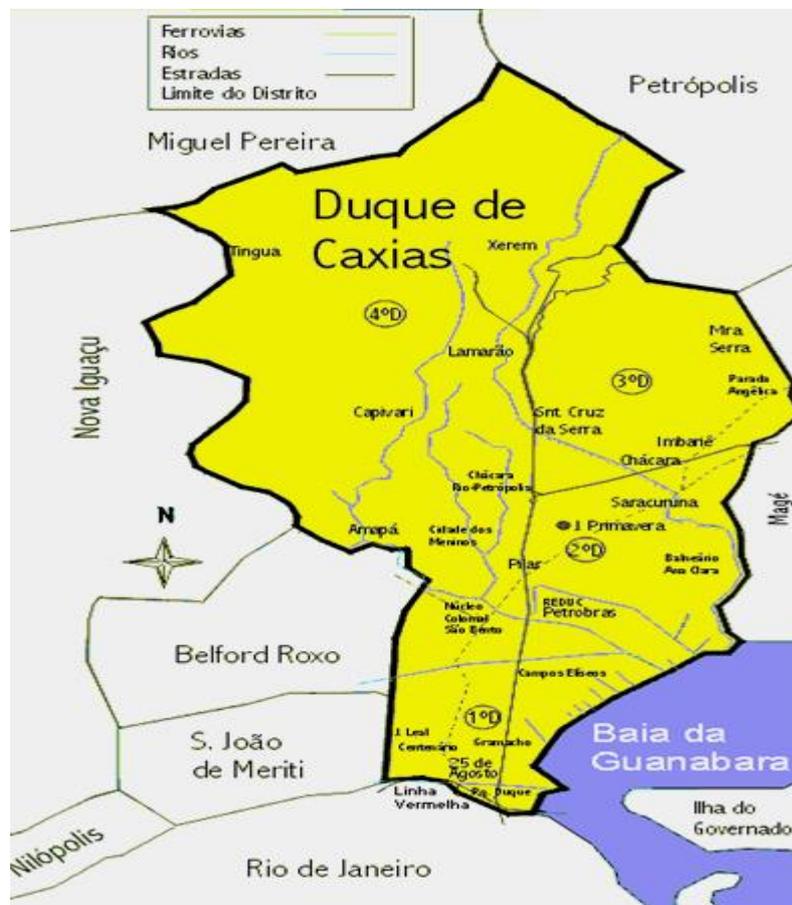
É fundamental conhecer esses dados, para se compreender a dinâmica social e população da região de Caxias, sendo preciso dividir o crescimento populacional em dois períodos, um antes e outro pós-REDUC.

Antes da REDUC, a população de Duque de Caxias ERA constituída de pessoas oriundas do despejo de Pereira Passos, no início do século XX, na ainda Capital Federal Rio de Janeiro, devido às obras urbanísticas de melhoramento e modernização de ruas e praças, atendendo ao comércio e à política que tinha interesse em expulsar aquela população que vivia em cortiços e casas de madeira (CARVALHO, 1987).

Posteriormente, o crescimento populacional organizou-se pela construção da Refinaria e de toda a sua cadeia produtiva, principalmente entre as décadas de 1950 e 1960, com uma população vinda de várias regiões do Brasil, principalmente do Nordeste (CANTALEJO, 2008).

Possuindo uma área total de 467,271 km<sup>2</sup>, atualmente Caxias faz limite territorial com Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Nova Iguaçu, Miguel Pereira, Petrópolis e o Rio de Janeiro, sendo também banhado pela Baía de Guanabara (GONÇALVES, 1995).

**Figura 2 Mapa de Duque de Caxias e os seus quatro Distritos**



Fonte: Prefeitura Municipal de Duque de Caxias

Como visto no mapa, a linha férrea cortando o município de uma ponta a outra teve papel importante na distribuição de pessoas e, conseqüentemente, no loteamento de terras na região. Desde quando ainda se chamava Merity, sendo distrito de Nova Iguaçu, a região viveu entre altos e baixos.

Em 1910, Merity, o quarto distrito de Nova Iguaçu, contava com uma população de pouco mais de 800 habitantes, número assustadoramente baixo se comparado aos 10.542 auferidos em 1872 pelo censo estadual. Essa queda populacional vertiginosa era consequência direta de problemas que assolava a região desde meados do século XIX, da crise econômica e ecológica que atingiram de forma muito dura, principalmente essas empobrecidas, baixas e pantanosas terras próximas a baía de Guanabara (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 35).

A região desenvolveu-se de forma acentuada a partir de 1930, principalmente com a intervenção do governo federal na questão do saneamento básico, canalizando rios e drenando pântanos. Sobre tais ações, Tânia Amaro (2012) acentua a importância da intervenção:

As ações de saneamento do Departamento de Saneamento da Baixada Fluminense aceleraram a recuperação de terras na região, tornando-as cada vez mais atrativas. As intervenções realizadas no rio Meriti, em 1936, e nas bacias dos rios Iguassu e Sarapuí, em 1939, recuperaram essas terras até então insalubres e despovoadas, permitindo seu repovoamento. A curva demográfica decrescente das décadas anteriores foi revertida e, atraídos pela melhoria progressiva nas condições de saneamento e pelo acesso rápido ao Rio de Janeiro, oferecido pelos trilhos da Estrada Leopoldina Railway, migrantes ocupavam progressivamente a região (ALMEIDA, 2012, p. 42).

Graças às ações de saneamento na região, começando pela Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense (CFSBF) em 1910, teve início o processo de saneamento na região. Fadel (2006) aponta que o trabalho da CFSBF não era só combater as doenças advindas das águas paradas, proporcionadas pelo assoreamento dos rios, em consequência da construção das linhas férreas na região, mas a total reestruturação da região, que passava do período e características rurais para a modernização e a urbanização de sua população (FADEL, 2006). Esse movimento de saneamento se tornou mais forte com a criação da Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense (DSBF), sendo ainda o seu principal objetivo, o fim da malária, doença que assolava a região.

O saneamento realizado pela Comissão garantiu as condições mínimas para atender aos interesses de frações da classe dominantes locais e regionais, além de integrar a Baixada Fluminense ao projeto nacional de colonização e modernização inaugurado pelo governo Vargas, principalmente durante o Estado Novo. É possível identificar, nesse projeto, algumas características: a redescoberta e a ocupação dos espaços vazios, principalmente de áreas desvalorizadas, por meio da redução das áreas pantanosas, do controle das doenças e do aumento da produção agrícola; o desenvolvimento industrial a partir da forte intervenção estatal; e o fornecimento de uma educação técnica que promovesse o nacionalismo e o progresso agrário e industrial (SOUZA, 2002, p. 92).

De fato, a região de Merity contava com um rápido processo de industrialização e de crescimento populacional, ocorrido no início de 1930. A região era o principal destino de

imigrantes e migrantes que buscavam melhores condições de vida na Capital Fluminense. Por ser cortada pela estrada de ferro, deu-se a expansão da população em torno dessas estações, sendo reconhecida como “cidade dormitório”, onde as pessoas dormiam, mas trabalhavam no centro do Rio de Janeiro.

O distrito de Merity tinha essa denominação graças ao nome da Estação Ferroviária Merity. Na madrugada de 06 de outubro de 1930, José Luiz Machado, mais conhecido como “Machadinho” com quatro amigos armados, retiraram a placa que dava nome à estação e colocaram outra placa com a denominação ‘Caxias’, assim fazendo nascer o nome da região<sup>25</sup>. José Luiz, um estudioso sobre a região, queria além de apagar o nome Merity, relacionado ao atraso agrário e principalmente estigmatizada por ser uma região onde as doenças como malária e tuberculose assolavam a região, queria também fazer uma homenagem ao seu habitante mais ilustre, Duque de Caxias. Uma ponte entre o passado rico da região e o progresso do futuro que a região estava experimentando, certamente reforçando a figura do mito fundador, uma figura de grande importância para a história nacional (GUIMARÃES 1988), reforçando o conceito de Michael Pollak (1989) de que quanto mais se repete uma história e esta fica no imaginário popular, mais forte ela se torna, criando as identidades coletivas (POLLAK 1989).

Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, nasceu no dia 25 de agosto de 1803, na Fazenda Taquara, situada na Freguesia de Inhomirim, onde atualmente é o município de Magé. Na narrativa oficial<sup>26</sup>, o ainda Marquês de Caxias se torna o general conhecido através da Guerra do Paraguai graças à sua atuação militar na região. Por nascer na região, era um nome ideal para a localidade que estava prestes a nascer.

Em 14 de Março de 1931, o interventor federal do Rio de Janeiro Plínio Casado, através do Decreto nº. 2.559, cria o Distrito de Merity:

Art. 1º - Fica criado no Município de Iguassú o 8º distrito, com território desmembrado do 4º distrito, e cujas divisas serão: ao Norte, o rio Sarapuí; a Leste, a Bahia de Guanabara; ao Sul, o rio Merity e a Oeste, a linha de transmissão da The Rio de Janeiro Tramway Light and Power Company, Limited, que o separará do 4º distrito.

Art. 2º - A sede do novo distrito será o povoado da estação de Merity, da Leopoldina Railway, o qual passará a denominar-se “Caxias”, em homenagem ao Marechal Duque de Caxias, nascido no município de Iguassú; ficando revogadas as disposições em contrário (Decreto nº. 2.559 de 14 de março de 1931).

<sup>25</sup> O jornalista Waldair José da Costa escreve na coluna do jornal Tópico como que José Luiz Machado entrou na estação, na madrugada e trocou a placa, junto de seus amigos, homenageando e renomeando a região para Caxias. O exemplar se encontra no IHDC.

<sup>26</sup> Ver Castro (1995) e SOUZA (2008).

Deve-se compreender que a história do município passou por diversas figuras políticas, principalmente no que tange a sua emancipação: Rufino Gomes Junior, Joaquim Batista Linhares, José Basílio da Silva, Luiz Antonio Félix, Dr. Amadeu Lanzelotti, Antônio Moreira de Carvalho e Sylvio Goulart. Todos faziam parte de uma comissão que entregou em 25 de julho de 1940 um manifesto ao Comandante Ernani do Amaral Peixoto<sup>27</sup> expondo as reais possibilidades do então Distrito de “Caxias” se emancipar de Nova Iguaçu, formando um novo município. Fato esse que levou a prisão de todos. O sonho da emancipação foi adiado por três anos. Finalmente, em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto-Lei 1.055 do Estado Novo, Caxias elevou-se à categoria de município recebendo o nome de "Duque de Caxias".

Com o Título de “A Nova divisão administrativa e judiciária do Rio” o Jornal Diário da Noite retrata muito bem como era a situação do recém-nascido município de Duque de Caxias.

[...] um simples povoado, sem policia efetiva, sem escrivania de paz, enfim, sem hierarquia administrativa. A bem verdade e como um preito de justiça á memoria do dr. Manuel Reis, que fora deputado á Assembleia do Estado e ao Congresso Nacional, como representante de Nova Iguassú, devemos dizer que foi ele quem fez nascer Merití para a vida administrativa. Junto de seus amigos, dr. Plínio Casado e Dr Cesar Tinoco, pleitou e obteve a criação do 8º distrito de Iguassú, no povoado da estação de Merity, o qual passaria a denominar-se Caxias em homenageh ao Marechal Duque de Caxias, decreto n. 2559, de 14 de março de 1931 (DIÁRIO DA NOITE, 1943, p. 10).

O município de Duque de Caxias nasceu em 1943, com uma população de aproximadamente 71.000 habitantes, configurando-se como um dos maiores municípios da região na questão populacional, se igualando a Iguaçu (DIÁRIO DA NOITE, 1943). A emancipação de Merity, agora Duque de Caxias, foi tecida pelas mãos de interventores, tanto na esfera estadual, quanto na federal (SOUZA, 2003). Assim, Caxias foi governado através de forte intervenção da Capital Federal, sendo os interventores escolhidos por Êrnani do Amaral Peixoto, interventor e governador do Rio de Janeiro.

---

<sup>27</sup> Ernani Amaral Peixoto nasceu no Rio de Janeiro, em 1905, falecendo em 1989 na mesma região. Segundo Camargo, Amaral Peixoto era militar e foi Interventor Federal, responsável pelo governo estadual no período do Estado Novo (1937-1945), levando profundas mudanças sociais e econômicas por toda região (CAMARGO, 1986).

**Tabela 2 – Relação de prefeitos de Duque de Caxias no período de 1944 até 1967.**

<b>NOME</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>VOTO DIRETO</b>
Homero Lara	1944 – 1944	NÃO
Heitor Luís do Amaral Gurgel	1944 – 1945	NÃO
Antônio Cavalcante Rino	1945 – 1945	NÃO
Heitor Luís do Amaral Gurgel	1945 – 1945	NÃO
Jorge Diniz de Santiago	1945 – 1946	NÃO
Gastão Glicério de Gouveia Reis	1946 – 1946	NÃO
José dos Campos Manhães	1946 – 1947	NÃO
José Rangel	1947 – 1947	NÃO
Custódio Rocha Maia	1947 – 1947	NÃO
Ten. Cel. Scipião da S. Carvalho	1947 – 1947	NÃO
Gastão Glicério de Gouveia Reis	1947 – 1950	SIM
Aderson Ramos <sup>28</sup>	1950 – 1951	NÃO
Adolpho David <sup>29</sup>	1951 – 1952	NÃO
Braulino de Matos Reis	1952 – 1955	SIM
Francisco Correia	1955 – 1959	SIM
Joaquim Tenório Cavalcante <sup>30</sup>	1959 – 1959	NÃO
Adolfo David	1959 – 1963	SIM
Joaquim Tenório Cavalcante	1963 – 1967	SIM

**Fonte:** Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ.

Como se pode observar, o começo político na cidade de Duque de Caxias foi conturbado, a começar que o primeiro gestor municipal só foi ser empossado em 1947, sendo

<sup>28</sup> Por ser presidente da Câmara, governou na ausência de Gestor Municipal entre o período de 28/12/1950 até 31/01/1951.

<sup>29</sup> Por ser presidente da Câmara, governou na ausência de Gestor Municipal entre o período de 31/01/1951 até 06/09/1952.

<sup>30</sup> Por ser presidente da Câmara, governou na ausência de Gestor Municipal entre o período de 15/01/1959 até 31/01/1959.

Gastão Glicério de Gouveia Reis eleito diretamente pelo voto popular, logo, apenas cinco dos dezoito prefeitos não foram designados para o cargo indiretamente. Com base nesses dados, é fato que Caxias deixa de ser um distrito de Nova Iguaçu, passando a se tornar um município com autonomia administrativa, mas isso fica registrado apenas no papel. A cidade não adquire a sua independência política por completo. A figura do interventor é constante, logo o clientelismo entre os políticos locais e este, torna-se marcante na região, como revela Cantalejo (2008):

Assim, mesmo subordinados aos interesses dos interventores, por intermédio do clientelismo, os políticos locais buscavam resguardar uma mínima autonomia, tirando o máximo de proveito do clientelismo em prol dos seus interesses pessoais (...). Os laços políticos apresentavam um alto grau de plasticidade, podendo ser recriados em face dos interesses pessoais, onde sem nenhum pudor novas posições eram assumidas e antigos aliados eram criticados. A filiação partidária estava, assim, condicionada, a manutenção e possibilidades de ampliação do clientelismo e não a qualquer projeto político-partidário ou a alguma vinculação ideológica, fato este mantido e explorado pelos políticos de Duque de Caxias (CANTALEJO, 2008, p. 176).

No âmbito da política do paternalismo surgiu a figura mais popular e controversa de Duque de Caxias: Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, mais conhecido como Tenório Cavalcanti ou ‘o homem da capa preta’. Tenório era um típico político fluminense, explorava os comerciantes locais em troca de proteção. Ajudava os pobres com mantimentos e auxílio a diversos serviços, principalmente os de saúde e educação, criando um verdadeiro curral eleitoral em Duque de Caxias.

Tenório chegou ao Rio de Janeiro (capital) em 1926. Buscava melhores condições de vida, um modelo de êxodo dentro do país seguido por muitos, principalmente no eixo Nordeste – Sudeste. Como todos os retirantes, Tenório não encontrou algo que desse remuneração satisfatória. Vai para a região de Merity em 1927 para gerenciar as terras de Edgar Soares de Pinho. Sua função na verdade era organizar uma milícia armada para tomar conta das terras, trabalhar com grilagem, expulsando os moradores da região, de acordo com seus próprios interesses e de seu patrão.

Tenório andava com uma submetralhadora apelidada de ‘Lurdinha’, presente de seu conterrâneo alagoano General Góes Monteiro, sua capa preta, representando a toga, pois o mesmo era formado em Direito, e seus homens fortemente armados, espalhando o medo naqueles que não concordavam com as ordens vindas de Tenório (WILLEMANN, 2013). Mais do que um simples bandido justiceiro, Tenório Cavalcanti conseguiu transitar entre a ordem legal e a oficial, sendo eleito vereador por Iguaçu entre os períodos de 1936 e 1937, deputado

estadual pela União Democrática Nacional (UDN) <sup>31</sup> em 1947, para Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro, sendo eleito seguidamente deputado federal entre 1951 e 1964.

Tinha como adversário político na região Getúlio de Moura. No campo regional eram políticos com guerra declarada e no âmbito nacional compartilhavam as mesmas ideias, sobretudo em relação ao governo Vargas. A fim de compreender essa relação é necessário entender que o poder, na esfera federal não estava descolado do regional. Segundo Alejandra Massolo (1988), o Estado, no sentido amplo, produzia relações de poder o regional seguia o mesmo caminho, com suas ramificações, levando a sua extensão de acordo com as suas necessidades e particularidades (MASSOLO, 1988). Cabe levantar que Getúlio de Moura nem sempre foi inimigo político de Tenório, como aponta Almeida (2012):

Através de sua trajetória, Tenório foi mais um dos muitos que atuavam na defesa dos interesses daqueles que pagassem por seus serviços: tornou-se o administrador das terras de Edgar de Pinho, substituindo o antigo, que fora assassinado nas disputas de terra e conflitos com posseiros. E, para impor o controle sobre as propriedades, Tenório organizou um grupo de homens armados que atuavam na segurança, levando-o a se tornar conhecido e temido na região. A aliança de Tenório com as forças de sustentação de Washington Luis aproximou-o de Getúlio de Moura, importante coronel iguaçuano, ampliando sua rede de apadrinhamento político (ALMEIDA, 2012. pgs. 69 e 70).

Para compreender essa relação de poder é necessário empregar os conceitos de Alain Degenne (2004) Tomás Villasante (2002) principalmente em como se dava essa articulação política e social em Duque de Caxias. Degenne revela que em sociedade construímos verdadeiras articulações sociais, estruturando e se reestruturando, dependendo do interesse do indivíduo.

Tenório Cavalcanti casou-se com Walkiria Lomba, sobrinha-neta do coronel João Telles Bittencourt, presidente da Câmara de Vereadores do município de Nova Iguassú<sup>32</sup>, alicerçando o seu prestígio social no meio iguaçuano. Por esse caminho, para Villasante é necessário se identificar com os meios sociais, não basta apenas a construção das relações, é preciso a identificação com o poder local (VILLASANTE, 2002).

Segundo Pierre Costa (2009), Tenório era um típico político que buscava a qualquer custo o controle da região, não importando como se daria essa dominação, podendo ser feita

---

<sup>31</sup> Segundo Benevides, Fundada em 7 de abril de 1945, a União Democrática Nacional (UDN) foi um movimento político que nasce no Estado Novo, fazendo oposição ao governo de Getúlio Vargas, principalmente através da figura Carlos Lacerda. A UDN acaba se extinguindo depois do golpe de estado em 1964, através do Ato Institucional nº2 (BENEVIDES, 1981).

<sup>32</sup> Grafia utilizada para designar o município em 1945.

através da força, principalmente com a morte de adversários políticos ou através do carisma e estima que a população local viesse a ter por sua pessoa, graças ao assistencialismo e a aproximação com a população caxiense (COSTA, 2009).

Mesmo sendo uma figura violenta e controversa, Tenório Cavalcanti conseguiu ser o deputado federal mais votado no estado em 1958, com uma marca surpreendente de 46.029 votos<sup>33</sup>, isso mostra que a forma violenta como ele agia, agradava a vários setores da sociedade. Conforme expõe Nicolau (1999), a forma como se apresenta um deputado aos eleitores, determina o seu sucesso ou não nas eleições.

Fez-se necessário conhecer a dinâmica política da região, pois direta e indiretamente, influenciou no dia a dia da Escola Regional de Merity, começando pela atuação política de Tenório Cavalcanti em prol da Escola. Ao analisar as correspondências que Armanda enviou em agradecimento, pode-se constatar que Tenório Cavalcanti destinou verbas do orçamento federal, no volume de vinte mil cruzeiros, no ano de 1956 para Escola de maneira espontânea, fato a ser apontado, visto que foi o único deputado a destinar recursos efetivamente para a Escola<sup>34</sup>. Essa destinação de recursos durou até o ano de 1961.

---

<sup>33</sup>Metadados disponíveis em: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais>

<sup>34</sup> Ao analisar a documentação referente aos balancetes, Tenório Cavalcanti foi de certo o único deputado a destinar recursos para Escola. Em outras fontes, não faltaram promessas de deputados, vereadores e prefeitos, porém nunca efetivadas.

## **2 - A ESCOLA NOVA E AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO BRASIL: ENTRE REFORMAS DOS ANOS 1920, A CRIAÇÃO DA ABE E O MANIFESTO DOS PIONEIROS**

### **2.1. A Escola Nova no Brasil**

No Brasil, no começo do século XX, já se delineavam “ensaios” de uma nova educação, querendo-se assim, romper com a educação considerada ultrapassada com o começo de mobilizações e reivindicações por uma educação de qualidade, principalmente, no sentido de direito a acesso para todos. Desta forma, o desejo se dirigia a uma educação com um viés que apontava para o progresso, na qual a compreensão dessa movimentação em torno da educação se tornou fundamental para a percepção da influência que este viria a tomar em torno das políticas públicas, com debate significativo, não envolvendo só a área educacional, mas num processo de diálogo com outras áreas do conhecimento.

O país começava a ter em seu interior mudanças significativas, tanto econômicas, quanto culturais, em que a elite agricultora, começa a se transformar, ou a migrar, dependendo do ponto de vista, para uma elite mais burguesa, que tinha o seu espaço de atuação na cidade, não mais no campo. Essa nova demanda urbana, ansiava por uma nova educação, mais democrática e voltada para o processo de industrialização que o Brasil começava a ensaiar (CAVALIERE, 2002). Então, era necessário um projeto de educação para o país, rompendo significativamente com aqueles que antepassaram no Brasil (GADOTTI, 1994).

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores (GADOTTI, 1994, p. 579).

Mas, qual projeto poderia ser aplicado a fim de solucionar cinco séculos de atraso, se comparado a outros países da Europa ou até mesmo da América Latina? Aqui, diversos movimentos pairavam, buscando novos ares de novidade, querendo se distanciar da velha roupagem oligárquica, rural que o país ainda vestia, mesmo com a mudança de século. Mesmo assim, as velhas ideias ainda permaneciam, buscando a sua identidade na Europa, pois só assim essa sociedade, mesmo que atrasada, conseguiria manter o seu destaque social

perante os demais (NASCIMENTO, 2015). Por isso, o projeto de modernização do campo industrial brasileiro, que inicia a partir de 1920 começou a ganhar força, principalmente por acreditar que esse era o único caminho de tirar o país do atraso e do subdesenvolvimento que se encontrava desde o começo da República.

A nova burguesia brasileira, nascida no processo de industrialização, tímido, mas crescente, pensava na contemporaneidade que naquele momento, não se tinha nitidez, era bem abstrato (PEIXOTO, 1998, p. 109).

A burguesia construiu o liberalismo como ideologia no processo de constituição de si mesma como classe dominante e hegemônica, o que quer dizer nas relações que travou com as outras forças sociais, sejam as de aliança e compromisso, sejam as de oposição e antagonismo. Nesse processo, ela construiu um liberalismo que passou a constituí-la e a constituir a forma dominante de conceber o mundo. E ainda treinou as classes trabalhadoras para as leis do capitalismo (WARDE, 1984, p. 45).

Nessa transição entre o modelo educacional tradicional, ligada simbolicamente ao atraso e a nova concepção de se enxergar a educação, surge o movimento denominado de Escola Nova.

O modelo escolanovista aplicado no Brasil se baseou como referencia ao modelo aplicado primeiramente pelo estadunidense John Dewey. A escola era vista como um fator determinante de aperfeiçoamento e progresso da sociedade, não sendo a mesma um privilégio, algo que poderia ser oferecida facultativamente, mas sim uma verdadeira necessidade para a sociedade. Só com elevado processo de escolarização, poderia oferecer melhores condições de vida, participação política e cultural das pessoas na sociedade (DEWEY, 1959).

John Dewey, filósofo e educador americano, nasceu em Vermont no ano de 1859. Foi professor em Michigan, Chicago e Columbus. Defendendo sempre uma educação e uma aprendizagem mais participativa na qual as ideias precisavam ser compartilhadas, sem barreiras para o pensamento. Dewey acreditava que toda a ideia e os valores humanos partiam dos acontecimentos diários, do dia a dia dos indivíduos (TEITELBAUM; APPLE, 2001). O/a aluno/ aluna tem papel de destaque, com um pensamento mais liberal (no sentido de liberdade), logo, uma educação laica, livre, apontando para o progresso e para a democracia, no sentido mais amplo, algo que - naquele momento no Brasil - poderia ser utilizado para romper com o pensamento arcaico agrário<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> A elite agrária brasileira, mesmo com o processo de industrialização, permaneceu no país até os dias atuais, a mudança que se deu foi de um modelo arcaico, quase feudal, para um modelo liberal, capitalista, quase que colonial, principalmente quando no congresso brasileiro, tem uma bancada composta pelos grandes latifundiários e donos de terras, a chamada “bancada ruralista”, com quase 120 deputados federais ou ¼ do parlamento.

O conceito de Dewey é significativo e singular, no que tange à questão da experiência como princípio formativo e pilar central de sua teoria.

Não se nega que qualquer objeto experienciado possa tornar-se objeto de reflexão e de inspeção cognitiva. Mas a ênfase é sobre “tornar-se”; o cognitivo jamais é totalmente inclusivo: ou seja, quando o material de uma experiência anteriormente não cognitiva é objeto de conhecimento, ela e o ato de conhecer são incluídos dentro de uma nova e mais ampla experiência não cognitiva – e esta situação jamais pode ser transcendida. Somente quando o caráter temporal das coisas experienciadas é esquecido é que é afirmada a ideia da total “transcendência” do conhecimento (DEWEY, 1980, p.19).

Na direção de afirmação dos valores universais de liberdade do indivíduo, afirmava Dewey, que “a tarefa do liberalismo é afirmar esses valores, de modo a mostrar sua importância intelectual e prática, em face das atuais forças e necessidades” (DEWEY, 1970, p. 53), portanto, só na democracia e em plena liberdade individual tais conceitos poderiam ser empregados.

Também surgiu na Europa, mais precisamente na Inglaterra, iniciadas pelo Dr. Cecil Reddie<sup>36</sup> um modelo de escolanovismo para a educação cujo aprendizado se dava através da ação como uma das etapas mais importantes da educação para a criança e que a educação deveria continuar no transcorrer da vida e nas práticas sociais (CAMBI, 1999).

Cabe observar que uma escola só poderia se enquadrar no modelo de Escola Nova se atingisse no mínimo 15 dos 30 requisitos definidos pelo Bureau International des Écoles Nouvelles<sup>37</sup> (COELHO; MEIRELES, 2006), é claro, de acordo com o parâmetro empregado na Europa, não empregado aqui no Brasil, já que o modelo brasileiro está baseado nas teorias de Dewey.

O escolanovismo estadunidense favorecia uma nova ressignificação do papel da escola no meio social, como difusor e transformador de ideias, principalmente no fortalecimento do desenvolvimento social (FAVORETO, 1998) sempre pensando naquele momento, para seguir assim para o futuro (DEWEY, 1979b). A escola como instituição, começou a ter um papel de destaque, principalmente como espaço de compartilhamento de valores e costumes.

A convivência na escola de jovens, de diversas raças e religiões, e de costumes dessemelhantes, proporciona a todos um meio novo e mais vasto. Os estudos comuns acostumam a todos, por igual, a um descortino de horizontes mais amplos do que os visíveis a qualquer grupo, quando este se encontra isolado. [...] A extensão, no espaço, do número de indivíduos que participam de um mesmo interesse de tal modo que cada um tenha de pautar

<sup>36</sup> Cecil Reddie (1858-1932) foi diretor da escola progressista Abbotsholme na Inglaterra em 1889, seguindo com o trabalho até o ano de 1899, nos moldes progressistas e escolanovistas (SEARBY, 1989).

<sup>37</sup> Ver no Anexo A os 30 itens propostos pela Bureau International des Écoles Nouvelles.

suas próprias ações pelas ações dos outros e de considerar as ações alheias para orientar e dirigir as suas próprias, equivale à supressão daquelas barreiras de classe, raça e território nacional que impedem que o homem perceba toda a significação e importância de sua atividade (DEWEY, 1979a, p. 93).

Nesse sentido, é fato que esse modelo encontra significação face às mudanças desejadas por diversos educadores, sobretudo os fundadores da ABE, por se tratar de um discurso que valoriza a cultura e a inserção das camadas populares na escola.

No Brasil, o maior entusiasta do pensamento de Dewey é o educador Anísio Teixeira<sup>38</sup>. Teixeira conheceu o pensamento pragmático de Dewey e a sua prática pedagógica em viagem aos Estados Unidos em 1928 (DE SOUZA; MARTINELLI, 2009) o introduziu na educação brasileira, pensando em uma “educação renovada que permitisse lançar as bases de uma sociedade com orientação social adequada às modernas exigências do século XX” (VASCONCELOS, 1996, p. 27). Teixeira concluiu que os estadunidenses, através do pensamento filosófico de Dewey almejavam a estruturação e a teorização de uma educação científica, “por meio de métodos e princípios prescritos pela ciência da educação” (TEIXEIRA, 1930, p. 87).

Entretanto, cabe lembrar que para além das ideias pedagógicas existia um desequilíbrio econômico no Brasil, principalmente fora no eixo Sul-Sudeste, com profundas desigualdades regionais, aprofundando a crise educacional que o país vivia. Mesmo com um modelo escolanovista começando a surgir, com ideais de uma nova educação, eram necessárias profundas mudanças estruturais dentro do Estado. Não bastava apenas um programa ou uma nova concepção pedagógica sem as mudanças necessárias para se tornar possível essa nova corrente pedagógica no país.

A partir das reformas educacionais dos anos 1920, teve início a luta pela base, no sentido populacional, começando pelos mais pobres, principalmente com as mudanças educacionais no âmbito regional. Começava no país então, a concepção de uma educação voltada para o trabalho e para a emancipação do indivíduo na sociedade. A educação não era mais um elemento isolado. Reformas eram necessárias para tornar esse plano possível.

---

<sup>38</sup> No subcapítulo “3.4. A rede de colaboradores para se realizar um sonho possível”, situa a biografia, bem como a descrição das atividades do educador Anísio Teixeira no Brasil, não sendo necessário aqui no momento, repetir as mesmas informações.

## 2.2. As Reformas Educacionais dos anos 1920

Torna-se um marco para o Brasil o começo da década de 1920, pois é nesse momento que começa mais nitidamente as transformações sociais, políticas, culturais e educacionais no país.

No campo das transformações sociais forma-se a classe média brasileira, formada principalmente por militares, o funcionalismo público e os ligados ao pequeno comércio e a indústria de forma geral (NICHOLLS, 1970). Se antes, o agronegócio tinha vez e voz, a nova classe média começava a despontar no cenário social do país, buscando cada vez mais espaço nas decisões político/administrativas da nação.

Refletindo sobre a década que se inicia em 1920 no Brasil, principalmente no campo educacional, podemos seguir a linha indicativa que Jorge Nagle nos apresenta sobre o otimismo pedagógico que começava a aflorar no país, onde se principia diversas ações, principalmente na questão do investimento no conjunto escolar e na elaboração significativa de novas formas de ensinar (NAGLE, 1974).

O período contribuiu significativamente para que essas reformas começassem a ser executadas, com grande insatisfação popular que o país assistia. Nesse contexto, surgem às revoltas militares<sup>39</sup>, que futuramente seriam chamadas pelo nome de Movimento Tenentista, movimento de revolta constituída de militares insatisfeitos com o regime oligárquico, formado pela elite agrária, que estava instalado no país (PRESTES, 1993), sendo a Revolta do Forte de Copacabana<sup>40</sup> a mais conhecida entre as revoltas.

A história da educação brasileira, no começo do século XX, foi marcada pela luta política em prol da educação, principalmente contra o analfabetismo, situação que era comum para o povo brasileiro. O período contribuiu significativamente para que essas reformas começassem a ser executadas, pois havia uma insatisfação popular com as políticas executadas no plano federal.

Pouca ou quase inexistente era a educação para as camadas populares do Brasil. Na Baixada Fluminense, região que na época era que quase totalmente rural, era inexistente

---

<sup>39</sup> Ficaram conhecidas como “levantes militares” ou simplesmente “levantes”.

<sup>40</sup> A Revolta do Forte de Copacabana, ou “Os 18 do Forte” ocorreu entre os dias 2 e 5 de julho de 1922 no Rio de Janeiro. É a primeira revolta militar armada, que tinha como objetivo destituir o poder das elites agrárias, buscando a modernidade no sentido de sociedade para o país. Teve apenas dois sobreviventes, Siqueira Campos e Eduardo Gomes (RIBEIRO 2008).

escolas para esse tipo de público. A educação no Brasil era voltada para as elites, agravando ainda mais o quadro escolar para as classes populares, pois ainda não havia uma organização escolar gratuita por parte do Estado, pois era o dever desse “possibilitar o acesso das diferentes classes sociais ao sistema público e gratuito de ensino” (CAMPOS, 2011, p. 7). É dentro desse contexto que surgem correntes de intelectuais para mudar esse quadro, como o movimento da Escola Nova. Segundo Campos:

O modelo de ensino tradicional utilizado durante o século XIX se mostrou ineficaz para a lógica republicana de instruir a população para modernizar o país. Nessa perspectiva, um grupo de intelectuais da época, conhecidos como renovadores ou progressistas, apontou uma série de questões que deveriam ser priorizadas na reforma do ensino primário. Anísio Teixeira, Armanda Álvaro Alberto, Cecília Meireles, Fernando de Azevedo e Paschoal Lemme, entre outros, compunham esse grupo que ficou conhecido como movimento escolanovista ou movimento da Escola Nova. A esperança de uma sociedade moderna propiciava o otimismo desse grupo de intelectuais para a implantação de um novo modelo educativo, uma educação baseada nas especificidades da infância e no conhecimento científico (2010, p. 5).

Segundo Carvalho (2001, p. 302), a “chamada pedagogia da Escola Nova entra em cena, redefinindo a natureza infantil e o lugar do conhecimento sobre ela produzido, nas teorias e nas práticas da educação.” As reformas educacionais realizadas no Brasil, a partir de 1920, foram fundadas, principalmente, com referências e experimentações ocorridas no exterior, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Aos poucos, esse modelo ‘exportado’ se assentou à realidade local, configuradas pelo regionalismo.

Nesse período, as reformas educacionais estavam no bojo de princípios normativos para se chegar à excelência do princípio pedagógico, ou seja, as reformas são normas e conceitos que servem como pontes estruturais para romper com a velha educação ou, em um campo mais amplo, chegar ao progresso educacional almejado. Porém, isso não significa que não ocorrerá resistência, tanto por quem controla o jogo social ali imposto, quanto por correntes contrárias a mudanças tão profundas e significativas que as reformas se propunham, logo, se buscava incorporar “as teses mais apreciadas, sem se preocupar com a coerência dessas teses entre si e com sua conexão aos sistemas de origem” (ABBAGNANO, 2000, p. 298).

A partir desse momento, foram aplicadas as reformas propostas por um grupo de intelectuais e encampadas por alguns governadores de estados, porém essas reformas não aconteceram de forma coordenada, em uma ampla rede pelo país, não sendo uniformes por todo Brasil e nem sistemáticas. Em um período de 10 anos, diversas reformas significativas ocorreram no Brasil, a saber: Sampaio Doria em São Paulo no ano de 1920; Lourenço Filho

no Ceará em 1922; o Inspetor Geral do Ensino Cesar Prieto Martinez a partir de 1923 no Paraná; Anísio Teixeira na Bahia em 1924; José Augusto no Rio Grande do Norte em 1925; Francisco Campos em Minas Gerais no ano de 1927; no mesmo ano, Fernando de Azevedo iniciou as reformas educacionais no antigo Distrito Federal (hoje Rio de Janeiro); Carneiro Leão em Pernambuco, em 1929.

Aprofundarei mais sobre as reformas de Sampaio Dória e Fernando de Azevedo, principalmente pelo aspecto da primeira reforma significativas no Brasil, no caso de Dória em São Paulo, tornando assim como parâmetro para dialogar com outras reformas e a de Fernando de Azevedo por ter sido executada no Rio de Janeiro, região pesquisada nesta dissertação.

Antônio de Sampaio Dória<sup>41</sup> assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública em São Paulo, na data de 29 de abril de 1920. Permaneceu pouco mais de um ano à frente do ensino público paulista. Dória acreditava que o analfabetismo era o principal problema educacional brasileiro, sendo umas das principais mazelas a ser combatida. Assim, São Paulo estaria no centro da reforma educacional para esse objetivo, inspirando os demais estados da federação (DÓRIA, 1918a).

A educação para Dória serviria como principal caminho para a formação do cidadão, seja para a vida social, seja para a vida política, um povo formado escolheria melhor os seus representantes, participaria mais ativamente da vida pública e preservaria a democracia brasileira (DÓRIA, 1919b), tudo isso amarrado por um ponto: uma educação moderna não poderia abrir mão da formação do profissional docente com qualidade.

Embora Dória possuísse esse pensamento, suas reformas foram consideradas o “símbolo de uma política equivocada” (CARVALHO, 2011, p. 09). Ele encarou um quadro alarmante: cerca de 250.000 crianças estavam fora da escola, mesmo com idade para tal, e 407.083 entre 7 e 12 anos não sabiam sequer ler (DÓRIA, 1920c). Com um quadro tão grave e com recursos escassos, foi necessária uma solução a curto prazo, principalmente sobre a questão da oferta de vagas. Então, ocorreu a reorganização da rede escolar paulista com “a compatibilização e otimização da relação entre o número existente de professores e escolas e a quantidade de crianças escolarizadas e alfabetizadas anualmente” (CAVALIERE, 2003, p.

---

<sup>41</sup> Antônio de Sampaio Dória, ou Sampaio Dória, como é mais conhecido, nasceu em Belo Monte/AL no ano de 1883 e faleceu no ano de 1964, em São Paulo. Foi um político, jurista e educador, mas recebeu notoriedade quando fora Diretor-Geral da Instrução Pública em São Paulo, criando umas das principais reformas ocorridas no período (1920-1924), coordenou várias reformas de ensino em São Paulo, ficando conhecida como “Reforma Sampaio Dória” (MATHIESON, 2012).

33). Como consequência houve a redução de quatro para dois anos na escolarização obrigatória.

No Rio de Janeiro, antiga capital federal, Fernando de Azevedo<sup>42</sup> tomou posse como Diretor Geral de Instrução Pública, em 17 de janeiro de 1927. No campo político e educacional, Azevedo seguia a mesma linha de Sampaio Dória, afirmando que era “contra o parasitismo político sem freios, que até então se desenvolvera à sombra e à custa da administração pública, imolando os interesses superiores da educação às conveniências partidárias e aos interesses subalternos.” (AZEVEDO, 1931, p. 33).

A capital federal necessitava de uma renovação em toda a sua estrutura escolar, principalmente aquela que era oferecida à população mais pobre do Rio, logo, era necessária a expansão da rede para todos os cantos da cidade. Acreditava-se que a educação moldava o cidadão para o meio social, o tornando melhor preparado para o progresso que estava por vir, o tornando mais produtivo no campo econômico. Azevedo tinha a concepção de que a educação deveria ser voltada para o processo de industrialização que começava a nascer no país, a exemplo que já ocorria na Europa e nos Estados Unidos, não sendo uma fiel cópia do modelo aplicado nessas regiões, mas se adaptando à realidade brasileira (AZEVEDO, 1947).

Assim, a educação proposta por Azevedo era ampla, gratuita e obrigatória para todos os indivíduos com idade escolar, estruturada por uma política educacional a nível nacional (AZEVEDO, 1927). Para o educador, esse deveria ser o caminho a ser seguido para combater o seguinte problema que havia encontrado:

O Estado, no Distrito Federal, ainda não enfrentou o problema da alfabetização e das malhas, de tecido largo e frouxo, que estendeu, para colher a população em idade escolar, escapam, todos os anos, milhares de crianças, que não recebem instrução em escolas públicas, nem têm meios de a pagar em estabelecimentos particulares. Ainda não aparelhada para exercer eficazmente essa função elementar, não será de surpreender, na actual organização, o caráter antiquado que reveste. As instituições do ensino primário, installadas ao acaso, sem uma visão aguda de nossas realidades e sem qualquer espírito de finalidade social, e talhadas ainda pelos moldes da velha escola primaria de letras, obedecem a princípios de organização a que já não se conformam as modernas legislações escolares (AZEVEDO, 1927, p. 15).

---

<sup>42</sup> Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, em 1894 e faleceu em São Paulo, no dia 18 de setembro de 1974. Era professor, sociólogo e um dos entusiastas da Escola Nova no Brasil. Foi um dos intelectuais do movimento da Escola Nova. Participou intensamente do processo de formação da rede primária de ensino carioca, em busca de uma educação de qualidade, com isso estabeleceu diretrizes para uma nova política educacional (SILVA, 2004).

Ele iria enfrentar uma rede praticamente inexistente, desconexa com a realidade social, em que escolas primárias eram verdadeiras caixas de concreto, com um ensino atrasado para os tempos que se seguiam. Diversas ações começaram a ser executadas, principalmente no que tange ao trabalho docente e o dia a dia escolar. Fernando de Azevedo seguiu intervindo significativamente na educação carioca, Vidal (2006) mostra como foi a reestruturação do plano escolar:

Na primeira perspectiva, a intervenção foi de duas ordens: redução do curso primário de sete para cinco anos de duração, sendo o quinto ano dedicado ao ensino pré-vocacional; e homogeneização da jornada escolar em 4h e 30 min diárias. Para tanto, tornaram-se necessárias a diminuição do dia de aula nas escolas de turno único de 5 para 4h e 30 min, com antecipação do horário de saída em 30 minutos e redução de 30 para 20 minutos no tempo do recreio; e a prorrogação de 4h e 20 min para 4h e 30 min na aula das escolas de dois turnos, com antecipação de 20 minutos no horário de entrada e 10 no de saída no turno da manhã (das 7h e 50 min para 7h e 30 min e das 12h e 10 min para 12h) e prorrogação de 10 minutos à entrada e 20 à saída do turno da tarde (das 12h e 20 min para 12h e 30 min e das 16h e 40 min para as 17h) (VIDAL, 2006 p. 78).

Acompanhando o raciocínio de Vidal, é possível notar a estruturação no plano primário de ensino que foi diminuindo o dia de aula em 30 minutos, assim, uma organização no dia a dia começava a ser proposta com mais ênfase, modificando o interior da escola, na questão de organização e “atuando dentro de centralismo administrativo e pedagógico com tendências autoritárias” (ACCÁCIO, 2005, p. 115), pois atingiu a hierarquização e a setorização da educação<sup>43</sup>.

### **2.3. O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova**

A fim de introduzir o simbolismo do referido Manifesto utilizo as categorias e os conceitos empregados por Le Goff (1990) ao considerar que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova é um “documento monumento” haja vista que o mesmo teria como principal característica o ligar-se ao poder de perpetuação, intencional ou não, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só um pequeno fragmento é escrito (LE GOFF, 1996, p. 462). O próprio Manifesto se dizia um documento para a reconstrução do Brasil através do caminho da educação. Mais do que isto, o foi um espaço no qual um grupo de intelectuais se reuniu para formular um projeto educacional inovador que,

---

<sup>43</sup> A análise crítica de Accácio não é hegemônica no campo educacional. No entanto, este não é o escopo do trabalho.

segundo os mesmos, o país precisava naquele momento. O Manifesto foi escrito em um momento chave na história brasileira: o fim da primeira República, início dos anos 1930, exatamente em 1932, no meio de tentativas de reorganização da sociedade, no sentido de criar um projeto novo de nação.

De fato, a causa primeira da escritura do Manifesto apresenta relação com a realização da IV Conferência Nacional de Educação da ABE em dezembro de 1931 no Rio de Janeiro. Azevedo (1996, p. 659) assevera que Getúlio Vargas (chefe do governo provisório) e Francisco Campos (ministro da Educação e Saúde) “confiaram [aos membros do congresso] a incumbência de definir os princípios da educação e a ‘fórmula mais feliz’ em que se pudesse exprimir a política escolar da revolução”, ou seja, os/as educadores/as presentes ao evento foram surpreendidos pelo pedido que elaborassem naquele momento uma reforma educacional. Evidentemente, a assembleia reagiu com uma negativa. Permaneceu a promessa de que tal tema seria analisado na conferência de 1932. Mas, a urgência de mudanças e a determinação de não ser tutelado pelo governo levou educadores/as a pensarem em outra estratégia: a escrita de um manifesto ao povo e ao governo.

Assim, o manifesto teve por inspiração a necessidade de que houvesse uma reorganização na estrutura da educação brasileira, para o acompanhamento do avanço industrial e que a educação fosse tratada como dever do Estado, de forma gratuita para todos os indivíduos. A educação era a base de todos os problemas do Brasil. Para isso então, a principal pauta era uma organização do sistema brasileiro de educação. Por que essa época no Brasil os sistemas eram desconexos, cada estado tinha sua estrutura, sem uma uniformidade no território brasileiro.

Analisando o primeiro parágrafo do manifesto para se compreender o cunho político que esse documento carregava, pretendendo denunciar as condições que a educação brasileira atravessava naquele momento:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade. No entanto, se depois de 43 anos de regime republicano, se der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades

do país. Tudo fragmentário e desarticulado. A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e freqüentemente arbitrárias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, nos deixa antes a impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não em termos de serem despojadas de seus andaimes (...) (RBEP, 1984, p. 02).

Com um olhar para o presente, vários pontos ainda não foram alcançados, mesmo sendo um documento antigo. Um ponto em que o manifesto se repete é o de que a educação deve ser tratada da mesma maneira que os assuntos sérios deveriam ser tratados. A educação é tão fundamental quanto a economia. A chave do progresso do Brasil seria a educação, pois seria o caminho para a população alcançar um nível de maturidade e planejar os rumos de suas próprias vidas e a vida social do país.

Outro ponto a destacar é a vinculação de recursos para a educação, esclarecendo, uma parte da receita de algum imposto específico ou do tesouro ficava comprometida com a educação. Desta forma, haveria uma garantia de que a educação pública fosse desenvolvida, pois sem recursos era impossível manter a educação para todos, logo, a educação era um direito de todos e dever do Estado que deveria parar de destinar recursos públicos para a iniciativa privada.

Os/as professores/as também eram considerados uma elite intelectual, por isso eles/elas deveriam ser formados no ambiente superior, fazendo pesquisa. Conseqüentemente, tornava-se necessária a valorização dos professores em relação aos salários. Todos deveriam ter um piso salarial e o plano de carreira único, independente da área de atuação. O/a professor/a poderia ter mestrado e doutorado e atuar na educação infantil, recebendo o mesmo salário de um professor universitário, não havendo a distinção no nível de atuação.

O Manifesto, como documento, também se torna um marco, com a união de diversos educadores que começavam a pensar a educação como política pedagógica nacional, não sendo mais uma atitude isolada, como acontecera anteriormente. A construção de uma identidade por um objetivo comum começa a ser formada nesse momento (POLLAK, 1992).

Fruto de uma construção coletiva, resultado de vinte e seis signatários/as, dentre eles as intelectuais Armanda Álvaro Alberto, Cecília Meireles e Noemy M. da Silveira. Um fato que pode explicar a baixa presença feminina na assinatura do Manifesto é que a sociedade brasileira naquele momento ainda passava por transformações, profundas e significativas. As

mulheres tiveram a conquista ao direito ao voto<sup>44</sup> em ainda no Governo Vargas, tendo início, assim, a participação feminina efetiva na política no que concerne especificamente ao direito de votar<sup>45</sup>, seguindo no mundo do trabalho docente como mecanismo de inserção social (XAVIER, 2003). Três mulheres que tiveram papel singular no manifesto: Armanda Álvaro Alberto, Cecília Benevides de Carvalho Meireles e Noemi Marques da Silveira Rudolfer “Cada uma teve uma interpretação própria do documento e imprimiu sua marca nas ideias e ações que empreenderam” (DE MORAES, 2008, p. 12).

Cecília Meireles era natural do Rio de Janeiro, nascendo em novembro de 1901. Cronista, poeta, crítica literária e professora formada na Escola Normal do Distrito Federal. Cecília era adepta do ideal escolanovista que nascia no Brasil, tentando através dessa nossa corrente de ideias mostrar a importância que tinha as bibliotecas e os livros infantis, não sendo apenas uma forma de diversão, puramente simplista, mas um caminho para se alimentar a alma (MEIRELES, 2001, p. 28). Acreditava que a literatura infantil não poderia ser descompromissada, sem objetivo.

Um livro de literatura infantil é, antes de mais nada, um obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo, fosse posta em contato com obras primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito. (MEIRELES, 1979, p. 96).

Ela acaba abordando algo que não se era pensado anteriormente: a qualidade e o conteúdo dos livros infantis utilizados na escola (MARTINS, 2014). Esse ponto é fundamental, pois se o objetivo é levar o/a leitor/a ao interesse pela leitura, a mesmo precisa ter qualidade e objetivo, principalmente na área infantil, nos primeiros passos da criança com a leitura (MEIRELES, 1979). Seu pensamento se une aos ideais estabelecidos no Manifesto de 1932, pois se deveria ter uma escola de qualidade, desde o primário, até o acesso e ingresso à universidade, necessário seria a existência de material pedagógico para apoiar essas novas ideias de educação, pensando no interesse do indivíduo e sua ligação com o meio social e a escola (AZEVEDO et al. 1932). Para Cecília Meireles a literatura seria o caminho ideal para

---

<sup>44</sup> Decreto n. 21.076/1932.

<sup>45</sup> É claro que diversas mulheres no período Republicano, estiveram envolvidas politicamente na sociedade, o movimento feminista no qual falei adiante é prova disso. O que quero apresentar aqui é que o direito ao voto é um marco nos direitos das mulheres no Brasil.

o indivíduo conquistar a sua liberdade, adquirir conceitos de sociabilidade e se enxergar como sujeito no mundo, percebendo qual é a verdadeira realidade social na qual está inserido.

Noemi Rudolfer era paulistana, nasceu no dia 8 de agosto de 1902 no interior de São Paulo. Professora com formação na Escola Normal do Brás nos anos 1918. Assumiu o cargo de professora na Escola Prudente de Moraes, ficando lá até o ano de 1927 (ANGELINI, 2002). Ingressou no campo da Psicologia, trabalhando as capacidades pessoais e as aptidões dos/as alunos/as, estabelecendo com personalidade individual (MORAIS, 1999). Logo após esse período lecionando na escola, Noemi se tornou assistente de Lourenço Filho nas áreas de Psicologia e Pedagogia na Escola Normal da Praça, até o ano de 1930, assumindo, no ano seguinte, a coordenação do Serviço de Psicologia Aplicada, órgão ligado à Diretoria Geral de Ensino de São Paulo (WARDE, 2002).

Noemi constituiu um pensamento uníssono com os demais intelectuais signatários do documento, embora, segundo Moraes, com um viés conservador.

Por meio de seus textos, Noemy Rudolfer evidenciava a defesa de uma matriz que urgia pela consolidação do liberalismo no interior do campo educacional, mediante uma modernização de caráter conservador. Tal modelo conceitual coincidia com interesses da elite em ampliar o controle sobre a organização do trabalho e da sociedade, sem se descuidar de manter a pretensa imagem igualitária angariada pela possibilidade democrática no Brasil (2012, p. 495).

De fato, o pensamento de Noemi Rudolfer seguia o caminho do conservadorismo social em que o equilíbrio se dá através da ordem política estabelecida, favorecendo a produtividade no campo industrial. Para ela, a Orientação Profissional deveria abarcar todos os campos da sociedade e encaminhar cada indivíduo para as profissões que melhor estivessem em seu perfil profissional e social, aumentando significativamente a produção, evitando possíveis greves, mantendo assim, todo o equilíbrio social (RUDOLFER, 1929).

Noemi continuou com essa linha de pensamento até a V Conferência Nacional de Educação da ABE no ano de 1932 apresentando a tese “Da homogeneização das classes escolares”, porém dialogando com todo o processo de educação da criança e colocando o psicólogo como figura chave para interferir diretamente na prática do professor, direcionando como seria a melhor forma de ensinar para aquele/a estudante o conteúdo a ser ministrado (RUDOLFER, 1933).

Mesmo com todas as diferenças entre os signatários, esse documento teve papel importante na história educacional brasileira. Iniciava-se um movimento único, educacional, político para a construção de uma identidade educacional como um todo. Era uma mensagem

direta a população e ao governo de Getúlio Vargas<sup>46</sup>, a educação estava começando a ser orientada para a produção de conhecimento, de modo geral para compreender as transformações pelas quais passam a sociedade e como essas transformações influenciam no dia a dia escolar. Começava a se pensar nas potencialidades e aptidões que cada indivíduo possuía, criando um organismo coeso, produtivo e disciplinado para manter a sociedade e a sua estrutura social (PAGNI, 2000).

A terceira figura feminina presente no Manifesto é Armanda Álvaro Alberto, educadora, feminista, com ideias que deixaram marcas significativas, tanto há história educacional brasileira, quanto na história fluminense, sendo necessário um capítulo a parte para ser retratada mais profundamente, principalmente sobre a sua atuação política e educacional no Brasil.

---

<sup>46</sup> No subcapítulo “3.1. A intelectual Armanda Álvaro Alberto” falei sobre a educação no governo Vargas, bem como a descrição do período de 1930 até 1945, não cabendo aqui repetir as mesmas informações.

### 3 - ARMANDA ÁLVARO ALBERTO E A ESCOLA REGIONAL DE MERITY

#### 3.1. A intelectual Armanda Álvaro Alberto

Na História da Educação, o estudo da trajetória dos intelectuais anda lado a lado com as suas práticas profissionais e políticas. As interpretações sobre a vida de outra pessoa podem ser múltiplas, variando de leitor para leitor. Descrever estudar a vida política de Armanda Álvaro Alberto é abrir não uma porta, mas várias, de acordo com a pergunta e com o objetivo em relação aos pontos de partida e chegada.

Armanda nasceu no ano de 1892, no Rio de Janeiro, oriunda de uma elite familiar, filha de Maria Teixeira Mota e Silva e do cientista Álvaro Alberto Silva, tendo como único irmão, Álvaro Alberto Mota da Silva, figura extremamente importante em sua vida.

Muito pouco se sabe da infância de Armanda, porém, essa parte da vida da educadora ainda é um desafio a ser pesquisado, pois até o momento, carece de fontes confiáveis para um aprofundamento. Assim, delimitarei o meu campo de pesquisa até o ponto em que as fontes confiáveis proporcionaram uma reflexão sobre sua vida.

Escolhi as práticas e a luta política que Armanda teve como educadora para uma educação de qualidade para todos. Vale ressaltar a vida da educadora enquanto esteve à frente da escola, compreendendo o período de 1921 até 1964, sendo possível entender o seu pensamento e a sua proposta de ação face a uma postura que não esperava o poder público resolver todos os problemas, principalmente os educacionais, pois era papel de toda a sociedade agir, buscar a ruptura com a inércia e construir as devidas mudanças necessárias (MIGNOT, 2010, p. 24).

Armanda viu de perto o analfabetismo entre as crianças de Merity<sup>47</sup>, o censo geográfico de 1920 mostra dados que possibilitam ter uma dimensão do que ela enfrentava na região: na faixa etária de 15 anos em diante, a taxa de analfabetismo era de 581 para 1000 habitantes, até os 14 anos era pior, o número saltava para 719 por 1000 habitantes<sup>48</sup>. Vivendo

---

<sup>47</sup> Merity aqui, ainda era parte da região de Iguassú.

<sup>48</sup> Dados sobre o analfabetismo no Brasil ao longo dos anos disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf>

essa realidade de perto, Armanda ingressou na Liga Brasileira Contra o Analfabetismo<sup>49</sup>, chegando a sua presidência em 1923 (MORAES, 2008).

Ela viveu em um período no qual a emancipação das mulheres ainda começava no Brasil. Em uma sociedade patriarcal marcada pela exclusão das mulheres no processo eleitoral e na gestão do processo educacional, fato que só foi ocorrer incisivamente no pós-1930 (BELTRÃO; ALVES, 2016). Conhecer esse período brasileiro, no campo político e educacional, é conhecer um pedaço da vida de Armanda e dos movimentos em que ela estava inserida no país.

Vargas começou a governar o Brasil a partir de 1930 e até 1934 fez parte do governo provisório, sendo eleito indiretamente em 1934 e instaurando o Estado Novo logo após, em 1937, permanecendo no poder até 1945, quando é deposto, voltando apenas em 1950, se tornando presidente eleito através do voto popular.

As transformações na sociedade, acompanhadas do crescimento da atividade industrial no país, fizeram com que a educação fosse pensada para a qualificação profissional. Porém é preciso apresentar a grande diferença entre a educação profissional desenvolvida pelo Estado Novo, esta, apenas para a população que não tinha reais condições de aspirações sociais, logo, os mais pobres na sociedade, de forma compulsória. Já no movimento escolanovista, esse segmento de qualificação deveria ser oferecida para todos, sem distinção social, sendo livre a sua associação pelo estudante. Por isso, como nos apresenta Ratacheski (1985), com o Estado Novo, esse movimento de interlocução entre governo e os intelectuais que pensavam a educação no país, é profundamente fragmentado:

A política nacional de educação, durante o Estado Novo, teve acentuadamente o controle da União, obrigando os Estados ao cumprimento das determinações federais. Assim, a questão educacional foi ponto central das preocupações do Governo, atendendo desta maneira as reivindicações da sociedade brasileira, tanto em âmbito federal como estadual, mas, principalmente, à ideologia nacionalista, nazi-fascista, à qual Vargas devotava simpatia e inclinações. Em termos de inovações, continuava-se com a mesma prática pedagógica, ressaltando-se as tentativas de introduzir novos métodos e novas práticas pedagógicas, orientados pelas propostas da Escola Nova (RATACHESKI, 1985, p 35).

Desta forma, a Educação se tornou prioridade para o Estado, não com ações isoladas, vistas anteriormente no país, mas agora, de forma centralizadora, se tornando possível com a

---

<sup>49</sup> Segundo Nofuentes, a Liga Brasileira Contra o Analfabetismo foi uma instituição criada no Rio de Janeiro em 7 de setembro de 1915, encerrando suas atividades em 1940. Tinha como principal objetivo o combate ao analfabetismo em todo o Brasil através de campanhas, pelo caminho da Educação onde se acreditava que este era o único caminho para o progresso e a civilização (NOFUENTES, 2008).

criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930. A burocracia estatal incorporou, de forma distorcida os ideais dos escolanovistas brasileiros em relação à necessidade de centralização das ações educativas. Se de um lado os escolanovistas passaram a ter o respaldo do Estado para colocar suas soluções e projetos educacionais em prática, o Estado tinha o controle de toda conjuntura educacional que começava a ser construída (CARVALHO, 1999). Foi um período de imensa disputa política, como assinala Dulce Pandolfi (2003).

Os anos que antecederam o Estado Novo foram anos de efervescência e disputa política. Essa situação tinha a ver com a diversidade das forças que haviam se aglutinado em torno da Aliança Liberal, a coligação partidária oposicionista que em 1929 lançou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Apesar da sua heterogeneidade, no ideário da Aliança Liberal estavam presentes temas relacionados com justiça social e liberdade política. Os aliancistas propunham reformas no sistema político, a adoção do voto secreto e o fim das fraudes eleitorais. Pregavam anistia para os perseguidos políticos e defendiam direitos sociais, como jornada de oito horas de trabalho, férias, salário mínimo, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Propunham também a diversificação da economia, com a defesa de outros produtos agrícolas além do café e diminuição das disparidades regionais (PANDOLFI, 2003, p.1).

Armanda em 1935 ingressa para a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e funda a União Feminina do Brasil<sup>50</sup>, segundo o jornal A Manhã. Armanda estava engajada no movimento feminista brasileiro, em um sentido mais amplo, pois o movimento não defendia apenas o direito ao voto ou a algo individual, como levanta Carole Pateman, em que a questão do feminismo deveria ser levada a um debate para o Estado, pois as estruturas que limitavam o direito das mulheres estavam baseadas em leis, em preceitos, em códigos e condutas. Por isso, só através da ação política que poderia ocorrer tal enfrentamento (PATEMAN, 1996). Seu caráter é subversivo (LEON, 1994, p. 14), pois tentou romper com o tradicional, com as estruturas engessadas no momento, por isso o movimento feminista buscou o questionamento sobre a verticalização da sociedade, defendendo a mulher como um todo, buscando a sua autonomia (ÁLVAREZ, 1994).

A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma organização política criada no Brasil, nascendo em 1935 e se dissolvendo em 1937, para combater a onda ideológica fascista que

---

<sup>50</sup> Segundo Costa, a União Feminina do Brasil foi um movimento feminista criado em maio de 1935 e fechada em 11 de julho no mesmo ano pelo Decreto nº 229 assinado por Getúlio Vargas. Tinha como principal objetivo a luta pela igualdade de direitos para as mulheres, principalmente no campo do trabalho e direitos sociais, como o voto (COSTA, 2005).

vinha crescendo pelo mundo todo nesse período, logo, faz oposição a ideologia e as posições políticas do governo Vargas.

A criação da ANL representou a culminância desse processo de aglutinação de grupos, setores, organizações e personalidades decepcionados com o rumo tomado pela Revolução de 30, desiludidos de Vargas e do seu Governo. Ao mesmo tempo, para que essa unidade fosse alcançada, o nome, o prestígio, a liderança de Luiz Carlos Prestes mostraram-se essenciais. Sem o Cavaleiro da Esperança e tudo o que ele representava no Brasil, naquele momento, a ANL dificilmente teria existido (PRESTES, 2005, p. 105).

Obviamente, o Estado Novo não aceitou essa movimentação contra os seus ideais de sociedade, as mulheres deveriam continuar nos seus lares, cuidando dos seus maridos e filhos, sem pensar, sem questionar, os filhos na escola, futura mão de obra e os maridos, recebendo ordens do Estado, nos modos, costumes, não aceitando qualquer mudança radical, principalmente a social (REIS, 1993). Por não aceitar essa situação imposta, por ser politicamente ativa, por lutar pelos direitos, principalmente das mulheres, Armanda Álvaro Alberto foi presa diversas vezes. Ficou de outubro de 1936 até junho de 1937 na casa de Detenção, ao lado de Maria Morais Werneck de Castro<sup>51</sup> e Olga Benário<sup>52</sup>. José Damiro esclarece o motivo da prisão.

Como parte do processo de repressão, Armanda Álvaro Alberto foi presa em 8 de outubro de 1936, ficando detida na Casa de Detenção até 22 de junho de 1937. Sua prisão deu-se “por motivos políticos”, como esclarece a ata de 21 de outubro de 1937 da Assembleia Geral de Sócios da Fundação Álvaro Alberto – instituição que administrava a Escola Regional de Meriti. De 4 de dezembro de 1935 a 22 de dezembro de 1936, também esteve preso seu companheiro Edgar Sússekind de Mendonça por motivo idêntico ao da educadora (MORAES, 2013, p. 191).

Por culpa desse episódio, Armanda não participou do primeiro dia letivo do ano de 1937. O fato ocorrido com Armanda, obviamente, não aparece nos relatórios anuais, sendo apenas mencionado o fato de sua ausência “por motivo de força maior” (RELATÓRIO ANUAL, 1937, p. 2). Pensando em não passar a informação aos seus/suas alunos/as de que

<sup>51</sup> Maria Morais Werneck de Castro nasceu no Rio de Janeiro, ainda como Distrito Federal, no dia 8 de outubro de 1909, falecendo no mesmo Estado, no dia 6 de abril de 1994. Foi ilustradora botânica, porém seu trabalho mais significativo é no campo político, Fundadora da União Feminina do Brasil (UFB), junto de Armanda Álvaro Alberto e Eugênia Álvaro Moreira, em prol da luta pelo direito igualitário das mulheres na sociedade brasileira. Também se filiou à Liga Antifascista, promovendo diversas campanhas nos jornais contra a guerra e o integralismo (DE CASTRO GOMES, 1996).

<sup>52</sup> Segundo Ruth Werner Olga Gutmann Benário nasceu em Munique, na Alemanha, em 1908. Foi militante comunista alemã, vindo para o Brasil em abril de 1935 para ser guarda-costas de Luís Carlos Prestes, onde depois se torna sua companheira, tanto matrimonial, quanto na luta política, apoiando a Intentona Comunista. Morreu em uma câmara de gás em 1942 ao ser deportada para a Alemanha Nazista pelo governo de Getúlio Vargas (WERNER, 2004).

estava presa, pediu aos/às professores/as e aos/às funcionários/as que avisassem às crianças que se encontrava doente. Escreveu uma carta para ser lida aos seus alunos no primeiro dia de aula:

**Meus queridos alunos da Escola Regional de Meriti**

Como não posso ir hoje até ahi para receber vocês todos no dia de reabertura da nossa Escola, ao menos em pensamento quero estar perto de vocês.

Sei que D. Zulmira e D. Dulce vão fazer tudo para que vocês não sintam a minha falta. E sei que vocês também vão fazer um esforço muito grande para trabalhar, para estudar, para brincar, para viver na escola como se eu fosse aparecer de um momento para outro e abrir os braços, dizendo o que sempre digo quando chego aí: bom dia, meus passarinhos!

Meus queridos alunos: não há de custar muito a chegar o dia em que vocês vão me ver de novo. Enquanto esse dia não chega, quero ter a certeza de que vocês se lembram de mim: quero receber cadernos com exercícios bem feitos por vocês, todas as vezes que o professor Edgar for dar aula aí.

Lembrem-se mais uma vez de que em nossa escola todos os alunos são irmãos, brancos, pretos e mulatos: quero ver todos juntos, ajudando-se um ao outro, brincando sem brigar.

Tudo o que vocês quiserem de mim, é só pedir por carta, que para vocês faço com alegria o que é possível fazer. Que cada semana, um aluno, ou mais de um, me escreva, contando tudo o que se passa aí: excursões, jogos, comissão de cada um, doenças etc.

Escutem: organizem as comissões de trabalho muito direitinho, por eleição. Só podem votar os alunos de 10 anos em diante. Os menores podem ser votados, porem não podem votar. Muito cuidado com o Museu, com os livros, com a vitrola. E o nosso jardim? As nossas árvores de frutas? As nossas flores?

Para as mães do Circulo de Mães e para todas as mães dos meus alunos, mando um abraço de amiga.

Para vocês, minhas crianças, todo o carinho de sua professora muito amiga  
ARMANDA<sup>53</sup>

Nessa carta, observa-se uma educadora que pensa em seus/uas alunos/as, que não deixa transparecer as atribulações que estavam ocorrendo em sua vida pessoal. Armanda mostrou que se preocupava com a escola, mesmo estando presa. Armanda por muitas vezes ‘visitou’ a delegacia. Os jornais da época apontavam a ocorrência de alguma manifestação política, ou algo que se incluía a palavra “comunismo”, Armanda era chamada para depor, mas mesmo assim, nunca deixou de ser uma militante e educadora, uma pessoa envolvida com as causas sociais e, principalmente, com a educação.

Entre o processo de trabalhar a memória e o levantamento das fontes, foi fundamental o acesso aos arquivos da ABE, principalmente por manter-se ligado à vida de Armanda Álvaro Alberto. Constituído de uma gama de documentos, entre eles livros de atas, teses, as

<sup>53</sup> Carta enviada aos alunos da Escola Regional de Meriti por Armanda Álvaro Alberto em 1 de março de 1937 da prisão política da Casa de Correção no Rio de Janeiro.

mais diversas fotografias. O trabalho no arquivo da instituição foi determinante para a compreensão da dinâmica interna da ABE e, principalmente, as ideias e concepções pedagógicas que estavam sendo construídas na instituição que teve em Armanda uma das mais ativas participantes.

Fundada em 15 de outubro de 1924 por Heitor Lyra da Silva<sup>54</sup>, a Associação Brasileira de Educação (ABE), tinha como objetivos principais melhorar a educação, saúde e o enfrentamento dos problemas que assolavam a população brasileira. Nas conferências da ABE, era intensa a circulação de informações e a troca de experiências. Foi em Curitiba que aconteceu a I Conferência Nacional de Educação (CNE) ou Conferência da ABE, em 1927, com o tema principal sobre a educação como princípio para se chegar ao progresso. Além disso, o debate ficou entorno da relação entre corpo e educação, tema presente nos diversos discursos dos participantes, representando diversos segmentos da sociedade, principalmente professores, médicos e diversos atores políticos. As 113 teses apresentadas representavam uma nova concepção de educação, passando pelo higienismo, novas abordagens pedagógicas, a formação do cidadão e a relação entre trabalho e educação (VIEIRA, 2004), esse último, evidenciado na quinta tese, apresentada por Lindolpho Xavier, professor de Geografia na cidade do Rio de Janeiro:

(...) A verdadeira Pedagogia ensinará os meios práticos de vencer na vida: pela preparação técnica, pela educação da vontade, pelo saneamento do corpo e do espírito, pelo estudo do meio físico e moral. Toda verdadeira pedagogia tenderá para o ensino da Economia, no tempo e no espaço. Tudo no melhor processo, com um mínimo de dispêndio e o máximo de proveito, na maior velocidade.

(...) Toda pedagogia moderna será fordiana: irá buscar nos livros de Ford os processos da vitória, com o máximo de humanidade, no mais intenso sistema de economia, com as generalidades das especializações. Para o fordismo não há aleijados, não há inúteis; todos cooperam para a obra geral.

(...) Em todos os estudos, desde o infantil até o superior, se orientará o ensino para o lado econômico: incutindo ideias de trabalho, amor à riqueza da terra e aos hábitos de indústria e comércio (XAVIER, 1927, p. 32).

Certamente não se problematizava a opção por uma educação fordista, pensando apenas que a educação seria o caminho ideal para o progresso e industrialização do país.

---

<sup>54</sup> Heitor Lyra da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 05 de março de 1887, falecendo no mesmo Estado em 18 de novembro de 1926. Forma-se na então Escola Politécnica do Rio de Janeiro em Engenharia Civil, no ano de 1911, se tornando professor do Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas-Artes e ainda lecionando no Colégio Jacobina, entre os anos de 1907 e 1926. Em 1924, no Rio de Janeiro, Heitor Lyra e diversos intelectuais do país fundam a Associação Brasileira de Educação (ABE) (CARDOSO, 2004).

Armanda chegou à presidência da ABE nesse período. Armanda participou da I CNE, recebendo voto de aplausos do escritor e jornalista Osvaldo Orico<sup>55</sup> pela sua atuação e o compartilhamento de suas atividades na Regional de Merity. Nesta conferência a experiência educacional empregada por Armanda foi compartilhada entre os presentes, através das palavras de Belisário Penna<sup>56</sup>.

Na sessão de abertura da VII conferência da ABE, torna-se significativo o esvaziamento do movimento. Se antes, a pluralidade de ideias e concepções pedagógicas ditava o debate na conferência, agora a imagem educacional que se desenhava estava indo por uma única corrente. Mesmo com esse esvaziamento de ideias, visto a saída da ABE pela ala católica, essencialmente pelo conflito entre eles e a ala de educadores que defendiam um modelo educacional pautado na laicidade, discursão que vem desde a publicação do Manifesto de 1932, criando a sua própria organização, a Confederação Católica de Educadores (CCE) que atualmente se constitui como Associação de Educação Católica do Brasil (AEC)<sup>57</sup>, os objetivos da ABE ainda giram em torno da educação brasileira, como nos apresenta o professor Lourenço Filho (1935), este sendo presidente da associação naquele ano, na abertura da VII conferência:

Nações há que procuram resolver os problemas de eficiência, mesmo à custa das liberdades individuais. Outros, que preferem manter todos os ditames de uma romântica liberdade individual, pereça embora a eficiência... Entre tais extremos, simplistas ambos, e ambos perigosos, os estadistas mais avisados começam a compreender que “eficiência com liberdade” ou “liberdade com eficiência”, só num cadinho se fundem, e esse é o da educação (LOURENÇO FILHO, 1935, p. 22).

Nesse período, no livro de Lourenço Filho “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, Armanda foi citada, tanto pela sua atuação política voltada para a renovação da educação no país, quanto pela a sua experiência na Regional de Meriti (LOURENÇO FILHO, 1967).

---

<sup>55</sup> Segundo Sergio Miceli, Osvaldo Orico nasceu em Belém- PA no ano no dia 29 de dezembro de 1900 e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1981. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e funcionário do serviço público federal brasileiro, atuando como diretor da Divisão de Educação Extra-Escolar do Ministério da Educação e Saúde Pública (MICELI, 2001).

<sup>56</sup> Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939), médico sanitarista, era líder da Liga Pró-Saneamento do Brasil e tinha a concepção de que o povo brasileiro era doente e abandonado pelo Estado Brasileiro (STANCIK, 2009).

<sup>57</sup> A CCE foi fundada em 1933, por educadores católicos, descontentes com as discursões que se seguiam na ABE, principalmente sobre o ensino laico na rede educacional brasileira. Em 1945, a CCE se transforma na Associação de Educação Católica do Brasil, criada por Artur Alonso Frias. Dentro da entidade, as discursões ficaram em torno sobre como o ensino nas instituições católicas fortaleciam o elitismo e classismo (CUNHA, 1981).

Quando Armanda criou a escola, passou a ter uma visibilidade considerável, se tornou conhecida por todos os demais no seu meio social. Antes, era apenas uma mulher da elite carioca que participava dos movimentos sociais.

Em 1939, Armanda fez parte da Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), e junto com Delgado de Carvalho<sup>58</sup> avaliou os livros didáticos que seriam utilizados pelos professores/as por todo o Brasil (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 1984). O que chama a atenção é que o governo tenta de todas as formas controlar a produção no campo educacional, controlando o conteúdo e as políticas educacionais e, mesmo com Armanda sendo presa em 1937 e a tentativa de fechamento da Regional de Merity no mesmo ano pela polícia comandada por Filinto Müller, ela continuou a ser chamada para integrar comissões educacionais ligadas ao governo.

### **3.2. O primeiro laboratório educacional: Angra dos Reis e os conceitos pedagógicos de Maria Montessori**

Em 1919 Armanda começa a trilhar o seu caminho na educação brasileira. Criando nesse ano uma escola para os filhos dos pescadores de Angra dos Reis, começando assim de fato, a sua trajetória educacional, no qual se utilizava as técnicas de Pestalozzi<sup>59</sup> e de Maria Montessori, métodos aprendidos no Colégio Jacobina<sup>60</sup>,

Antes de demonstrar como foi a experiência educacional em Angra dos Reis, é adequado apresentar a principal influência no campo pedagógico para Armanda: Maria Montessori.

Maria Tecla Artemisia Montessori ou Maria Montessori (1870-1952), criadora da Pedagogia Científica ou método Montessori, no qual a autonomia da criança é o caminho norteador da educação. O desenvolvimento tem que ser por etapas, com base na idade da criança, sempre pensando nas necessidades do indivíduo (SANTOS, 2010).

<sup>58</sup> Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu em Paris 4 de Novembro de 1884 e falecendo no dia 04 de outubro de 1980 no Rio de Janeiro. Delgado de Carvalho foi geógrafo e professor, lecionando na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sendo um dos pioneiros na introdução das concepções da geografia moderna no Brasil, com a sua obra “Le Brésil Méridional”, institucionalizando a Geografia como ciência a ser estudada no Brasil, além de ser membro da Academia Brasileira de Ciências (ANDRADE, 1993).

<sup>59</sup> Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) acreditava que as práticas pedagógicas de ensino deveriam partir do mais simples para o mais difícil, no qual o ensino deveria direcionar a criança a aprimorar as suas competências naturais e ocultas (LOPES, 1981).

<sup>60</sup> Fundado em 1902, pelas irmãs Francisca Jacobina Lacombe e Isabel Jacobina Lacombe, o Colégio Jacobina funcionou em Botafogo até o ano de 1980, no qual é fechado devido a crise financeira que o colégio vivia. Frequentado pela elite carioca, seu projeto pedagógico era voltado para mulheres, visando à humanização do ensino, formando mulheres capazes para atuar no aperfeiçoamento da sociedade (CARUSO, 2006).

A educação passou a ser repensada, pois era necessária uma nova concepção de aprendizagem, visto que o homem começava a passar por significativas transformações sociais, saindo do dualismo tradicional, no qual o conhecimento vinha formatado e entregue, passando para emancipação cultural e intelectual. Montessori constatou essa mudança na sociedade, principalmente a mudança da concepção sobre como estava a educação.

Cada assunto de nosso interesse e estudo pode ser relacionado aos seres humanos que têm trabalhado, frequentemente famintos, para sobrepujar obstáculos para sua compreensão e para nos oferecer conhecimento sem que tenhamos que sofrer tais pesares. Tudo é fruto da alma humana e nós encarnamos essa frutificação na educação, esse repositório de conhecimentos e riquezas passados às nossas mãos pelo homem (MONTESSORI, 2004, p. 77-78).

Nesse enfoque, Montessori esboçou o pensamento de que a criança não poderia ser educada como se fosse adulta. Suas atividades pedagógicas deveriam ser trabalhadas para o desenvolvimento infantil e para o trabalho com a memória das crianças (MONTESSORI, 1934). Então, em 1907, na cidade de Roma, especificamente no bairro de San Lorenzo iniciou o seu trabalho pioneiro. Na "Casa dei Bambini", ou "Casa de Criança" começou o trabalho pelo mobiliário, adaptando para o tamanho das crianças (MONTESSORI, 1965a). Para Talida de Almeida (1984) isso representou uma mudança significativa, trazendo uma maior independência para as crianças, com isso, as tornando mais participativas (ALMEIDA, 1984).

Deve-se observar nos trabalhos de Montessori que o "método montessoriano" é interdisciplinar, que se baseia na autonomia e na participação coletiva. Todo material montessoriano apresenta ligação com o espaço, a criança e a aprendizagem, nada é descolado, mesmo sendo apenas um instrumento pedagógico que une a criança e o que se ensinar (COSTA, 2001). O trabalho é sensorial, justamente para ligar a criança à sociedade (MONTESSORI, 1951). Este aspecto vai ao encontro das ideias de Célestin Freinet<sup>61</sup> (1984), ou seja, qualquer concepção pedagógica, qualquer forma de ensinar, deveria ser relacionada ao trabalho, ao modo com que aquela criança vivia na sociedade, a educação nem deveria se dissociar com a vida fora da escola, como que mesma deveria ser a mais atrativa possível (FREINET, 1984).

---

<sup>61</sup> Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, na cidade de Gars, França e faleceu em 8 de outubro de 1966, em Vence, no mesmo país. Se tornou professor antes de lutar na Primeira Guerra Mundial em 1914 (Fortunato, 2013). Freinet acreditava a criança precisava ser espontânea em suas atividades, saindo da figura central do professor, em colaboração com a prática burguesa dentro da escola (FREINET, 1975). É importante levantar a informação de que Freinet começa na prática docente entre os anos de 1920 e 1924, onde desenvolve em suas atividades a questão das aulas-passeio, dos espaços pedagógicos e da troca de correspondência entre escolas.

**Figura 3 Armanda com seus alunos em Angra dos Reis- 1919**



**Fonte: Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES)**

Esse conjunto de ideias de Montessori inspirou Armanda, a princípio com todos os conceitos aprendidos por ela, que em um projeto de escola ao ar livre criada, por um ano leciona para os/as filhos/as de pescadores. Em um de seus cadernos Armanda escrevia tudo o que se passava. Relata, assim, a experiência em Angra dos Reis.

Enfim, experiências, tropeços, não é mister recorda-los aqui, bastando acentuar que lidava com crianças, adolescentes mesmo, que não nem ao menos sequer dar nomes às cores, salvo a dos frutos verdes e maduros; que ignoravam suas condições de brasileiro; que dos engenhos da civilização moderna, apenas conheciam os vapores costeiros e os navios de guerra de vez em quando ancorados na baía. Os desenhos espontâneos, ainda os conservo, são documentos fiéis daquela mentalidade.

Aquela escola ao ar livre, à sombra dos bambus, cujo mobiliário constava de uma mesa, uma cadeira e esteiras no chão, onde as manhãs eram consagradas à distribuição de remédios, e muito material escolar improvisado ali mesmo, do que pudesse ser aproveitado. Se foi a escola que iniciou alguns patriciozinhos nas coisas primordiais da vida, foi também a nossa própria escola (ALBERTO, 2016, p. 104).

Em outro momento, Armanda relata com mais detalhes como era essa relação entre a educação e a prática de ensino naquela escola, usando o termo que melhor poderia descrever aquela organização criada para ensinar os filhos dos pescadores, se estendendo para a população local, em Angra dos Reis. Assim, considero esta escola o ensaio para um projeto educacional que estava por vir, como mesmo relata Armanda Álvaro Alberto.

Tendo observado de perto, em convivência longa, vários grupos de população brasileira do centro e nordeste do país, sempre interessada pelos problemas de educação no Brasil, aproveitei uma estadia de muitos meses numa praia de Angra dos Reis, em 1919, a primeira oportunidade que se me oferecia para ensaiar uma escola. Apareceram prontamente cerca de 50 crianças, para as quais não existia escola pública ou particular, por toda a redondeza. Não tendo coragem de rejeitar nenhum desses alunos que iam dos 3 aos 16 anos, organizei as turmas com a homogeneidade possível em tais circunstâncias, e pus-me a praticar o que estudara nos livros de Montessori (ALBERTO, 1968, p. 35).

Afirmo que naquele espaço, na praia de Angra dos Reis, Armanda ensaiava a ideia de educação popular, que dois anos depois, viria levar à criação da Escola Proletária de Merity.

### **3.3. A correspondência como fonte histórica: As cartas de Armanda e suas visões**

A principal fonte primária, depois dos relatórios anuais produzidos pela Regional de Merity, é sem dúvida a correspondência que Armanda enviou e recebeu ao longo dos anos<sup>62</sup>. As cartas nesse período não serviam apenas para o contato com outras pessoas, mas também cristalizavam as memórias presentes. Além desse aspecto, podemos compreender as relações sociais de uma determinada época (BARBOSA, 2010), compreendo o período a ser pesquisado. Lemos (2004) Barreto (1993) Quadros (2008) e Camargo (2000) trabalham a conceituação das cartas como fonte documental ser pesquisada, sendo assim, um dos caminhos a se seguir na busca de informações necessárias para a pesquisa. Como o conceito de documento<sup>63</sup> é amplo, acompanhado de seu campo, utilizarei o empregado por Paul Otlet (1937), em que o conceito de documento é:

---

<sup>62</sup> A correspondência completa está sob a guarda do PROEDES.

<sup>63</sup> Em Schellenberg, o documento parte de um campo mais arqueológico, em que o documento é uma fonte de informação (SCHELLENBERG, 2006), para Pinsky (2006), o documento vem da adaptação das pinturas rupestres feitas pelo homem, com o objetivo de deixar a sua marca (PINSKY, 2006) e em Silva Filho, o documento é a movimentação da informação, saindo do abstrato para o concreto (SILVA FILHO, 2009).

Documento é o livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, é também atualmente o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica. Ao lado dos textos e imagens há objetos documentais por si mesmos (OTLET, 1937, p. 1).

Seguindo essa linha, as pinturas rupestres podem ser consideradas verdadeiras ‘cartas’, ao passo que transmitiam informações para os demais, sendo aquela a linguagem empregada naquele momento histórico. Mesmo ao longo do tempo e ocorrendo diversas modificações, passagem do desenho para a grafia, a carta como documento não perdeu a sua importância histórica. A carta mais famosa que podemos citar aqui é a de Pero Vaz de Caminha<sup>64</sup> para D. Manuel I descrevendo Pindorama<sup>65</sup>. Sendo assim, seguindo Le Coadic (2004), “a comunicação é, portanto, o processo intermediário que permite a troca de informações entre pessoas” (LE COADIC, 2004, p. 117). Assim, as cartas têm como objetivo guardar informações e transmitir uma mensagem.

Ao analisar um total de 503 cartas<sup>66</sup>, que se encontram no inventário de Armanda no PROEDES, consegue-se compreender toda a movimentação política e como a rede de colaboradores conseguiu manter o projeto pedagógico da escola e as suas atividades por tanto tempo. Também é possível compreender que, ao longo do tempo, a escola precisou cada vez mais dos colaboradores.

O cunho das cartas não era só de pedidos para a escola: agradecimentos de donativos, pedidos de intervenções sobre diversos assuntos para autoridades políticas, pedidos de informações sobre o processo pedagógico da escola, prestações de contas, entre outros assuntos.

Cabe aqui levantar a possibilidade da manipulação das cartas, mesmo que rara essa possibilidade, ou até mesmo a inverdade no conteúdo de uma ou outra correspondência, pois como qualquer pesquisa que trabalha com dados e fatos, as cartas foram escritas por terceiros. O que aproxima o conteúdo das cartas à realidade composta são as diversas fontes secundárias

---

<sup>64</sup> Pero Vaz de Caminha (1450-1500) foi o cronista que segundo Seabra (2000), pertencente a nau de Pedro Álvares Cabral, escreve a primeira carta relatando sobre a “descoberta do Novo Mundo, sendo essa carta a primeira certidão de nascimento do Brasil (SEABRA, 2000).

<sup>65</sup> Significa Terra das Palmeiras em Tupi-Guarani, como se era chamada a terra em que hoje é o Brasil antes dos portugueses chegarem a essa terra. Por ter a minha ancestralidade vinda dos Goytakas, falante do Tupi Antigo e sabendo que não ocorreu nenhum “descobrimento”, utilizarei o correto termo para designar esse território durante o período Pré- Cabralina até o Período Colonial, que corresponde ao ano de 1500, até o ano de 1815.

<sup>66</sup> Utilizarei a definição e a organização dada pelo PROEDES sobre os documentos, porém com 3 subdivisões: cartas, quando for de cunho pessoal; memorando, para documentos com destinatários no círculo social da Escola e de Armanda; Ofício, para qualquer documento cujo destinatário seja algum órgão ou entidade oficial, principalmente as ligadas político e socialmente ao Governo.

às quais tive acesso, como as fotografias, os diversos comprovantes guardados, as prestações de contas que seguiam junto aos pedidos de novos donativos e as informações que estavam nos periódicos da época. Então, o que deve se tratado aqui não é a autenticidade das cartas, mas os documentos e seu teor de informações sobre diversos aspectos que não seriam conhecidos se não tivessem sido protegidos pelo arquivo.

Assim, as cartas permitem aos seus leitores conhecer um “retrato de autor”, que fontes mais usuais não permitiriam conhecer. Este retrato é um compósito formado ao longo da carteação. Não se trata somente de um retrato momentâneo, mas de um conjunto de imagens que formariam uma espécie de retrato maior ou uma imagem de conjunto que não é o autor, mas um autor entre tantos quantos forem possíveis de ser registrados por ele, à medida que este sujeito varia conforme o seu correspondente. Ainda que uma mesma carta seja enviada para mais de um correspondente, sempre haverá pequenas modificações a fazer e é neste refazer da carta primeira que um novo retrato de autor se mostra (BEZERRA; SILVA, 2009, p. 137).

As 620 fotografias<sup>67</sup>, não contando os diversos negativos, também reforçaram o conteúdo das diversas cartas. Porém, o cuidado com o tratamento da imagem como fonte vai ao encontro dos conceitos aplicados por Le Goff (1988), principalmente sobre o uso intencional da fotografia e o momento de captação da imagem que não seria neutro (LE GOFF, 1988). O que apresento não é o esgotamento do uso da fotografia, reduzindo-a apenas à ilustração ou não a utilizando na pesquisa, por se pensar na intencionalidade do seu uso e produção. A iconografia foi utilizada como passaporte para o passado, para se compreender o contexto das informações obtidas ao longo deste trabalho.

A sustentação teórica sobre o uso da fotografia se dará através de Boris Kossov (1989), Ana Maria Mauad (1990), Diana Vidal (1994) e Armando de Barros (1997), na análise técnica da fotografia, bem como a reconstrução daquele momento, através de elementos deixados naquele objeto visual (KOSSOV, 1989), decifrando aquele signo para compreender tanto o campo físico, quanto o campo das representações daquela sociedade (MAUAD, 1990), refletindo e sempre indagando as informações construídas ali (VIDAL, 1990), unindo aquelas informações ao material escrito, criando o aporte para a compreensão das informações que ali perpassam (BARROS, 1997), logo, toda fotografia aqui apresentada, seja em forma iconográfica, seja em forma de jornal, foi contextualizada para aquele momento, recortando o seu objeto de apresentação.

---

<sup>67</sup> Cabe registrar que a parcela de fotografias aqui utilizadas estão direcionadas para o campo documental e serão empregadas, além da consolidação das informações apresentadas, usadas para incorporar a construção das referências registrais trabalhadas.

Lucien Febvre (2009) aponta que é imprescindível reconhecer outras formas, outros caminhos para as fontes históricas, não se embasando unicamente na fonte escrita ou documental, ou seja, a articulação com outras fontes, aqui em especial as cartas e as fotografias obtidas, guiaram a busca de informações.

### **3.4. A rede de colaboradores para se realizar um sonho possível**

A construção de uma rede de apoiadores que compartilhavam do mesmo ideal educacional se fez necessária para qualquer ambição de continuidade da Escola. A primeira vista, parece simples, basta apenas organizar as pessoas que desejam apoiar um projeto pedagógico e ir dirigindo a Escola, porém, fica evidente que a construção dessa rede foi muito mais complexa e isso se fez refletir nos relatórios anuais.

Com a sua inauguração em 13 de fevereiro de 1921<sup>68</sup>, A Escola Proletária de Merity já contava com uma vasta rede de colaboradores e isto possibilitou a continuidade da escola durante tanto tempo, principalmente no que se refere à influência do estado no projeto pedagógico da escola.

Desde o primeiro ano da Proletária de Merity, Armanda teve sempre ao seu lado, colaboradores para tornar o sonho de ter uma escola possível, com ensino regional e que se adaptaria ao meio (ALBERTO, 1921, p. 1).

Do círculo de Armanda, podemos destacar a influência estadunidense como a colaboração da Metro Goldwyn Mayer<sup>69</sup> oferecendo “entradas para as crianças da Escola Regional para assistirem os filmes Beethoven, de F. Kortner e Ricardo Coração de Leão, de Wallace Beery” (O JORNAL, 14 de abril de 1927, p. 14), se faz o caminho de inúmeras possibilidades pedagógicas que aquelas crianças certamente não iriam experimentar, pois esse instrumento passa a unir a escola e a comunidade, além de ser tornar um instrumento pedagógico que só é instalado em 1941, aberto para a comunidade é o cinema educativo, o primeiro cinema escolar da Baixada Fluminense que de fato está documentado até o presente momento. Esse fato é narrado do relatório anual de 1941 na seção de acontecimentos do ano:

---

<sup>68</sup> Para compreender como se deu os primeiros dias da escola, ir para o subcapítulo “4.1. De proletária à Regional de Merity: compreendendo o começo da escola”.

<sup>69</sup> A Metro-Goldwyn-Mayer Inc., ou MGM. Criada em 1924, é uma instituição norte-americana produtora de filmes (ZAPONNE, 2015).

A inauguração do cinema foi o momento marcante nos dois sentidos. Possuímos agora um instrumento precioso para o ensino, e um fator a mais de atração dos meritienses até nossa esfera de educação popular, tanto que aproveitamos aquela oportunidade para instalar o recém-fundado Clube de Leitura. Essa eficiente utilização do cinema, acreditamos, vale pelo melhor agradecimento ao Prof. Roquette Pinto (RELATÓRIO ANUAL, 1941, p. 2).

A Escola utilizou o cinema como instrumento pedagógico, pois já no ano de 1925, recebeu as conferências de saúde e educação através do cinema, promovidas por Belisário Penna, como consta no relatório anual do respectivo ano, as conferências tiveram como tema a Educação sanitária do povo; Verminoses; Impaludismo; Sífilis; Sífilis para homens; Alcoolismo; Tuberculose (RELATÓRIO ANUAL, 1925).

Belisário Penna era um dos principais colaboradores e articuladores da questão da saúde da Escola Regional de Merity, o mesmo acreditava que a escola era o principal espaço para o ensino da educação higiênica e só a escola poderia “formar a consciência sanitária nacional, que, alcançada, constituirá base solidíssima da prosperidade do Brasil” (PENNA, 1922, p. 2).

**Figura 4** Roquette Pinto, Anísio Texeira, Edgar Sussekind e Ármada em uma sessão de cinema educativo em Duque de Caxias em 1941.



Fonte: Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto (IHDC).

Se o cinema foi usado como instrumento pedagógico, o rádio também teve seu papel de destaque e, neste ponto, revelam-se duas figuras que tiveram papel atuante na Escola Regional de Meriti: Roquette Pinto e Ilka Labarthe.

Segundo Patrícia Costa (2012), Ilka Labarthe era diretora de publicidade do Departamento Nacional de Propaganda e trabalhava junto com Roquette Pinto, construindo programas com o formato de educação via rádio, baseada nas perguntas que eram enviadas por seus ouvintes (COSTA, 2012).

Ilka tinha um programa na Rádio Escola Municipal<sup>70</sup> chamado “O Tapete mágico da Tia Lúcia” com o objetivo de mostrar a cultura e a história de diversos povos pelo mundo. Ilka revela em seu livro o que se esperava pelas crianças a cada programa:

Quem fecha um livro pensando que chegou ao fim da viagem, que sabe tudo, desgosta Tia Lúcia e o Tapete Mágico se encolhe recusando o passageiro. Estudem sempre; o mundo é grande e nele pode-se viajar a vida inteira sem passar pelos mesmos lugares, vendo a cada dia uma coisa nova e bonita. (LABARTHE, 1937, p.15).

Na Escola Regional de Merity, Ilka teve papel atuante na seleção de materiais escolares junto a papelarias e casas de comércio. Além disso, ela não só ofereceu uma coleção de jogos educativos, feitos por Louise Artus Perrelet para a Regional de Merity, como ensinou pessoalmente o seu uso, tanto para professoras, quanto para os/as alunos/as (RELATÓRIO ANUAL, 1931, p. 4).

A pesquisa de Renato de Sousa Gilioli (2008) assinala que a proposta de Roquette Pinto de unir educação e civilidade, através do rádio, chegou aos lares brasileiros, levando a informação em um projeto nacional.

O objetivo do antropólogo era, através do rádio, levar ‘civilização’ a todos os cantos do país, “resgatando” o “sertanejo” do seu estado de suposto “atraso” e trazê-lo para a possibilidade de integração subordinada ao desenvolvimento econômico nacional. Era uma proposta de modernização conservadora, na qual o valor democrático não era exatamente uma prioridade. No entanto, o veículo de comunicação não tinha alcance suficiente para esse objetivo, tendo restringido sua maior força ao ambiente urbano. De qualquer modo, permaneceu o objetivo de levar ‘civilização’, uma estética ‘elevada’ e uma ‘cultura desinteressada’ para os ouvintes. Isso fazia do eruditismo um elemento distintivo da concepção de radiodifusão de Roquette (GILIOLI, 2008, p. 373).

Se antes, o rádio tinha como seu conteúdo o lúdico, o educativo, começa a se transformar a partir de 1930, se converte em popular, principalmente com o viés no lazer, na diversão e sendo totalmente comercial (PERUZZO, 2011).

---

<sup>70</sup> A Rádio-Escola Municipal (PRD5) foi criada em 1934, por Edgard Roquette-Pinto, sendo o seu embrião a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923. A Rádio Escola funcionava de forma organizada em passar o conteúdo através do rádio para os alunos e para as escolas. Os que estavam cadastrados recebiam as apostilas com os conteúdos desenvolvidos nas sessões diárias apresentadas. Duvidas e questões eram respondidas através de cartas ou com a ida dos ouvintes a rádio. (MOREIRA, 2002).

A figura de Roquette Pinto sempre esteve presente na Escola Regional de Merity, não só com doações, mas também conquisitando novos parceiros, promovendo o que estava sendo feito nessa localidade e atuando no cotidiano da escola. Foi ele quem organizou todo o material de Zoologia do Museu Escolar, isso já no ano de inauguração, em 1921 (ALBERTO, 1969).

Com a chegada da eletricidade em 1934, as primeiras sessões de cinema e rádio foram possíveis graças a todo maquinário doado por Roquete Pinto, além de palestras que acompanhavam os trabalhos através do rádio. Sendo diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) de 1936 até 1947 e principal doador do acervo, com mais 620 obras em 707 volumes, Ribeiro (1944) aponta que o conteúdo do acervo e toda a produção tinham como principal finalidade apresentar outra face do Brasil, com heróis nacionais, a construção da cultura nacional e a divulgação científica (SCHVARZMAN, 2004).

Ele foi o principal idealizador do festival no Teatro João Caetano para promover o regionalismo. Os alunos da Regional de Merity estavam vestidos com chapéu de palha e aventais, caracterizados como homens rurais (RELATORIO ANUAL, 1926, p. 3).

As artes também tiveram a sua parcela na construção do projeto escolar, o maior parceiro nesse aspecto foi a Escolinha de Artes do Brasil (EAB). A EAB foi fundada no Rio de Janeiro, no ano de 1948. Fruto do trabalho de Lúcia de Alencastro Guimarães, da escultora estadunidense Margareth Spencer e do artista brasileiro Augusto Rodrigues, que era professor na Sociedade Pestalozzi, fazendo assim, a ponte entre as artes e a educação. Tinha como princípio as artes, em especial às relacionadas à dança, à pintura e ao teatro, explorando as características folclóricas do país.

**Figura 5 Aula de artes organizada pelo artista plástico Barboza Leite em 1957**



Fonte: IHDC

Sobre a EAB, consta uma citação direta nos relatórios anuais do respectivo ano, elogiando a formação recebida pela responsável da biblioteca Euclides da Cunha, Ely Donato e uma correspondência de Armanda, do dia 19 de agosto de 1954, em agradecimento pela oferta de vaga para a referida senhora na EAB:

Á Senhora Lúcia de Alencastro Guimarães- tenho a satisfação de agradecer muito penhorada, a matrícula gratuita oferecida pela “Escolhinha de Arte” à bibliotecária da “Escola Regional de Miriti”, srta Ely Donato. Esperando que essa colaboradora da Escola saiba corresponder aos objetivos da oportunidade que se lhe oferece, e que depois se reverterá em benefício de nosso estabelecimento, encareço a valia de sua generosa oferta. Nesta oportunidade, reitero-lhe meus protestos de elevado apreço e distinta consideração (ALBERTO, 1954, s.p.).

Lembrando que a EAB recebeu apoio de Helena Antipoff<sup>71</sup>, Nise da Silveira<sup>72</sup> e de Anísio Teixeira no que se refere à educação especial e à arte, promovendo a produção de materiais específicos para esse público.

<sup>71</sup> Helena Wladimirna Antipoff ou Helena Antipoff foi psicóloga e pedagoga. Nasceu em 25 de março de 1892, em Hrodna, na Bielorrússia e Faleceu em 9 de agosto de 1974, na cidade de Ibirité, interior de Minas Gerais. Começou a sua atuação na Reforma de Ensino Francisco Campos em 1929, buscando compreender as experiências e como se trabalhava a prática pedagógica das instituições que atendiam as crianças consideradas “excepcionais”. Criando em 1940 a Fazenda do Rosário, um local da Sociedade Pestalozzi, em que a presidente era Helena Antipoff. Seu trabalho nesse local se destaca pela sua interpretação os resultados educacionais e as bases socioculturais, onde fatores sociais, culturais e econômicos poderiam interferir diretamente no aprendizado do aluno (RAFANTE; LOPES, 2008).

Anísio Teixeira era um grande entusiasta da educação no Brasil. Na Escola Regional de Merity, o seu apoio foi identificado numa correspondência enviada por Armanda datada em 15 de dezembro de 1955.

Senhor professor Anísio Teixeira:

Tenho a satisfação de manifestar a V.S<sup>a</sup>. o meu grande contentamento pela valiosa e rara contribuição que acaba de prestar à “Fundação Dr. Álvaro Alberto”, oferecendo à Biblioteca Euclides da Cunha, anexa à ESCOLA REGIONAL DE MERITI, noventa volumes de obras preciosas de informação e cultura geral.

Vale não só ressaltar a generosidade da oferta quanto o que ela representa de importância não só para as professoras, como para os alunos, ex-alunos e ainda para todos aqueles que desejam se elevar pela cultura, inclusive os próprios moradores do município de Caxias, principalmente a que a atendendo-se a que a BIBLIOTECA EUCLIDES DA CUNHA é a única franqueada ao público nesta cidade.

Menciono ainda de maneira especial, entre todas as excelentes obras recebidas, “O MUNDO DA CRIANÇA”, régio presente feito à nossa biblioteca.

Por tudo isso, espero que V. S<sup>a</sup>. Aceite meu sincero agradecimento.

Valho-me do ensejo para reiterar-lhe meus protestos de elevada estima e distinta consideração, cumprimentando-o, muito cordialmente,

ARMANDA ÁLVARO ALBERTO (ALBERTO, 1955, s.p.).

A ajuda que Anísio forneceu à Escola Regional não se deu apenas pelo fato de o mesmo ser ligado ao Ministério da Educação. Sua atuação direta foi decisiva na liberação de recursos para a escola, como consta no fragmento do relatório anual de 1953:

(...) Por exemplo, as melhorias realizadas com o auxílio do Ministério da Educação (cinquenta mil cruzeiros), sendo mais importantes os seguintes: construção de mais 4 gabinetes sanitários e 2 chuveiros, tanque, fossa, etc.; aquisição de um fogão Dako, de novo equipamento de alumínio para a cozinha, de um aviário- apartamento para 25 aves; renovação da instalação elétrica (RELATÓRIO ANUAL, 1953, p. 3).

Para uma dimensão do montante de dinheiro<sup>73</sup> destinado à Escola através do Ministério da Educação, só as despesas com saúde, somadas com a alimentação no ano escolar foram de seis mil duzentas e sessenta e quatro cruzeiros, a de todos os sócios somados, de quarenta e dois mil seiscentos e cinquenta e dois cruzeiros e o subsídio

---

<sup>72</sup> Nise da Silveira nasceu em 15 de fevereiro de 1905, em Maceió, no estado de Alagoas e faleceu em 30 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro. Sendo a única mulher em uma turma de 157 alunos, se forma na Faculdade de Medicina da Bahia no campo da psiquiatria. Seu trabalho na psiquiatria é pioneiro, onde se rompe com a psiquiatria que aplicava choques para acertar os desajustados, propondo um tratamento humanizado, usando a arte como princípio norteador da reabilitação, criando a Terapia Ocupacional no tratamento psiquiátrico (MELO, 2001).

<sup>73</sup> É evidente que seria impossível fazer a conversão para a moeda atual, dada as perdas pela inflação e os diversos planos econômicos que tivemos ao longo dos anos.

municipal, de vinte mil cruzeiros (Ibid., p. 13). Logo, pode-se concluir que a ajuda do MEC, via Anísio Teixeira, foi extremamente significativa no ano de 1953.

Esses registros estão nas diversas fontes apresentadas na pesquisa, como um conjunto documental que se teve a sua vinculação a documentos, discriminados como relatórios anuais, que se teve a sua recorrente utilização, destacando aqui, a importância da organização das informações, a sua busca e o arquivamento, sendo um dos principais registros escritos, dada a sua gama de informações, com o seu conteúdo a ser apresentado no próximo capítulo.

## 4 - ENTRE HISTÓRIAS E ARQUIVOS: TRABALHANDO CONCEITOS COM A MEMÓRIA ESCRITA

A pesquisa sobre as instituições escolares, utilizando os arquivos e os documentos, teve um aumento significativo no início de 1990 (FURTADO, 2011). Desta forma, abre-se outra perspectiva para a historiografia educacional no Brasil com a valorização dos arquivos escolares.

Os arquivos escolares têm emergido nos últimos dez anos como temática recorrente no campo da história da educação. Relatos de experiências de organização de acervos institucionais, narrativas sobre as potencialidades da documentação escolar para a percepção da cultura escolar pretérita (e presente), publicação de inventários e guias de arquivo, elaboração de manuais e reprodução de documentos vem mobilizando investigadores da área, renovando as práticas da pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico (VIDAL, 2005, p. 71).

Embora o historiador não foque sua pesquisa apenas nos arquivos físicos, o arquivo é uma parte importante e fundamental do historiador, seja um arquivo público, privado ou familiar. Ao trabalhar com as fontes, como aquelas que estão em arquivos, mas, não exclusivamente o tal, revelou-se esta, parte sumariamente importante do trabalho historiográfico.

O caminho mais usual é aprofundar debate historiográfico e não o trabalho das fontes em si. Neste lugar, trabalho com os dois lados, com a historiografia, compreender a fonte, no sentido da empregabilidade de conceitos e noções para desvendar o máximo de informações que a fonte carregava, mesmo que indiretamente.

Cabe levantar que a escola acaba sendo o lugar repositório (por muitas vezes um verdadeiro depositário<sup>74</sup>) dessa documentação, que conta a sua própria história, por isso a importância da pesquisa nesses documentos escolares. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 4.024 de 1961, já apontava a obrigatoriedade das instituições escolares de organizarem o seu acervo documental (RIBEIRO, 1992). Entretanto, não foi isso o que ocorreu na prática.

---

<sup>74</sup> A palavra depositário aqui tem o sentido de guarda. No meio jurídico, significa aquele que guarda um documento de valor e que nele se encontra a responsabilidade de preservação, conservação e cuidado com o devido documento, aplicando a ele todas as possíveis sanções criminais. Quando um documento, arquivo ou acervo é destruído por falta de cuidado, ou até mesmo propositalmente, seja ele na escola ou como que aconteceu no Rio de Janeiro, no Museu Nacional em 02 de set. de 2018, ocorre um verdadeiro crime de lesa-pátria.

São esses documentos que acabam dando o tom e que por muitas vezes não se dá a devida importância: diários escolares, fotografias das mais diversas situações escolares, as primeiras turmas e os primeiros/as alunos/as da instituição escolar, os relatórios escolares que contam a vida da escola, como a frequência, as adversidades, também o projeto pedagógico e como aquela escola está desenvolvida no meio social, logo, o começo de tudo (MIGNOT, 2006). Preservar é, acima de tudo, conhecer e estudar as práticas diárias, a história escolar e os caminhos percorridos para o amadurecimento pedagógico ao longo do tempo.

É primordial conhecer a instituição que estamos pesquisando, para compreender quais tipos de documentos foram arquivados e qual o teor que continham. Isto contribuiu para a compreensão das nomenclaturas e dos conceitos das palavras. Um exemplo foi o termo ‘eliminado’, usado recorrentemente nos relatórios anuais da Escola Regional de Merity para se referir aos/às alunos/as desligados/as, por diversos motivos, da instituição. Um termo carregado de significados, conceitos e simbolismos se olharmos pelas lentes do nosso tempo, porém, ao pesquisar no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), os mapas de frequências escolares do Departamento de Educação Pública, o termo já era utilizado em 1919 para designar o desligamento de qualquer aluno/a das diversas instituições escolares, logo, antes mesmo da criação da Escola Regional de Merity, esse termo já era utilizado pelo estado. O exemplo citado torna-se relevante a fim de evitar anacronismos por parte do/a pesquisador/a.

Esse tipo de cuidado é necessário principalmente no aspecto da análise dos documentos, em que procuramos respeitar a fidelidade do texto original. Neste sentido, Tereza Kirschner (2008) apresenta a importância de se compreender o jogo de palavras utilizadas em determinados períodos históricos.

Aprender os significados do vocabulário político em períodos de mudanças aceleradas é um desafio para o historiador. A coexistência de antigos e novos significados em determinados termos traduz a velocidade das mudanças no espaço de experiência dos atores sociais e revela, ao mesmo tempo, como as novas situações que rapidamente se sucedem estão sempre submetidas à necessidade imperiosa de subsumir-se à mesma linguagem, ou seja, ao conjunto de palavras disponíveis (KIRSCHNER, 2008, p. 54).

Quando se transcreve um texto antigo ou se cria uma adaptação para a atualidade, no contexto empregado, acaba-se perdendo informações, então, buscamos levar em consideração os aspectos históricos do texto, para não correr o erro do ‘achismos’ ou dualidade das palavras e, dependendo das perguntas no nosso tempo, podemos criar um anacronismo, contextualmente descolado no sentido temporal, aplicando conceitos fora do seu tempo, de

seu contexto. Sendo assim, teremos como fundamento norteador sobre o aspecto dos documentos trabalhados o sentido de que:

O passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 77).

Desta forma, trabalho as informações obtidas nos documentos compreendendo que “o que foi produzido e acumulado muitas vezes se perdeu com o tempo ou com a incúria” (BACELLAR, 2005, p. 44), mas que podem ser complementadas com diversas fontes. No caso desta pesquisa, para além dos relatórios anuais.

Os documentos têm um cunho ideológico, visto que são carregados de significados e isto não se dá de forma distinta em relação aos relatórios anuais da Escola Regional de Merity. No sentido mais amplo, os relatórios tinham como objetivo dar um formato e escrever a identidade da escola. Os relatórios assinalavam o processo pedagógico da escola. Os seus caminhos e descaminhos, entre acertos e falhas.

Ao analisar qualquer tipo de documentação, de preferência a impressa ou a escrita, precisa-se compreender a relação daquele escrito com ‘quem’ o escreveu, é o que Eliane Mimesse Prado ressalta sobre as fontes documentais na pesquisa sócio-histórica educacional e o questionamento à fonte em que relativamente estaremos pesquisando, ou seja, perguntar e reperguntar, sem esperar uma resposta propriamente pronta, mas, sim, o caminho para diversas outras perguntas:

Mas, a verdade detectada em um determinado acontecimento, nunca será a realidade pura, como ocorreu, porque estamos sempre fazendo uma reinterpretação do que se passou. São necessárias, deste modo, a elaboração de hipóteses, por contribuírem com os questionamentos a serem feitos aos documentos. O caminho a ser seguido na pesquisa é determinado em função das hipóteses levantadas pelo pesquisador. Essas hipóteses serão analisadas, comprovadas ou não e, suscitarão outras hipóteses, é um trabalho contínuo de descobertas (PRADO, 2016, p. 125).

Seguir pelos fios da memória através dos relatórios é compreender que este “arquivo seria um conjunto de documentos que remeteriam a diversos acontecimentos que ocorreram numa dada ordem social” (BIRMAN, 2008, p. 115) com os caminhos, as ideias, os ideais e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

A maior parte dos arquivos brasileiros oferece condições precárias. É comum a ausência de espaço adequado ou a falta de cuidados no trato dos documentos. Diferentemente desta situação, os arquivos do PROEDES, APERJ e do CEPEMHed se encontram em

excelente estado de conservação e organização, o que facilitou o trabalho da pesquisa para recolhimento de material.

Descobrir os relatórios anuais desde a fundação da escola até 1964, período que delimito para o trabalho, permitiu desenvolver diversas questões e apontamentos das práticas pedagógicas e outras informações relevantes para a pesquisa, principalmente as múltiplas estratégias para solucionar os problemas diários que ocorriam na instituição. Os relatórios anuais da escola, portanto, contribuíram na reconstrução das relações estabelecidas entre a escola, a comunidade e alunos/as.

#### **4.1. De proletária à Regional de Merity: compreendendo o começo da escola**

A proposta de uma escola diferente do modelo tradicional, não seguindo nenhum modelo definido (ALBERTO, 1968), fez com que Armanda criasse uma escola deslocada do seu tempo, que nas palavras de Lourenço Filho, foi a “mais completa experiência de educação renovada pela intenção socializadora” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 176). É fato que uma criação complexa, como uma escola, não vem do acaso, é preciso além do desejo de criar, a necessidade para aquele fim. Porém, antes da criação, é preciso ter o desejo, o sonho da transformação de algo, que antes sem vida, se torna o sentido da sua existência.

E é dos sonhos que acontecem as realizações, e é assim que o funcionamento da Escola Proletária de Merity se deu no dia 13 de fevereiro de 1921, em um prédio improvisado que logo iria para outra instalação projetada por Lúcio Costa, sem fins lucrativos, totalmente gratuita para os moradores daquela localidade, sendo mantida apenas pelo fruto de doações de amigos e simpatizantes da causa educacional inovadora e também em grande parte das doações feitas pela fábrica Rupturita<sup>75</sup> (SILVA, 2002; MIGNOT, 2002).

Em relação ao modelo pedagógico Armanda informa:

Os programas até agora prontos ou em andamento são os de estudos da natureza, geografia, higiene e jardinagem, escritos por mim; desenho, pelo Prof. Edgar Sússekind de Mendonça; história (1º grau), pelo Prof. Francisco Venâncio Filho; cálculo, adaptação de Paula Vera (indicação do saudoso Prof. Heitor Lyra); geometria, de Heitor Lyra e Paula Vera, pela professora da escola D. Laura Araripe; o de economia doméstica está sendo escrito por Miss Maud Mathis, do Colégio Bennett (ALBERTO, 2016, p. 52).

---

<sup>75</sup> Segundo Armanda, A **Rupturita S/A Explosivos**, que fora instalada no 3º Distrito de Nova Iguaçu, foi a principal mantenedora da Regional de Merity nos primeiros anos, antes da criação da caixa escola, no qual o financiamento passa a ser aberto também para a sociedade. Sua produção de explosivos era bem pequena (ALBERTO, 2016).

Com quatro princípios básicos: ‘Saúde’, ‘Alegria’, ‘Trabalho’ e ‘Solidariedade’, a “escola ao ar livre, improvisada à sombra de bambus e com mobiliário bem tosco, inspirada na proposta montessoriana” (MIGNOT, 2010, p. 132) monta o seu projeto pedagógico, dialogando sempre nos eixos entre educação e saúde das crianças e da população em geral, os métodos de ensino levariam a criança a reconhecer a escola como o seu ‘lar. O hino da escola, criado em 1930, revela como a ideia de saúde e educação era o pilar central da escola:

Companheiros da sorte  
Buscamos a virtude  
Que nos torna a lama forte  
Dando corpo e saúde

Somos assim felizes  
Vivendo em harmonia  
Hoje em nós cresce e cria  
A profunda raiz alegria

A vida sem saúde  
Trabalho, alegria e solidariedade  
Fingindo mente, ilude  
A quem nella confia na realidade<sup>76</sup>

A escola, às margens da Estação de Trem de Merity, nasceu com uma biblioteca batizada de Euclides da Cunha, a primeira biblioteca euclidiana do Brasil (ALBERTO, 1968), a primeira biblioteca pública escolar na Baixada Fluminense<sup>77</sup>, um cinema educativo<sup>78</sup> que passava filmes educativos para as crianças e a comunidade; um Museu Escolar, aulas de canto orfeônico<sup>79</sup> e de ginástica sueca. A escola era aberta a todos, desde a biblioteca até o museu poderiam ser visitados pelos moradores de Merity, fazendo assim o começo da ligação escola e comunidade. A escola era mantida pela firma Venâncio & Cia, que controlava a fábrica de Rupturita. O dono era seu irmão, Álvaro Alberto, e pelos diversos colaboradores que a escola mantinha, fazendo com que a escola fosse, no sentido de sua estrutura orgânica, uma escola que não mantida pelo Estado. “A escola era particular, gratuita e sem fins lucrativos” (MIGNOT, 2002, p. 171).

<sup>76</sup> Hino da Escola Regional de Merity escrito por Mário Marques de Carvalho em 1930. Arquivo de Armanda Álvaro Alberto.

<sup>77</sup> Leonel de Moura Brizola criou no Rio de Janeiro os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) com a implantação do projeto de Darcy Ribeiro. Escolas em tempo integral com bibliotecas para a comunidade (RIBEIRO, 1986). O interessante desse projeto é que quase todos os aspectos se assemelham ao projeto de Armanda Álvaro Alberto, desde a oferta de merenda até o ensino integral, passando por atividade complementares à formação, porém o projeto de Armanda durou muito mais tempo do que o de Brizola no Rio de Janeiro por conta da falta de continuidade política dos seus sucessores no governo do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>78</sup> As primeiras sessões de cinema só foram acontecer em 1934 com a chegada da energia elétrica no município.

<sup>79</sup> O início das aulas de canto orfeônico ocorreu em 1944.

Armanda já esboçava um pensamento de que educação e saúde andam entrelaçadas, numa época em que o impaludismo e as doenças como a malária assolavam a população local. MIGNOT (1993) descreve a situação da Vila Merity, hoje Duque de Caxias, nas décadas de 1920 e 1930:

O cenário onde se desenvolveu o trabalho pedagógico de Armanda Álvaro Alberto e seus colaboradores foi descortinado nos relatórios anuais. A Baixada Fluminense, em 1921, vivia em declínio econômico, faltava saneamento, proliferavam charcos insalubres e doenças como a malária — resultado do descaso governamental nos primeiros anos da República. Os relatórios registravam, ao longo dos anos, não só as dificuldades e conquistas pedagógicas, mas revelavam, sobretudo, as condições de vida da comunidade. Epidemias de sarampo, coqueluche, casos de tuberculose, surtos de impaludismo, conviviam com ausência de Posto de Profilaxia Rural, guarda sanitário, vacinas, medicamentos, assistência médico/odontológica, água encanada, rede de esgotos, instalações sanitárias, iluminação e transporte. Assinalavam ainda o aumento populacional, a miséria e a violência decorrente da ocupação de terras a partir de 1930 (MIGNOT, 1993, p. 625).

Neste sentido, o campo no qual estava inserida a Escola propiciava os métodos pedagógicos ao ar livre e outras técnicas vindas ao auxílio do ensino. Se pensarmos no campo mais amplo da pedagogia institucional da Escola, ocorreu uma nova experiência em um novo campo, como salienta Mignot:

(...) Meriti, zona rural, em 1921, permitiu à Armanda atender as crianças provenientes das camadas populares, numa escola nova, diferente que servisse de exemplo, sendo um “laboratório de pedagogia prática”. Essa concepção de escola experimental, escola-laboratório, diferente de escola-modelo, visava dar à educação o mesmo estatuto dos laboratórios em relação às ciências físicas, como preconizava Dewey (MIGNOT, 2002, p. 184).

O periódico “O Jornal” também anunciou o programa de ensino da Escola Regional de Merity dividido em quatro segmentos: nos três primeiros se aprendiam linguagens, desenho, cálculo, jogos e cânticos infantis, Geografia e História brasileira, tudo indo ao encontro do modelo da Escola Nova. Já no quarto segmento, os trabalhos eram voltados para a oficina, permanecendo assim, a instrução mais técnica. Além disso, havia excursões para os jardins públicos, aos museus, em todo o Rio de Janeiro (O JORNAL, 7 de julho de 1927).

Os passeios não ocorriam só pela região de Meriti, mas, também, para outras localidades. Este conceito se aproxima do trabalho que Freinet desenvolveu ao longo de sua carreira. Primeiro com as aulas passeio com a criança participando ativamente no aprendizado, trabalhando com elementos que estavam ali na localidade (FREINET, 1977). Segundo, com o conceito de escola ativa, principalmente na questão do ensino, que passava pelas ciências naturais, a matemática, até a linguagem era trabalhada nos moldes da

diversidade que os alunos apresentavam. Também entra a questão o conceito da escola ser a extensão do lar como afirma Freinet:

[...] a escola deveria ter belos jardins cujas plantas extraem, num solo rico, a mesma seiva, mas onde desabrocham segundo a sua natureza e a sua utilidade, os legumes úteis, as árvores generosas e as flores da poesia e da beleza, tão necessárias por vezes como os alimentos fundamentais (FREINET, 1973, p. 50).

Freinet entendia que a escola deveria se adaptar ao meio em que ela estava inserida, fazendo isso, tanto nas concepções pedagógicas, quanto nos materiais utilizados no processo de ensino e aprendizagem, a criança teria um aumento no aproveitamento (1964). Porém, Armanda foi além, a escola deveria se adaptar ao meio para o sucesso da permanência das crianças na instituição, pois a aproximação da escola com a sociedade meritiense não se deu apenas por uma questão puramente pedagógica, se deu por uma questão de sobrevivência e sucesso daquele projeto idealizado. Cabe levantar que essa aproximação deu sentido ao que se ensinava às crianças, pois elas iriam utilizar a aprendizagem no cotidiano para a superação das adversidades.

Ao contar a história da escola, conta-se o processo pedagógico revolucionário que colocou essa mesma instituição na história educacional brasileira: a primeira instituição de educação que se tem notícia, até o presente momento, a ter um museu escolar, um cinema e uma biblioteca na Baixada Fluminense, uma das primeiras da América Latina que se tem notícia a oferecer merenda aos seus alunos e o ensino regional como a sua principal característica (ALBERTO, 1968). Passeios escolares (como aulas-passeio), que atualmente chamamos de visitas técnicas, como por exemplo, ao Jardim Botânico e ao mar, fizeram parte da vida escolar das crianças e o cuidado com a saúde das mesmas com a existência de um posto médico que atendia não só as crianças, mas a toda comunidade. Essas e outras ações tornaram a Escola Proletária de Merity-Escola Regional de Meriti-Escola Mate com Angu uma instituição de ensino à frente ao seu tempo.

#### **4.2. Os relatórios da Regional: reflexões e informações para se compreender a escola**

Ir ao encontro dos relatórios da Escola Proletária de Merity é ir a uma temporalidade que ficou no passado a ao silêncio que, muitas vezes, faz parte da memória, no sentido que é preciso buscar elementos para completar a teia de memórias. Trata-se de visitar o “inventário

dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos” (LE GOFF, 1996, p. 109). A memória da fonte não tem como enfoque exclusivo a figura de Armanda ou os acontecimentos exclusivamente da escola, mas abarca diversos elementos construídos e que ajudaram a construir essa memória que ajudam a “desvendar e construir caminhos na memória documental” (FERREIRA, 2015, p. 2).

Os relatórios anuais da Escola Proletária são documentos históricos que ajudam a compreender como era o dia a dia da escola. Atualmente, se encontram no PROEDES da UFRJ e no CEPEMHed. São documentos pessoais escritos pela própria Armanda Álvaro Alberto.

Ao ler um dos relatórios da Escola Regional, Carlos Drummond de Andrade escreveu a seguinte crônica intitulada “Uma escola viva”:

Se os relatórios burocráticos são sempre envoltos numa camada de tédio, há outros, os escolares, que podem oferecer-nos a sugestão dos documentos sociológicos e mesmo o interesse dos romances. Contar a vida de uma escola, durante um ano, tarefa que deveria seduzir o escritor, ou despertar em quem não o fosse o desejo de sê-lo, porque nada há mais vivo e rico de humanidade, mais cheio de problemas e sugestões, do que o funcionamento da comunidade escolar.

Mas há escolas que chamam, que continuam a chamar, na indiferença geral, não só os pais como todos os homens (...)Escolas teimosas, que querem vir até nós, já que não vamos até elas. Entre estas, figura a Escola Regional de Meriti, que há dezoito anos funciona em Caxias e é uma pequenina e grande casa devotada à educação do povo nas suas camadas mais singelas.

Todos os anos, o trabalho escolar é passado em revista e miudamente analisado em seus êxitos e falhas. Estabelecimento mantido por uma fundação e situado em zona rural recebe os filhos de pequenos lavradores e trabalhadores da cidade, aos quais dá ensino primário e doméstico e as primeiras noções de ensino industrial, dentro das possibilidades e interesses da região (ANDRADE, 1945, p. 7).

Pode-se comparar os relatórios anuais a um portfólio pedagógico, porém mais descritivos, leves e soltos. Esse material era enviado aos colaboradores da escola para que estes estivessem informados de como estava o andamento da escola no ano que se encerrava. Porém, os relatórios não somente serviam como mecanismo de informação, mas sim de compartilhamento, de incitação para aqueles que acompanhavam o trabalho.

Ao analisar os relatórios anuais, fica clara a profundidade de suas práticas pedagógicas, por isso, é muito importante transcrever um dos relatórios da escola, de modo que seja possível captar os processos significativos da escola, sempre se “deve analisar sob todos os ângulos possíveis o objeto colocado como centro de uma investigação, para evitarem-se os enganos” (PRADO, 2010, p. 124), precisa-se compreender o cunho que carregava esse documento e todo o seu conteúdo:

### **A ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY NO ANO DE 1921**

Inaugurada a 13 de fevereiro deste ano, a nossa Escola conta hoje dez meses e doze dias de existência. Nos primeiros dias de julho passou-se do prédio em que fora inaugurada para este, mais espaçoso. Relativamente aos modestos recursos de que dispomos, não tem sido infrutífera a tentativa de fundar uma escola nos moldes desta. Se sofremos alguns desapontamentos, devem antes ser atribuídos à nossa inexperiência em certas questões, tato maior quanto não temos sob os olhos nenhum modelo a seguir. Não obstante, passada essa fase de formação, de adaptação ao meio, estamos certos, nós e os nossos companheiros de Comitê, que a Escola se desenvolverá normalmente. Tanto a nossa atitude é ainda de quem não atingiu a sua meta – que o nome definitivo, Escola Álvaro Alberto, em homenagem à memória do Dr. Álvaro Alberto da Silva, seu Patrono, só lhe será conferido quando a virmos mais próxima do tipo que idealizamos. Esforçamo-nos por que venha a ser uma acabada escola regional; afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele (ALBERTO, 1921, p. 2).

Mesmo com um corpo de educadores, fica evidente nesse primeiro trecho a dificuldade de se montar uma escola, sem ajuda estatal e nos moldes da proposta escolanovista. Outro ponto a ser levantado é o desejo de mudança do nome da escola que começa com Escola Proletária de Merity e, assim que tivesse o seu modelo pedagógico consolidado, passaria a se chamar Escola Álvaro Alberto, fato esse que só ocorreu no ano de 1964 com a entrega da escola para o Instituto Central do Povo<sup>80</sup>.

Outra questão nesse fragmento do documento é a força que o regionalismo tem para a Escola, fazendo com que a mesma se transforme de acordo com as necessidades e as peculiaridades da sociedade na qual estava inserida. Tinha-se uma noção de que a escola só teria sucesso, que o seu projeto de educação só teria êxito, se tivesse entrelaçado com a vida dos meritienses, pois, uma escola deslocada da realidade, da situação que aquela população passava todos os dias, certamente estaria no caminho do fracasso, no sentido de uma educação emancipadora ou seguiria para um ensino tradicional, nos moldes que já se seguia no país.

A ajuda externa, de uma rede de colaboradores também ficou registrada na continuidade do relatório:

#### **OS QUE NOS AJUDARAM**

Desde a sua fundação, que esta Escola tem sido amparada pela simpatia ativa de um grupo de pessoas e entre elas, é grato dizer, algumas crianças cedo solidárias com as suas irmãs pobres. Elisabeth Otero, Lucy Hentz e outras alunas do Curso Jacobina, a cuja boa vontade devemos a quase

---

<sup>80</sup> Criado pelo reverendo Hugh Clarence Tucke em 1906 no Morro da Providência, o Instituto Central do Povo tinha como seu principal objetivo a alfabetização dos trabalhadores, principalmente do Cais do Rio. Se antes, a alfabetização era para auxiliar a leitura da bíblia, passou a ser uma questão social, como outras campanhas empregadas pelo ICP como a campanha contra a febre amarela e a tuberculose e a criação do primeiro consultório de higiene infantil do Brasil (REILY. 1980).

totalidade do que temos nas coleções de História Natural, são essas pequeninas benfeitoras. À Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, às Sras. Professoras Corina Dameiros e Maria dos Reis Santos, Srta. Lizinha Pereira Pinto, Sras. Laura Brandão, Maria Gomes, Antonia Venâncio, Vva. Álvaro Alberto e Therezita Álvaro Alberto, aos Srs. Profs. Fonseca e Silva, Dr. Ernesto Otero, Comte Álvaro Alberto da Silva e Prof. Edgar de Mendonça – o nosso profundo reconhecimento. O que cada um tem feito pela nossa Fundação, pode verificar-se no anexo a esta resenha – Donativos

Um oferecimento sobremaneira valioso foi-nos feito ultimamente do Prof. Roquette Pinto prontificando-se a classificar os exemplares da coleção de Zoologia do nosso incipiente museu escolar. Breve nos valeremos da bondade do eminente cientista.

Outro cientista ilustre não indiferente a esta casa é o Prof. Pacheco Leão, a quem devemos 160 mudas de árvores diversas e a promessa de uma completa coleção botânica por ocasião da reabertura das aulas.

#### **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

A Sra. D. Rosa Dufrayer de Oliveira a Escola Proletária deve inestimável auxílio: o ter-lhe servido gratuitamente durante cerca de oito meses – e isso justamente na é poça cheia de incertezas dos primeiros tempos de sua vida. Aqui se registra a nossa gratidão.

#### **O COMITÊ DE AUXÍLIO E AS PROFESSORAS**

O Comitê de Auxílio, constituído de dois membros, Dr. Francisco Venâncio e Comte. Coriolano Martins, tem auxiliado deveras a Diretora, quer como órgão consultivo, quer materialmente. Sem a dedicação do Comitê, esta Escola não estaria, como está, segura do seu destino. Mais uma vez, quanto à ajuda material, a lista de donativos confirma as nossas palavras.

Duas professoras, por enquanto, têm bastado às necessidades do ensino neste estabelecimento, visto não haver grandes diferenças de adiantamento na massa dos alunos. Nenhum passou ainda, em todas as matérias, do primeiro grau do curso. D. Rosa Dufrayer de Oliveira, que vinha dirigido a aula adiantada, foi substituída em começos de outubro, pela Srta Nair Lopes. A aula atrasada tem estado a cargo de D. Laura Maia, que tem obtido resultados satisfatórios, apesar do elevado numero de crianças no seu cuidado. Agrada-nos imenso fazer aqui uma referencia ao modo carinhoso com que essa professora trata os seus alunos, que, do seu lado, pagam com afeto grande o carinho recebido (ALBERTO, 1921, p. 2 e 3).

Nesses três tópicos destinados a agradecimentos aos/às colaboradores/as, fica assentada que a participação ativa na escola não era exclusiva de educadores ou pessoas ligadas à educação. Havia na necessidade de participação da comunidade por ser uma escola viva, que não era uma mera reprodutora de conteúdos, as crianças iriam com o único objetivo de aprender a ler e a escrever, algo que devido à realidade da população, já era uma grande conquista e objetivo alcançado, não poderia ser exclusivamente para tal efeito, o museu escolar, as aulas de botânica e de zoologia é prova de que o ensino era mais amplo que o tradicional oferecido pela rede regular vigente.

O fato de nenhuma criança ter passado de nível ou grau, por conta a aprovação ou não em todas as matérias, teria uma carga negativa contra o processo educacional ali empregado, porém, como relatado anteriormente, não existia a reprovação ou notas para os/as alunos/as. Os mesmos iam passando de grau, de acordo com o seu aprendizado, podendo ficar mais adiantados/as em algumas matérias e mais atrasado/as em outras, não causando prejuízo ao seu rendimento, lembrando que essa modalidade não era exclusiva da Proletária de Merity.

Nessa perspectiva, o direito a educação é resguardado, com o sistema de ciclos que a Escola estava disposta a adotar, a organização da continuidade do conhecimento favorecia a construção da aprendizagem por parte dos estudantes, rompendo com a formação educacional seriada, fragmentada e pautada na reprovação como garantia de aprendizado para aqueles que não obtivessem êxito ao longo do ano.

Mesmo com uma rede que auxiliou nesse primeiro momento, a Escola apresentou dificuldades em diversos aspectos, como todo processo pedagógico a ser construído, alguns pontos não foram possíveis de serem alcançados ao longo do ano, desafios apareceram e adequações precisaram ser feitas, como levantados no fragmento a seguir:

#### **DIFICULDADES**

Ao lado dessas contribuições todas, que tanto tem concorrido para que se cumpra o nosso programa, temos topado com dificuldades que até hoje não puderam ser vencidas. A maior, aquela que mais nos tem afligido, é a falta de assistência médica para as nossas crianças. Assim, das fichas de saúde, indispensáveis, só a parte da mensuração pôde iniciar-se, tarefa essa confiada à Srta. Emilia Saldanha da Gama, do Museu Nacional, a quem já devemos dez fichas. Note-se que um dos médicos do Posto de Profilaxia Rural prestou-se gentilmente, durante meses, a examinar os meninos aqui na Escola. Mas, é de uma assistência mais complexa que necessitamos.

Dois outros pontos do programa que não nos foi possível executar: a ginástica sueca (para os alunos maiores de dez anos) e os cânticos infantis. Esperamos que, para o ano, os nossos propósitos a respeito se realizem razoavelmente.

Dificuldade que muito nos tem embaraçado é a carência de bons livros didáticos em língua portuguesa. Basta dizer que só em novembro pode dar-se começo aos Estudos da Natureza, para que fossem feitos como deviam. De acordo com o programa. Essa tarefa de escrever os programas de cada matéria com instruções que substituam os livros inexistentes, é das que tem ocupado mais o Comitê e a Diretora.

Incontáveis tropeços de outra ordem surgem quase diariamente, de que resultam às vezes sérios prejuízos. São-nos opostos pelas famílias: pais que exigem que seus filhos levem cartilhas de leitura para “estudar em casa”, outros que não compreendem porque a limpeza e arrumação da Escola hão de ser confiados aos alunos, outros que se aborrecem porque levamos ou aconselhamos a ida ao posto médico aos doentinhos, outros que não mandam as crianças às aulas, aos sábados, dia consagrado aos trabalhos manuais e ao desenho... Dessas dificuldades é um não acabar mais. Contudo, estamos aqui para educar, portanto, para convencendo pouco a pouco a todos da razão de ser de nossas determinações (ALBERTO, 1921, p. 4).

Saúde continua a ser um problema enfrentado em Merity no ano de 1921, é aqui que começa a se ter a consciência que a educação não poderia desvencilhar-se dos problemas que a população passava, pois estes mesmos influenciavam diretamente no rendimento dos/as estudantes, passando a ser, no primeiro ano, a saúde o tema central nos moldes pedagógicos da Escola. Nesse modelo, é necessário pensar que a Escola começava a ser construída como a extensão do lar dos/as alunos/as e como tal todos deveriam zelar pela manutenção da mesma, inclusive ajudando na limpeza, algo que não era aceito pelas famílias de Merity. Mas, pensando na lógica do ensinar fazendo, as boas práticas de higiene e limpeza empregadas naquele lugar, poderiam se espalhar pelos lares dos/as estudantes, sendo esses/as, detentores/as da consciência de que um lugar limpo é um lugar harmonioso, livre de doenças.

A Proletária de Merity, em um primeiro momento, enfrentou a resistência da população por não seguir o modelo tradicional de ensino. Naquele espaço era valorizado o aprendizado dos/as alunos/as e não a memorização através das cartilhas, algo comum no ensino tradicional vigente no país. Além disso, uma proposta inovadora certamente levantaria estranheza por parte dos moradores, não habituados com tal relação naquele momento. Era preciso criar estratégias para levar os pais dos/as alunos/as para dentro da escola, para compreenderem a importância daquele espaço para todos, seja para os/as alunos/as, seja para a comunidade em geral.

Pensar nos relatórios é pensar em uma cronologia já definida por quem os escreveu, no caso, Armanda Álvaro Alberto, além das informações ali inseridas, “pode ser considerado como instrumento de análise e/ou de intervenção no campo institucional e educativo” (EL HAMMOUTI, 2002, p. 16). O que cabe destacar é que os relatórios também possuíam as informações negativas e os insucessos ao longo do ano. O que nos faz acreditar que as informações ali situadas, condizem com a realidade dada no passado da escola:

(...) Terminemos este capítulo desagradável aludindo à questão da casa, que muito nos tem preocupado. Depois de termos executado benefícios não pequenos nesse prédio, que ocupamos há seis meses, o senhorio acaba de fazer novas exigências. Que a firma mantenedora da Escola resolva a respeito. Aliás, consigne-se aqui que tem um dos membros da Firma propomos adquirir por sua conta um prédio para a Escola, o que não aceitamos por não sabermos ainda se é de fato Merity a localidade que convém aos nossos intuítos. Estamos estudando este meio – e o resultado de nossas observações constituirá capítulo à parte, que em pouco tempo apresentaremos ao Comitê (...) (ALBERTO, 1921, p. 4.).

Fica explícito no primeiro relatório, como foi a experiência da escola no primeiro ano de sua existência e o que se seguiu durante os demais anos. É clara a preocupação com os/as alunos/as, a ponto de modificar o horário das aulas para que estes/as pudessem frequentar a escola, ou seja, a escola deveria se adaptar as necessidades do/a aluno/a – localidade e não o contrário:

[...] No primeiro dia em que a Escola funcionou 37 era o número de alunos matriculados; um mês depois, a 18 de março, eram 40; a 16 de abril, eram 47; a 10 de maio, eram 50; a 17 de junho, eram já 57; e a 29 do mesmo mês, 60 crianças freqüentavam as aulas. A casa e as carteiras não comportaram tanta gente. Vimo-nos em sério embaraço, mormente ao constatarmos que grande número de crianças aumentava a idade para matricular-se. E não tínhamos casa, nem professoras, nem programa para aquele bando de pequeninos. Em princípio de julho houve a mudança da casa. Afazeres urgentes prenderam-nos longe da Escola por um mês, e quando, a 29 de julho, visitamo-la novamente a matrícula descera a 47 alunos. Em agosto, moléstia grave em pessoa de nossa família afastou-nos outra vez do nosso posto. Substitui-nos o Dr. Venâncio.

Nesse mês a matrícula era de 38 alunos; em setembro, 36; em outubro, 39; em novembro, 40; em dezembro, finalmente, 37, número com que se abriu a Escola. Vê-se pela enumeração acima que o máximo de freqüência foi atingido em junho, com 60 alunos, e o mínimo em agosto, com 30. A oscilação maior verificou-se no 1º grau adiantado, 19 alunos em junho e 6 de agosto; no 1º atrasado, a oscilação foi entre 39 em julho e 30 em setembro. Hoje, dia do encerramento do ano letivo, a Escola conta apenas 34 alunos porque, já depois dos últimos exames, vimo-nos na contingência de eliminar 3 alunos (ALBERTO, 1921, p. 5).

Neste ponto, cristaliza-se a ausência de instituições escolares para suprir a demanda escolar no momento que a Escola passou a ser reconhecida como instituição escolar, cresceu a procura por parte da população, para garantir uma vaga na Escola. Ao passar do tempo, fez-se necessária a mudança do espaço para comportar aquele público infantil, uma nova exigência estava surgindo para a recém-instituição: como se organizar para aquelas crianças com faixa etária tão divergente, seja administrativamente, seja pedagogicamente?

Ainda refletindo sobre o fragmento do relatório, pode-se concluir que a Escola Proletária começa a ser reconhecida como instituição escolar a ser usufruída naquela localidade e que teve uma consistência em relação à presença dos/as alunos/as naquele espaço:

[...] Quando a assiduidade, no 1º grau adiantado, o aluno que menos faltou as aulas durante o período letivo teve 13 faltas; no 1º grau atrasado, o mais assíduo, o pequeno Alcino Gomes, teve 22 faltas. Entre os motivos que determinaram a fraca assiduidade, as doenças preponderam, e entre todas o impaludismo. Em setembro demos início a essa estatística interessante. Se em outubro, por exemplo, não houve uma só falta por moléstia, em novembro 17 alunos faltaram as aulas por esse motivo, num período de 2 a 7 dias cada um. Desses alunos, eram impaludados. Ao lado do impaludismo,

dos resfriamentos, etc. – a rudeza da vida pobre avulta a perturbar a frequência à Escola. Senão, veja-se. Nesse mesmo mês de novembro, 13 crianças do 1º grau atrasado deixaram de comparecer dias seguidos ou não, por ficarem “tomando conta de casa” na ausência das mães, por estarem “sujos os seus vestidos”, por “terem ido fazer lenha”, por terem as mães doentes e serem precisas em casa [...] (ALBERTO, 1921, p. 5).

Toma-se nota que nesse fragmento, o fato das crianças faltarem por conta das doenças que assolavam a região, principalmente o impaludismo, foi tratado de forma superficial. Mesmo sendo levantada a questão da saúde relacionada à educação, fator que impactava diretamente no rendimento dos/as alunos/as, ao menos no primeiro ano, aqui relatado, com um trabalho de avaliação por parte do médico escolar, ainda era prematura a ideia de um programa específico, sócio-educacional, para as crianças que se encontravam nessa situação. Logo, as ausências representadas pelas doenças e fatores internos do núcleo familiar ainda não eram apresentadas como fatores sociais, algo que passou a ser encarado como desafio só nos anos seguintes.

A princípio, ao analisar o aspecto do merecimento contido no relatório, um pré-conceito sobre o assunto surge, quase que automaticamente, principalmente no que tange à relação entre desempenho e bonificação, seja qual for. Em se tratando de merecimento, em nenhum momento a questão do mérito, por parte de notas é levantada, como apresenta o seguinte fragmento:

#### **MERECIMENTO**

Em nossa Escola não se dão notas, nem prêmios, nem castigos, porém, longe de impedir, tal regime facilita o estudo individual da criança entregue à nossa direção. Livre da inveja e do despeito que a luta para a conquista dos primeiros lugares faz nascer nos outros meios colegiais, aqui ninguém procura exhibir o que não tem ou dissimular o que não é. E a opinião franca vai-se exercitando naturalmente, sendo os companheiros os primeiros a reconhecer o merecimento de cada um. Os nomes que vamos citar como daqueles que mais se desenvolveram no correr do ano são, sem dúvida nenhuma, os que estão na boca de toda a criançada. E esses que assim aproveitaram são os alunos que acabam de ser promovidos da sua turma para uma turma acima:

- Isaura Soares: passou da 3ª para a 4ª turma do 1º grau, isso é do 1º grau atrasado, para o adiantado;
- Herminia Lucas e Adelaide da Conceição: passaram da 2ª turma do 1º grau;
- Glória de Oliveira, Alcino Gomes e Walkiria Lomba: passaram da 1ª para a 2ª turma do 1º grau;
- Celeida de Oliveira: passou em todas as matérias, exceto em Linguagem, da 4ª para a 5ª, do 1º grau adiantado.

Bem que se tenha esforçado bastante, nenhum aluno da 5ª turma pôde chegar ao 2º grau do curso, por deficiência em Cálculo, Forma e Estudo da Natureza (...) (ALBERTO, 1921, p. 6).

Aqui, não é empregada a meritocracia<sup>81</sup> como se conhece nos dias atuais, adiante, apresento mais detalhadamente como era o sistema de premiação empregado na Escola. Como não havia reprovações, a sua estruturação pedagógica era dividida pela aprendizagem, não empregando “notas”.

A checagem sobre as informações contidas nos relatórios foi necessária quando aparecia informação relevante ou alguma referência sobre as pessoas, principalmente os/as alunos/as, que participavam das atividades. Primeiro, para o cotejamento do que estava publicado nos relatórios com demais documentos. Segundo, para o progresso da pesquisa, baseada não em uma única fonte detentora da verdade. Assim, ao confrontar esse trecho do relatório com outras fontes, para confirmar a veracidade das informações, encontrei o nome de Walkiria Lomba. Ela era sobrinha-neta do coronel João Telles Bittencourt, presidente da Câmara de Vereadores do município de Nova Iguassú entre 1924 a 1927, como relatado no capítulo referente à construção da Baixada Fluminense<sup>82</sup>. Telles Bittencourt foi o primeiro agente público, representando o município a fazer uma doação para a Escola, no valor de quinhentos mil réis, para um efeito comparativo, a Escola gastou com a sua manutenção, os medicamentos e insumos de sua farmácia, material escolar para os/as alunos/as, despesas domésticas, durante todo o ano escolar, o valor de cento e oitenta e nove mil contos de réis, logo, pode-se concluir que o valor doado foi de volume significativo (RELATÓRIO ANUAL, 1926).

Evidentemente, nem todos os nomes contidos nos relatórios tiveram a verificação bem sucedida, mesmo com os mecanismos<sup>83</sup> utilizados na pesquisa. É preciso compreender que as

---

<sup>81</sup> O conceito empregado aqui sobre meritocracia é o desempenho do ser, em uma sociedade capitalista, no mundo competitivo do trabalho. Visando à sua real promoção por consequência de resultados adquiridos por meios próprios (VALLE; RUSCHEL, 2010). Conceito empregado fortemente no mundo empresarial, quase sendo um mantra, um manual de um bom profissional (CHIAVENATO, 2010). É inegável, que a desigualdade surgiu com o capitalismo, pois, a partir daí iniciou-se a ideia da maior competição e o nível das pessoas baseados no capital e no consumo. Dessa forma, a desigualdade tem se concentrado em países subdesenvolvidos ou não desenvolvidos. Atualmente, poderia citar várias causas da desigualdade, entre elas, má distribuição de renda, má administração dos recursos, falta de oportunidade de trabalho, corrupção, falta de investimentos nas áreas culturais, sociais, de educação, entre outras. Por conseguinte, ela pode gerar pobreza, miséria, fome, mortalidade infantil, marginalização da parte da sociedade, diferentes classes sociais e atraso no progresso da economia do país, causando assim, um ciclo vicioso.

<sup>82</sup> Capítulo 1 “POR UMA BAIXADA QUE CANTA, DANÇA E SE AGIGANTA: COMPREENDENDO A REGIÃO DA GUANABARA”

<sup>83</sup> Um dos mecanismos utilizados foi o Family Search ([www.familysearch.org](http://www.familysearch.org)), que na tradução livre significa “Pesquisa familiar”. Para os Mórmons, criadores da ferramenta, é vital para a sua religião conhecer os seus ancestrais, por isso, criaram um acervo com as certidões de nascimento de todas as pessoas nascidas em todo o mundo, não importando o ano. Acompanhado das ferramentas “Tudo sobre todos” ([tudosobretodos.se](http://tudosobretodos.se)) e “Peek You” ([www.peakyou.com](http://www.peakyou.com)), foi possível acessar uma gama de informações, como nome completo, último endereço e se ainda estão se encontram vivos. Isso contribuiu de forma significativa para a pesquisa, fazendo avançar em pontos que não seria possível sem essas ferramentas.

pessoas não são estáticas e dependendo do ano a ser pesquisado, as informações se encontraram num estado de difícil acesso.

Cabe registrar que mesmo os alunos não concluindo o ciclo de aprendizagem de determinada matéria, não se aplicava a reprovação por completa. O aluno passaria por aquele conteúdo para melhoria do aproveitamento, mas continuaria a fazer outras atividades pertinentes a seu grau de evolução.

Por fim, Armanda encerra o relatório com o planejamento que pretende seguir no ano de 1922. É um ponto fixo nos relatórios: a preocupação em planejar os anos vindouros.

### **DAQUI POR DIANTE**

Entramos hoje no período de férias. Sabemos que alunos e professores não exultam à sua aproximação. Nem nós, tão pouco. Nesta casa há liberdade e amor – condições que tornam a vida feliz. Demais, faz realmente parte do nosso programa a não interrupção da vida escolar. À vista, porém, de certos melhoramentos que desejamos introduzir no estabelecimento e de certas questões que precisamos resolver sem demora, a nossa atenção e o nosso esforço tem de voltar-se para esses assuntos, exclusivamente. Ainda assim, as férias serão curtas. A 13 de fevereiro próximo estas portas estarão de novo abertas e aqui dentro – estaremos nós.

Desde já, porém duas coisas desejamos comunicar às famílias e aos alunos. O horário das aulas será modificado, atendendo a que muitas crianças precisam prestar serviços em casa antes da vinda para a Escola. Será, pois, das 10 horas da manhã, às 2 da tarde. A outra notícia, das mais auspiciosas, é que a Srta. Marina Motta, professora pela Escola Normal do Rio de Janeiro, virá trabalhar nesta casa, ficando a seu cargo o 1º grau adiantado.

Essas são as resoluções assentadas. Aquelas incertas, dependentes de circunstâncias favoráveis, preferimos calar. Não são poucas, além de tudo. Todavia, para terminar esse balanço – do futuro – queremos transmitir a todos que se interessam pela nossa fundação o que acaba de nos ser participado: a firma mantedora da Escola oferecer-lhe de festas um bônus da Independência. São vinte entradas para a Exposição do Centenário, e se houver prêmio – que cada um, se puder, imagine os alvoroços planos que desde já arquitetamos para 1922.

### **CURSO NOTURNO**

Ao fundarmos esta Escola contávamos poder inaugurar as aulas para os operários (noturnos) de par com as diurnas, cuja resenha acabamos de fazer. Dificuldade em arranjar um professor, e sobretudo a falta de iluminação conveniente, à parte outros obstáculos menores, obrigaram-nos a um adiamento indefinido. E até esta data a situação não melhorou. Entretanto, a nossa ideia de proporcionar instrução elementar aos operários da fábrica de Rupturita continua de pé. É questão de tempo, desde que a luz elétrica está a chegar, segundo informações recentes, e que, vencido o maior, os demais empecilhos naturalmente desaparecerão (RELATÓRIO ANUAL, 1921 p.6).

Nos relatórios anuais, Armanda apontou a evasão e a não conclusão do ciclo escolar. No relatório anual de 1924, demonstrou a realidade da região: nenhuma criança que ingressou no começo do projeto da escola, em 1921, chegou em 1924 ao fim do ciclo. “Os trabalhos

domésticos, as fábricas e os ateliês eram os principais destinos destas crianças” (RELATÓRIO ANUAL, 1924).

Assim, a compreensão do fluxo escolar através dos relatórios anuais possibilitou descortinar a dinâmica da escola e da própria localidade. A tabela 1 aborda o quantitativo de alunos/as que passaram pela escola: ano de ingresso, a quantidade de alunos/as que começaram o ano e a média de alunos/as na escola. Nos relatórios existe a informação sobre a relação meninos e meninas X quantidade de alunos/as, logo a relação por sexo, mas como esse dado não era fornecido em todos os anos, optei por não acrescentar na tabela que segue.

A tabela 1 aborda o quantitativo de alunos que passaram pela escola, a princípio, os dados que levantei passam pelo ano de ingresso, a quantidade de alunos que começaram o ano e a média de alunos na escola. Nos relatórios existe a informação sobre a relação meninos e meninas X quantidade de alunos, logo a relação por sexo, mas como esse dado não era fornecido em todos os anos, optei por não acrescentar na tabela que segue:

**Tabela 3 – Quantitativo de alunos e a sua média nos respectivos anos.**

<b>ANO</b>	<b>INICIO DO ANO</b>	<b>MÉDIA NO ANO</b>
1921	37 alunos	60 alunos
1922	14 alunos	51 alunos
1923	65 alunos	49 alunos
1924	67 alunos	50 alunos
1925	74 alunos	49 alunos
1926	54 alunos	54 alunos
1927	71 alunos	52 alunos
1928	92 alunos	45 alunos
1929	101 alunos	60 alunos
1930	105 alunos	52 alunos
1931	102 alunos	76 alunos
1932	152 alunos	97 alunos
1933	137 alunos	109 alunos
1934	172 alunos	139 alunos
1935	186 alunos	155 alunos
1936	198 alunos	129 alunos
1937	217 alunos	84 alunos
1938	202 alunos	74 alunos
1939	174 alunos	74 alunos
1940	182 alunos	107 alunos
1941	211 alunos	125 alunos
1942	194 alunos	144 alunos
1943	179 alunos	169 alunos
1944	185 alunos	165 alunos
1945	170 alunos	117 alunos
1946	149 alunos	89 alunos
1947	164 alunos	120 alunos
1948	182 alunos	144 alunos
1949	170 alunos	139 alunos

1950	197 alunos	170 alunos
1951	177 alunos	149 alunos
1952	161 alunos	131 alunos
1953	178 alunos	168 alunos
1954	220 alunos	176 alunos
1955	190 alunos	169 alunos
1956	242 alunos	100 alunos
1957	151 alunos	137 alunos
1958	177 alunos	157 alunos
1959	204 alunos	189 alunos
1960	225 alunos	182 alunos
1961	198 alunos	174 alunos
1962	161 alunos	160 alunos
1963	206 alunos	166 alunos
1964	317 alunos	288 alunos

---

**Fonte:** Relatórios Anuais de 1921 até 1926, 1928, 1930, 1931, 1937 até 1945 e 1949 até 1964 encontrados no PROEDES e CEPEMHed, mapas de frequência dos anos de 1927, 1929, 1932, 1933, 1934, 1946, 1947 e 1948 encontrados no APERJ.

A composição do quadro completo talvez tenha dispendido o maior tempo e esforço na feitura da pesquisa, pois não havia dados consolidados nos relatórios anuais para a sua elaboração, visto que os mesmos não se encontram em sua totalidade à disposição para a pesquisa. Montá-lo foi um quebra-cabeça minucioso, começando pela coleta dos relatórios que estavam acessíveis, os que se encontram no PROEDES constituem mais da metade das informações. No acervo do Fundo de Educação do APERJ, só os mapas de 1937 e 1939 estão acessíveis ao público, com mais um detalhe: o município de Duque de Caxias foi fundado oficialmente em 31 de dezembro de 1943, antes disso, no ano de 1931 foi assinado o decreto estadual que criou o distrito de Caxias, sendo parte ainda de Iguazu. Sem compreender a dinâmica das mudanças geopolíticas e territoriais que ocorrem na região, a busca dos mapas escolares seguiria um caminho tortuoso.

Na prática, esse instrumento de sistematização das fontes da pesquisa que utilizei, permitiu analisar o fluxo e a quantidade de estudantes em um determinado período, bem como a média geral (121 alunos). Nesse sentido, os relatórios precisaram ser “situados teoricamente no marco do interacionismo simbólico e da pragmática comunicacional” (ZABALZA, 2009,

p. 49), ou seja, a interação entre os múltiplos objetivos ocorrem a todo o momento e transmitem uma forma para aqueles que irão testemunhar o trabalho através do relato.

## 5 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITY

**Figura 6** Notícia sobre as dificuldades que Armanda enfrentava em suas ações pedagógicas, no começo do projeto da Proletária de Merity

EM CASA DE POBRE NÃO NASCE ROSA

A entrevistada narra um episódio que caracteriza o ambiente desfavorável em que se realizava o seu trabalho.

— Um dia, disse-nos, um homem rude e zangado interpelou-a bruscamente em um local ermo.

— Dona Armanda, por que mandou minha filha plantar roseiras nas janelas de minha casa? Em casa de pobre não nascem rosas, acrescentou com azedume.

Dona Armanda, com muita paciência conseguiu afinal convencer o bruto não só deixar a filha plantar roseiras, mas também pés de feijão e de chuchu no quintal de sua residência.

Fonte: Jornal Diário Carioca: O máximo de jornal, no mínimo de espaço, 17 de agosto de 1963.

### 5.1. O corpo quer, a alma entende: a relação entre saúde e educação no projeto pedagógico

O projeto de estabelecer uma relação direta entre saúde e educação era a base para o programa higienista<sup>84</sup> com um lado ‘brando’ que caminhava em direção ao higienismo e o lado ‘agudo’ que caminhava na rota do eugenismo<sup>85</sup>. Além disso, as práticas de saúde e higiene entraram em choque com a cultura do povo daquela região. Desta forma, recorremos a Chartier (1990) “as estratégias e ações começam por imposição e autoridade, em um processo para legitimar o projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

No que tange ao processo de disciplina e ensino escolar, os sanitaristas e higienistas buscavam a disciplina dos corpos para a aprimoração da saúde e de hábitos de higiene. Ou seja, ensinar às crianças novas formas de cuidar da saúde. As crianças indiretamente levariam

<sup>84</sup> A higiene mental e social era a principal corrente do higienismo, onde a educação deveria ser o caminho para a sociedade assimilar noções de higiene e cuidados com a saúde (BOARINI, 2003).

<sup>85</sup> Francis Galton (1822-1911) cria o termo eugenia na Inglaterra em 1883, em que significa o que poderia melhorar ou piorar as potencialidades raciais de um indivíduo. No Brasil, os principais defensores da ideia são Belisário Penna, Roquette Pinto e Monteiro Lobato (DIWAN, 2007).

esses preceitos para os lares (CINTRA; ROCHA, 2005), através da replicação do que foi ensinada em sala de aula, logo a “escola seria o meio mais preciso para se criar um sistema fundamental de hábitos higiênicos” (ROCHA, 2003, p. 14).

No primeiro relatório anual, apareceu o problema da “falta de assistência médica para as nossas crianças” (RELATÓRIO ANUAL, 1921, p. 3), logo, a principal preocupação já era com a saúde dos alunos e alunas, e a sua influência no sucesso pedagógico da escola haja vista que a frequência dos mesmos era afetada com os surtos epidêmicos que ocorriam todos os anos, em específico de coqueluche, impaludismo e tuberculose. No mesmo relatório, foram levantadas as causas e as consequências das doenças que assolavam a região no dia a dia da escola:

Entre os motivos que determinam a fraca assiduidade, as doenças preponderam, e entre todas, o paludismo. Em setembro demos início a essa estatística interessante. Se em outubro, por exemplo, não houve uma só falta por moléstia, em novembro 17 alunos faltaram às aulas por esse motivo, num período de 2 a 7 dias cada um. Desses alunos, eram impaludados. Ao lado do paludismo, dos resfriamentos, etc. (RELATÓRIO ANUAL, 1921, p. 3.).

Em 1922, teve início o projeto de assistência médica para os/as alunos/as e se estendendo para os seus familiares, já que no ano anterior, mesmo com o suporte dado por um dos médicos do Posto de Profilaxia Rural, situado na Penha e dirigido por Belisário Penna, a “escola necessitava de uma assistência mais complexa” (RELATÓRIO ANUAL, 1921, p. 4). Cabe mencionar que no relatório de 1922 foi apontado que as epidemias, prevalentemente o sarampo e a coqueluche, se alastraram na região de Merity, atingindo as crianças menores de 10 anos, levando a uma baixa na frequência às aulas (RELATÓRIO ANUAL, 1922, p. 6).

Um fato que nos chamou a atenção foi o tratamento dentário dos alunos no Instituto Moncorvo Filho<sup>86</sup>, fato narrado no relatório de 1922, em uma instituição que valorizava a eugenia, inclusive promovendo concurso de robustez, em que “Os bebês brancos e gordos têm garantido o seu lugar de destaque como modelos do padrão de saúde e beleza hegemônico e valorizado pelos *experts* da saúde: os médicos” (SILVA et al, 2010, p. 622).

---

<sup>86</sup> O trabalho de Arthur Moncorvo Filho é reconhecido pela criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI) e principalmente por suas ações voltadas para a proteção da infância brasileira (DE SANT’ANA, 2010). O que queremos levantar aqui é o fato das ações higienistas e eugenistas já estarem inseridas, mesmo que indiretamente, no projeto pedagógico da Escola Regional de Merity já desde a sua fundação.

Consta no relatório de 1923 a visita do Inspetor de higiene do estado do Rio de Janeiro, Manoel Ferreira, que doou 1.000 pílulas de quinino<sup>87</sup>. O alto número de alunos/as doentes também é um fato a se pensar: 48 alunos/as doentes de um total de 65 inscritos.

## 5.2. O mate com angu: experiência inovadora no auxílio da aprendizagem

Nos relatórios anuais, o primeiro registro do “mate com angu” é datado em 1926. A seção sobre a saúde dos alunos (RELATÓRIO ANUAL, 1926, p. 7), afirma que a questão da alimentação não poderia ficar dissociada da questão educacional e da questão da saúde, como uma tríade que se completava na escola.

Ao perceber que a maioria das crianças passava fome ou estava desnutrida e isso atrapalhava o processo de ensino-aprendizagem das mesmas, Armanda passou a oferecer merenda gratuita para todos os/as alunos/as da escola. Fazendo isso, a Escola Regional de Merity se tornou a primeira escola do Brasil, que se tem notícia até hoje, a oferecer merenda gratuita para os/as seus/uas alunos/as. A merenda era composta basicamente do fruto de doações dos amigos, moradores e da própria horta escolar. Quando não havia um grande fluxo de doações, a merenda era composta por mate e por um angu feito de milho que às vezes era misturado a alguma peça de carne doada por alguém da região.

Filinto Muller<sup>88</sup>, então chefe da polícia no governo de Getúlio Vargas, de maneira pejorativa, deu o nome à escola de Mate com Angu, referindo-se à escola como um restaurante a céu aberto. No lugar de conseguir menosprezar a escola, o nome ficou marcado, por conta da principal característica da mesma.

O jornal A Manhã lançou uma pequena matéria com o título de “Pela primeira vez tomaram leite”. A nota do jornal descreveu como andavam as atividades da Escola Regional de Meriti em 7 de julho de 1948:

Enquanto os meninos faziam várias demonstrações de coro orfeônico e, numa sala, perto de nós, um bem afinado “regional” dava os seus últimos ensaios, verificávamos na carpintaria. “Tesouras de construções”, miniaturas de elevadores de obras e pontes de madeira, feitos por crianças que ali, muitas vezes, tomavam o seu primeiro copo de leite ou conheceram o mar,

---

<sup>87</sup> Medicamento utilizado no combate da malária, naquele período esta doença era muito comum e assolava a região.

<sup>88</sup> Filinto Muller era chefe da polícia do Distrito Federal, atualmente capital do estado do Rio de Janeiro, foi o mesmo que prendeu Olga Benário, deportada e morta na Alemanha Nazista. Filinto manda prender Armanda diversas vezes, com a acusação de a mesma ser comunista. Morre em 11 de julho de 1973 por consequência de um desastre aéreo em Paris.

nas excursões da Escola. O professor Edgard Sussekind de Mendonça, conhecido técnico de educação patricio é um dos entusiastas da “Escola Regional”. Ele, além de orientador pedagógico é o secretário da Fundação. Cumprimentou-nos, sorridente, apresentou-nos o engenheiro Galileu Antenor de Araújo, o autor dos projetos dos pavilhões recém-inaugurados, e chamou à nossa atenção para o carinho com que um professor da Orquestra Sinfônica Brasileira dirigia as crianças. O sr. Joaquim Gonçalves de Lima, deixa a sua residência na capital, viaja essa distância imensa, todas as semanas, para prestar a sua colaboração na obra educativa para o povo (...) (Jornal A Manhã, 7 de julho de 1948, p. 7).

O jornal continua sua matéria falando da escola. É relevante ressaltar a importância desse documento, pois ele expressa como era a vida na escola. Assim, contribuiu para a construção da história da Escola Regional de Meriti.

[...] Da Janela, contemplávamos o grande salão, utilizado como auditório repleto de famílias e de crianças, que iniciando os trabalhos, recebiam os seus prêmios de mérito na vida colegial. Tivemos a impressão perfeita do que é uma “escola ativa” e sentimos as razões dos elogios a ela feitos, em suas obras, pelos pedagogos Anízio Teixeira, Delgado de Carvalho, Lourenço Filho e outros. Aquela era de fato uma casa para o povo. É difícil, no entanto, á primeira vista, acreditar-se que um programa de tão vastas proporções, esteja sendo feito somente com o trabalho abnegado do corpo docente e pequenas contribuições individuais.

Realmente, a instrução não é um privilégio dos ricos, quando a Saúde, a Alegria, o Trabalho e a Solidariedade dos homens, se associam pelo bem comum (Jornal A Manhã, 7 de julho de 1948, p. 7).

Um programa que foi reconhecido por todos. Oferecer merenda gratuita, auxiliando também no ensino integral, visto que a criança iria passar um grande período na escola. Conta também o fato de existir pobreza na Vila Merity e, assim, a escola garantiria a alimentação de todas as crianças. A Escola criou um bem comum: a alimentação, pois sem essa, o desempenho dos/as alunos/as certamente cairia, pois é impossível um/a aluno/a ficar horas e horas em uma instituição sem uma alimentação adequada. O direito à alimentação é um direito do cidadão, portanto, dever do Estado e responsabilidade da sociedade de garantir esse direito (FERREIRA, 2007, p. 176), porém como as ações do Estado eram ineficientes nesse sentido, coube à Escola promover tal ação, fazendo além do papel educacional, o papel social.

### **5.3. A relação entre trabalho e educação na Regional de Merity**

As crianças da Escola Regional de Merity participavam ativamente da vida escolar, do plantio e da colheita da horta escolar que abastecia o refeitório da escola, assim alimentando

as próprias crianças e também na criação do bicho da seda e de colmeias de mel<sup>89</sup>. Sobre a criação do bicho da seda e de abelhas, o relatório anual de 1942 conta como foi essa atividade e os seus resultados:

#### CRIAÇÃO DE ABELHAS E DE BICHO DA SEDA

Com uma colméia, apenas, fizemos uma pequena colheita em Abril, distribuída entre os alunos que nos ajudaram. Outra colheita, em Setembro, deu 4 litros, que foram vendidos por Cr\$ 34,60. Só este mês nos chegou a segunda colméia, mas, com tão pouca sorte que, retardando-se no Correio o respectivo “conhecimento”, era vista na Estação sem que pudéssemos retirar. O Resultado: metade das abelhas morreram. E ainda não foi tudo. Quando se deu o roubo da ferramenta há pouco referido, furtaram também a colméia antiga. Acrescentemos que, de quebra, também levaram quase todas as galinhas... No passado da Escola há outros casos semelhantes. Estamos habituados a agir em conseqüência. Já temos o vigia corajoso; falta reforçar a cerca e tomar outras providências secundárias. Mas não podemos desistir e fazer coro com aqueles cuja mentalidade procuramos modificar: “criar? Para os outros roubarem?...”

Quanto aos bichos da seda, a primeira remessa desse ano chegou-nos em abril (4 gramas de “óvulos”). Ficou inutilizada, assim como a que chegou em junho. A que veio em outubro produziu 3 kg e 800 gr. de casulos.

Das duas safras do ano passado, o pagamento recebido deste ano – Cr\$50,00 líquidos – foi distribuído entre os alunos que auxiliaram na criação, Maria José Lopes à frente. Este ano, a professora encarregada foi a Srta. Aristeia Leitão (RELATÓRIO ANUAL, 1942, p. 7).

A horta comunitária é uma prova que o ensinar-aprender não ocorre apenas dentro de sala de aula, entre quatro paredes, que é possível ensinar com a própria vivência dos/as alunos/as, aproveitando os seus próprios conhecimentos, sendo ali na maioria das vezes o local para as aulas de Estudos da Natureza, fazendo assim uma sala de aula ao ar livre.

A participação dos/as alunos/as nas atividades da escola e a geração de renda que essas atividades propiciavam aos/às estudantes chama atenção haja vista que os valores eram divididos entre eles. Com essa ação, a escola passou noções de solidariedade, pois todos ganhariam com o trabalho desenvolvido. A educação tem um papel de alavancar a solidariedade como “aposta ética e conhecimento reintegrador, tornando-se meio para a construção de melhores relações humanas” (LIMA, 2006, p.9), solidariedade que sempre fez parte da escola Regional de Merity, seguindo como seu pilar desde a sua criação.

Mesmo com todas as adversidades, seja a precariedade do serviço de entrega na época, seja com os diversos assaltos que a escola sofreu ao longo dos anos, como é apontado nos relatórios anuais da escola, a ideia de continuar o projeto sempre permaneceu.

---

<sup>89</sup> Essas atividades começam no ano de 1940.

Os/as alunos/as participavam, também, das atividades de tempo integral como a oficina de carpintaria, ali aprendiam esta profissão. Vale ressaltar que o trabalho infantil era vista de forma diferente na década de 1930. Esse tipo de trabalho já vinha de tempos anteriores, como ressalva Maria Alice Nogueira:

Seria [...] errôneo supor que o trabalho infantil data do século XIX e que foi a Revolução Industrial a responsável por ele, pois, em épocas anteriores, já se fazia uso da criança, embora sob outras formas. No meio rural, geralmente no quadro da família, a criança se ocupava de certas tarefas como, por exemplo, respigar e capinar o terreno, revolver o feno ou, mais comumente, guiar o rebanho. (...) Já mais cidadina, a oficina do artesão também empregava — como se sabe — o aprendiz, ao lado do oficial, sob a orientação do mestre. Isso sem falar no papel desempenhado pela criança nas famílias que viviam do trabalho domiciliar (NOGUEIRA, 1990, p. 25).

Analisando o aspecto educacional, a proposta pedagógica vai ao encontro da junção da educação formal com o ensino técnico<sup>90</sup>, porém com suas especificidades. Segundo Oliveira e Campos (2012) essa forma de alternância se dá primeiro pela construção do currículo, levando em conta o dia a dia do meio social onde ela está inserida, não sendo apenas um transmissor de conteúdo, mas ensinando a vida e as técnicas do campo, o ensino sociocultural e o convívio social (OLIVEIRA; CAMPOS, 2012).

Os trabalhos eram referentes às atividades do período integral que a escola oferecia para seus/uas alunos/as. Com aulas de segunda a sábado dentro do período integral, a professora Armanda Álvaro Alberto percebeu que era importante que houvesse a consciência de que a escola era a extensão de suas casas, que o que eles exercitavam ali era importante, mas era importante também para a vida pós-escolar. Os lucros obtidos nas vendas dos materiais fabricados eram de 80% para as crianças e 20% para a escola, a escola ficava com essa porcentagem justamente para a obtenção de mais matéria-prima para a confecção de novos trabalhos. Já que a principal causa da evasão escolar em Merity era justamente a questão financeira, pois as crianças desde cedo começavam a trabalhar para ajudar na renda domiciliar. Com isso, a estratégia pedagógica da Regional de Merity era: a criança aprendia um ofício na escola, para futuramente garantir uma profissão, com os trabalhos manuais, garantia a renda que teria fora da escola, ou até mais, com isso a sua própria permanência na escola, garantindo diversas outras oportunidades.

---

<sup>90</sup> É evidente que essa comparação é apenas para fins didáticos, pois qualquer comparação com tal seria um erro anacrônico.

**Figura 7 Aulas de Carpintaria em 1926**



Fonte: PROEDES

A criança aprendia uma profissão sem deixar de ser cidadã, pois as práticas na escola lhe davam oportunidade e exercício de formá-los/as para a vida cotidiana em Merity, como conta Mignot:

Desse modo, o projeto de educação integral compreendia também a vivência de práticas democráticas que deveria começar na escola, onde as crianças seriam envolvidas nas tarefas cotidianas e, aos poucos, passariam a exercer o direito de voto. A escola pretendia ser uma continuação da casa e, nela, os alunos tinham responsabilidades. A educação moral pelo trabalho objetivava incutir, nos alunos, o orgulho pela execução da própria tarefa. Numa proposta de cogestão, todos os alunos se envolviam no funcionamento da escola, os chefes eram escolhidos pelos próprios colegas em comissões que se diversificavam e ampliavam com o decorrer dos anos. Assim, as crianças praticariam a vida em comunidade, aprendendo a dividir tarefas e a trabalhar para a coletividade, adquirindo ordem, disciplina e respeito aos outros. Poderiam, ainda, experimentar situações problemas onde exercitariam a iniciativa e a independência; partilhariam experiências; vivenciariam a democracia, subvertendo barreiras de raças, classes, credos religiosos e sexos. Para Armanda, isso possibilitaria que as crianças afastadas precocemente das escolas pudessem aprender a se autogovernarem, com possibilidades de exigir seus direitos (MIGNOT, 2002, p. 91 e 92).

Em uma época em que afloraram os governos autoritários, como o de Getúlio Vargas a partir de 1937, criar eleições na escola, fazer o exercício da cidadania entre os/as alunos/as é algo revolucionário, é sair da posição de poder que tem o diretor, o/a professor/a ou qualquer funcionário/a da escola em relação aos/às alunos/as.

#### **5.4. Os processos pedagógicos da Mate com Angu e a sua consolidação**

O processo de aceitação pela comunidade do modelo pedagógico da escola não foi fácil, como consta nos relatórios, a resistência era muito grande, constata-se que “era preciso ouvir o outro e compreender as suas demandas, reconhecer o valor de seus conhecimentos” (ANDRADE, 2015, p. 6), o que não ocorreu nos primeiros anos. Setton (2002) afirma que a relação entre a escola e a comunidade é que sugere o sucesso ou o fracasso de qualquer possibilidade pedagógica e que, dentro dessa relação é que vai afirmar as relações sociais, principalmente quando se trata do meio rural com a educação (SETTON, 2002).

As excursões eram pontos relevantes no modelo educacional da escola. O regionalismo não teria sentido se o/a aluno/a não fosse levado/a a conhecer a sua realidade, a sua localidade e se não fosse incentivada a exploração do território. Então, em 1924, foi implementado o ensino regional:

[...] A Escola Proletária não é mais este recinto só: ela já penetrou por muitos lares a dentro, já atraímos até cá a alma de muita família. Casos interessantes vos contaria se o tempo nos sobrasse. Um recente bastará. O pai do pequeno Licínio, sem pedido nosso, espontaneamente, assumiu o papel de diretor dos trabalhos da carpintaria dos meninos empenhados em concurso (RELATORIO ANUAL, 1924, p. 2).

Nesse sentido, a reflexão sobre como seria empregado o modelo de educação envolveu professores/as, população, alunos/as e o corpo diretor a fim de se estabelecer as práticas que seriam empregadas no meio rural. Indo ao encontro da ideia de Caldart (2002) de que é necessário primeiro compreender que o campo, o meio rural não é apenas uma porção de terra onde só se produz algo para consumo, mas é também um espaço para se ensinar e aprender (CALDART, 2002).

Esse relato mostra que a comunidade começou a interagir com a escola e a mesma começava a se inserir no seu meio social. Em 1926. Teve início o ciclo de visitas domiciliares, que consistia na ida de uma professora visitadora aos lares dos/as alunos/as da

Regional de Merity, fazendo assim um diagnóstico mais preciso sobre a situação de saúde, econômica e social dos/as respectivos/as estudantes e seus familiares, a saber o caminho da construção da ponte entre escola e a comunidade:

D. Maria da Luz continua como professora- visitadora. Esteve em 38 casas, perfazendo um total de 46 visitas. Suas impressões e observações contam do Livro de Generalidades que, segundo Maria Montessori, é *escrito* de colaboração com o médico. Nunca é demais encarecer o papel desempenhado pela visitadora, levando de lar em lar o espírito da Escola e trazendo-lhes de volta, as informações precisas para a eficiência de sua ação que é principal fator a realidade da situação de cada um de seus alunos (RELATÓRIO ANUAL, 1926, p. 7).

O primeiro fato a ser mencionado sobre essa passagem é o primeiro registro fazendo menção a Maria Montessori, principal teórica de referência de Armanda Álvaro Alberto, o segundo é a visita aos lares dos respectivos alunos da Escola, no qual a professora visitadora, em conjunto com o médico escolar, fazia todo o panorama real da situação dos alunos, criando assim, uma ponte entre escola e comunidade. Sintetizando, a Escola começa a ir para o meio social, começa a descobrir quem são os seus alunos, onde vivem, como e com quem vivem, isso contribuiu significativamente para o sucesso do projeto que estava sendo construído, enxergando as suas imitações e expandindo as atividades onde possuiria melhor aproveitamento.

Ainda sobre a questão da figura de professora visitadora, isso se torna instrumento de interação entre a escola e a família dos estudantes. A mudança de lugar da professora que, antes, ficava restrita apenas a sala de aula, agora vai a campo. Em um tempo quando só as crianças de classe média e alta tinham direito a ter um professor particular para ministrar conteúdos educacionais (MARCILIO, 2005), quando o ensino passa a entrar nos lares dos estudantes de origem popular, ocorre a mudança do conceito de educação e como esta deve ser oferecida, saindo do meio estático e se tornando dinâmica, através dessa aproximação.

Um outro ponto que deve ser abordado é que não existiam castigos físicos na escola e a não utilização de notas ou provas. Em relação às premiações para os/as melhores alunos/as e às famílias mais assíduas nas atividades eram os/as estudantes que votavam. É possível encontrar nos relatórios anuais os que mais se destacaram. Rompendo, assim, com a meritocracia tradicional das escolas da época, não era o resultado nas provas que decidia quem iria ganhar as premiações, mas sim o voto escolar (ALBERTO, 1922). A Escola Proletária acabou se tornando diferente, pois levava em consideração as vulnerabilidades sociais desses alunos (CASTRO & ABRAMOVAY, 2002, p. 144), rompendo com a

hierarquização do saber, uma escola que tinha a criança como centro e, neste caso, crianças sem direito à educação ou aos diversos serviços básicos que eram deveres do Estado.

Nos relatórios no ano de 1922, fica clara a utilização de provas com o objetivo de acompanhar a evolução dos/as alunos/as, aqueles/as que não obtiveram sucesso nesse tipo de avaliação continuariam seguindo o plano de estudo, porém estudariam também a matéria em que não tivessem um bom aproveitamento.

[...] Embora defiram largamente dos exames em uso em nosso meio, ainda é a contra gosto que adaptamos a prática das provas este ano realizadas duas vezes, em maio e novembro/dezembro. Não podendo acompanhar dia a dia a evolução de nossos alunos, o que dispensaria com vantagem o exame... Enquanto esperamos essa época de definitiva organização da Escola, as provas para a passagem de turma vão-se fazendo sem notas, prêmios ou reprovações. Demais como o aluno pode pertencer a diversas turmas, conforme o grau de adiantamento de cada matéria, não se sente diminuído em se retardar nesta ou naquela turma (RELATÓRIO ANUAL, 1922, p.8).

A escola efetivamente só participou de provas externas no ano de 1937. O Departamento de Educação foi o aplicador dos testes. Todos os quatro alunos tiveram o resultado satisfatório.

**Figura 8 Alunos que foram submetidos às provas- 1937**



Fonte: PROEDES

Ao longo dos anos, os/as alunos/as continuaram a ser submetidos a provas externas, continuando a ter excelentes notas, como foi no ano de 1938, em que Waldir Siqueira Lobo e Manuel Moura obtiveram o grau 100, logo, a nota máxima; Argemiro Ribeiro<sup>91</sup> com o grau 95; Ruth de Souza o grau 90 (RELATÓRIO ANUAL, 1938). Esses/as alunos/as concluíram todo o ciclo escolar possível na Escola.

A reprovação era um estímulo para a saída da criança da escola, singularmente em uma época no qual a educação para as classes populares não tinha importância por parte do Estado brasileiro com uma estimativa de 80% beirando o analfabetismo. A não reprovação e o acompanhamento do desenvolvimento do/a aluno/a foi um posicionamento político que a Escola teve, pois a mesma seguia a metodologia intuitiva na qual se aprende fazendo e observando, logo, a avaliação também poderia seguir esses moldes. Os/as alunos/as em nenhum momento ficariam prejudicados/as, seja pelo atraso, seja pela falta de conteúdo assimilado. Com essa proposta pedagógica, Armanda Álvaro Alberto deu uma oportunidade para que a criança permanecesse na escola, aumentando as chances dela compreender aquilo que não foi assimilado ao longo do ano e, ao mesmo passo, aprendendo novos conteúdos, sem perder o interesse pela instituição escolar.

Todo material didático da escola era produzido pelos/as próprios/as professores/as e pelos seus colaboradores. Os livros e demais materiais didáticos eram parte de uma inovação pedagógica. Os livros falavam da vida dos camponeses, dos imigrantes. Todo material era doado. Os colaboradores do projeto escolar, por exemplo, viajavam para um determinado local, tiravam fotos e traziam estes materiais como doação para a escola.

A Escola Regional para ter o sucesso pedagógico esperado, deveria se integrar com a realidade da localidade, compreendendo o sentido educacional e social dos/as alunos/as e de seus familiares. É compreender que a prática escolar e os seus métodos de ensino, propriamente a pedagogia escolar, algumas vezes, não condizem com a realidade social dos/as alunos/as.

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico (MAGALHÃES, 1996, p. 2).

---

<sup>91</sup> Um fato interessante sobre este aluno é que depois de uma minuciosa pesquisa, pode-se constatar que o mesmo virou fotógrafo e escritor da Revista Caminhos Gerais.

Enquanto nas escolas tradicionais da capital se trabalhava com animais nunca vistos aqui, como elefantes, Armanda ensinava com os animais que existiam na localidade. O método era o intuitivo. Com o método intuitivo os/as alunos/as saíam do concreto para o abstrato. Em algumas aulas eram produzidos bichos de argila e quando as crianças faziam aquilo, elas descreviam o que estavam fazendo, com o que estavam fazendo, qual era o animal. Assim, ao criar estratégias de aprendizado, Armanda partiu do concreto para o abstrato em suas atividades, partiu do concreto para a teoria, que hoje é muito normal, mas naquela época não era. Foi a sensibilidade e a pedagogia com a capacidade de transmutar pelos diversos saberes que colaboram ou não para o sucesso da aprendizagem.

Ao analisar os relatórios anuais, alguns elementos apontam que essa forma de ensinar e (re) ensinar através de sua própria pedagogia começou a ter efeitos simbólicos na conscientização das crianças, como mostra um fragmento do relatório anual de 1928:

Alguns fatos podem indicar o que se vão conseguindo, **sem aulas especiais, em moral e civismo**. Contam os alunos: “salvei um marimbondo que estava atolado (7 anos); ajudei a uma velhinha a atravessar a linha do trem (9 anos); liberei uma menina de ser apanhada por um automóvel (9 anos); apanhei um caco de vidro que estava no caminho (11 anos); soltei os passarinhos de meus irmãos e disse-lhe que o gato os comeu (12 anos) e muitos outros mais (RELATÓRIO ANUAL, 1928, p. 6)<sup>92</sup>.

O papel da Regional de Merity não era apenas ensinar conteúdo ou uma profissão, a forma de ensinar da Escola foi política nas ações dos/as seus/uas alunos/as, fazendo com que eles/as se enxergassem dentro do espaço onde viviam, criando um movimento de curiosidade e reflexão. Foi o caminho de fazer, refazer e criar, aprender a pensar sozinhos. Isso eleva o ensino regional e o próprio movimento escolanovista que ali servia como inspiração para outro patamar, pois o ensino não era puramente para formar apenas mão de obra qualificada, como afirma Camargo (2010).

De fato, nesse período ocorreu a consolidação das ideias pedagógicas da Escola, primeiro com a ida dos alunos para escolas de cursos profissionalizantes, encaminhadas pela própria escola e com a conclusão do curso na Regional de Merity pelo aluno Manoel das Chagas no ano de 1929. Este mesmo aluno, em uma correspondência endereçada à Armanda Álvaro Alberto, datada em 1952, a agradece, por tudo que aprendeu na Escola Regional e afirma que tudo aquilo que aprendeu, o ajudou a ingressar na Marinha Mercante Brasileira, chegando ao posto de 1º oficial de náutica.

---

<sup>92</sup> Grifo próprio.

Sobre essa situação de encaminhamento dos/as alunos/as para diversas modalidades de ensino, seja técnico, profissionalizante, seja intelectual, Armanda, nos relatórios anuais, deixa claro:

(...) Podem estar certos os amigos de nossa Escola que nenhum dos seus aspectos a caracteriza melhor em seu meio, do que este, de encaminhar os alunos, que nada tem de escolar, num sentido restrito. Entretanto, é na preparação de nossos alunos para o exame de admissão às escolas de grau mais adiantado que mais nos afastamos do nosso próprio programa, - tal é a diferença que vai do modesto regionalismo, baseado no interesse real da criança, na sua vida de todo o dia, servido pela experiência e pela observação direta, que levam às associações orgânicas, àquele rol de conhecimentos exigidos nos programas de admissão. Contudo, como a razão de ser da Escola é a elevação do nível de vida das crianças que lhe são confiadas, não temos como um desvirtuamento essa discreta adaptação às exigências do exame oficial (RELATÓRIO ANUAL, 1938, p. 3).

Sendo os relatórios utilizados como fonte primária para a pesquisa<sup>93</sup>, investigar o destino dos alunos que passaram pela Escola é fundamental para preencher essa lacuna, obtendo resposta de como o ensino impactou de certa forma na vida dos estudantes<sup>94</sup>. Ao analisar a lista de vencedores do prêmio Viúva Dr. Álvaro Alberto do ano de 1939, encontrou-se a figura de Waldir Siqueira Lobo, o mesmo ganhou uma caderneta de poupança de cinquenta mil réis graças a essa premiação. Waldir terminou o curso da Escola no respectivo ano, sendo encaminhado para trabalhar na extinta Rede Ferroviária Federal S.A., fazendo com que anos mais tarde, fosse sindicalista<sup>95</sup>, sendo lembrado pela luta em prol dos trabalhadores ferroviários.

### **5.5. A escola para além dos seus muros**

Dentro da literatura educacional, a menção sobre a experiência na Regional de Merity não veio apenas de sua idealizadora. Ao passo que o projeto educacional era executado, as informações e os resultados começaram a ser divulgados para outros/as educadores/as. Sobre isso, temos a apresentação da Escola em um artigo amplamente divulgado na Revista Educação no ano de 1925, escrito por Edgar Sussekind de Mendonça e Francisco Venâncio Filho (RELATÓRIO ANUAL, 1925); a apresentação da Escola Regional em forma de tese na

<sup>93</sup> Os procedimentos de pesquisa foram detalhadamente demonstrados na nota de rodapé número 82.

<sup>94</sup> Mensurar como que a educação impactou na vida dos estudantes ou buscar uma resposta para tal indagação é no mínimo uma grande presunção, fatalmente caindo no achismo. O que apresento aqui é que os estudantes tiveram ou não uma vida diferente do que se espera de uma região pobre, rural, sem uma estrutura escolar organizada.

<sup>95</sup> Ver ANEXO E.

I Conferência nacional de Educação promovida pela ABE em Curitiba, no ano de 1927, junto com a moção de aplausos no mesmo evento; em 1930, na obra de Lourenço Filho sobre a Escola Nova no Brasil, sendo um capítulo destinado à experiência na Regional de Merity (LOURENÇO FILHO, 1930); em 1932, a Escola foi apresentada na V Conferência da ABE, a sua experiência consolidada, constando nas atas do evento e em outros documentos posteriores a assinatura, que essa experiência educacional com o sucesso esperado, influenciou no conteúdo do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (ALBERTO, 1968), entre as diversas matérias jornalísticas de revistas especializadas em educação e os jornais que circulavam na região.

Toda essa movimentação de informações sobre a Regional de Merity despertou o interesse de outros profissionais ligados à educação brasileira e até mesmo dentro das Américas. A Escola Regional de Merity não manteve as suas atividades pedagógicas apenas entre os seus muros. O anseio de uma educação de qualidade, desejo de Armanda Álvaro Alberto, não poderia ficar apenas naquele espaço, pois a Regional era um laboratório educacional para os ideais que preconizavam o modelo escolanovista no Brasil. Tal perspectiva foi alcançada mediante o encontro de documentos e correspondências que atestaram as influências exercidas pela Escola Regional de Merity na criação de outras instituições. Passo a alguns relatos sobre as referidas instituições.

No Estado do Rio de Janeiro hoje a Escola Municipal Sagrada Família de Nazareth, no distrito de Andrade Costa, bem na zona rural do município de Vassouras, como mostra a correspondência enviada de Helena Dale para Armanda:

[...] O projeto dessa escola inspirado na Escola Regional de Merity foi realizado pelo Sr. João Dale, com o nome de Escola Sagrada Família de Nazaré. Inteira, hoje, a mais importante obra social da região, que é a Associação Maternidade e Infância de Andrade Costa, Município de Vassouras, no Rio (DALE, 1925, sp.).

A história foi criada em 1927 com a sua construção no terreno onde foi construída a Igreja Sagrada Família de Nazareth, pertencente a José Lemos e Basilina de Almeida, esta, professora na escola Regional em período posterior, de 1941 até 1945.

Ao visitar a escola, pode-se constatar que a mesma configura-se no mesmo formato arquitetônico desde a sua criação, lembrando muito uma grande fazenda, com salas abertas ao ar livre, grandes janelas, jardim para a horta que os próprios/as alunos/as trabalhavam durante a visita. Seu processo também se assemelha ao da Regional, até a sua doação para o Estado, neste caso, concretizada em novembro de 1972, depois passando a ser municipalizada no ano de 1988.

A Escola Regional continuou a inspirar novas experiências, como foi a de Monte Aprazível. Monte Aprazível fica no interior de São Paulo, deixando de ser distrito de São José do Rio Preto, nasceu como município graças à Lei Estadual nº. 2008 de 23 de dezembro de 1924. De 1934 até o ano de 1941, a troca de correspondência foi constante. O conteúdo das missivas girava em torno das seguintes questões: a estruturação da Regional de Merity, o programa da Escola e manutenção financeira. As correspondências foram enviadas para o professor Tasso do Amaral Botelho e para o Secretário de Educação Luis Neves, que se interessam pela experiência da Regional de Merity, como consta em carta enviada por Luiz Neves para Armanda:

Prezada S<sup>a</sup> Armanda Alvaro Alberto  
 De fato a escola que mantém em Meriti muito nos interessa. Daí ter resolvido enviar-lhe a que lhe chegou às mãos, por intermédio do Prof. Lourenço Filho.  
 Sou amigo do Prof. Tasso Botelho. Eu e ele pretendemos, depois de bem conhecida a sua escola, fundar aqui uma que a imite. Para isso temos necessidade de conhecer os meios como adquire recursos para sustenta-la, assim como a proteção social que a mesma dá às mães e irmãs das alunas. Em suma, desejamos os esclarecimentos julgados convenientes para ter-se exata compreensão do que é essa escola, merecedora de gerais elogios, mas mal estudada por todos professores ou publicistas, que se referem a ela.  
 (...) Como temos, porem, urgência de dar inicio a nossa escola, ficamos certos de que não deixará de dar-nos a orientação que necessitamos  
 Desde já agradecido,  
 Luiz Neves<sup>96</sup>

A instituição escolar, idealizada por Luiz Neves e Tasso Botelho foi criada em 1940, com o nome de Ateneu Aprazivelense. Pesquisando mais sobre a escola, encontrei a seguinte notícia do jornal “A Cidade” datada de 30 de junho de 1940, na qual o redator Constantino de Carvalho relata a fundação do Ateneu Aprazivelense:

Sob a direção do professor Luiz Neves e com ótimos professores, será aberto amanhã, 1º de julho, o Ateneu Aprazivelense, que inicialmente se destina a ensinar o curso preparatório para admissão ao ginásio, e que será o embrião do futuro Ginásio de Monte Aprazível (A CIDADE, 1940, p. 2).

São poucas as informações sobre a instituição, qual o modelo educacional seguiu, mas ao fazer minuciosa análise no conteúdo das cartas trocadas ao longo dos anos, pode-se presumir que a instituição de Monte Aprazível tentou seguir o mesmo modelo educacional da

---

<sup>96</sup> NEVES, Luiz. [Carta] 07 de set. 1939, São Paulo [para] ALBERTO, Armanda, Rio de Janeiro. 3f. Solicita informação sobre o modelo de ensino da Escola Regional de Meriti.

Regional de Merity. A instituição se transformou em Ginásio Municipal de Monte Aprazível em 1941, sendo atualmente gerido pela Sociedade Civil de Ensino Dom Bosco, de Monte Aprazível, virando Faculdade Dom Bosco, de caráter privado.

Outra instituição a promover as atividades que aconteciam na Regional de Merity foi a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, mas sobre esse aspecto, fica claro que o pensamento de Alberto Torres segue em determinado momento, uma linha diferente das pessoas que criaram a associação com o seu nome.

Alberto Torres pregava o nacionalismo, a população deveria adorar a terra onde nasceu. Nesse sentido, o regionalismo seria a forma ideal de educação, começando pelos mais jovens.

A associação de indivíduos e famílias que habitam o Brasil com ânimo de permanência, protegidos pelo conjunto dos órgãos da sua política: o “Estado”; formando, sobre seu habitat territorial: o “País”, graças à consciência de uma continuidade histórica de heranças morais e materiais e de uma simpatia e comunidade entre os vivos, uma agremiação fundada sobre a confiança em certas condições práticas de tranqüilidade e de segurança, superiores à vontade e ao poder de cada um de seus membros - uma “Pátria” (TORRES, 1978, p. 27).

Com isso, o conceito de nação era empregado como forma agregadora dos indivíduos dentro da sociedade, como iguais, sem distinção de raça ou classe social, fugindo de qualquer modelo de sociedade fora da brasileira.

Em um primeiro momento, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres teve duas correntes, uma pautada através da educação regional, levando o conceito de saúde e higiene para a escola rural e outra corrente que acreditava que primeiro, a identidade nacional brasileira deveria ser constituída de uma raça única (MAIO, 2010), engessada no determinismo racial, tese defendida por Oliveira Vianna, principal articulador dentro da Sociedade (LEITE, 1976).

Criada em 10 de novembro de 1932, na cidade do Rio de Janeiro, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres foi um espaço para troca de experiências e promoção do regionalismo, se por um lado, existia Oliveira Vianna, com todo o seu pragmatismo de supremacia ariana, por outro, existiam as figuras de Roquette Pinto, Armanda Álvaro Alberto, Teixeira de Freitas, mostrando todo o potencial que o ensino poderia revelar para solucionar os problemas brasileiros, a valorização da cultura regional e do povo brasileiro.

Incentivando diversas atividades que reconheciam, além da cultura regional, questões de saúde e higiene. A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres promoveu conferências e eventos para auxiliar a formação de núcleos regionais, espalhados pelo Brasil. Uma dessas

atividades desenvolvidas foi o concurso de Janelas Floridas, concurso criado dentro da Regional de Merity, como mostra o Diário Carioca, em 17 de agosto de 1963:

**Figura 9 Notícia sobre o concurso de Janelas Floridas sendo passado para além da localidade.**

**1º CONCURSO DE JANELAS FLORIDAS**

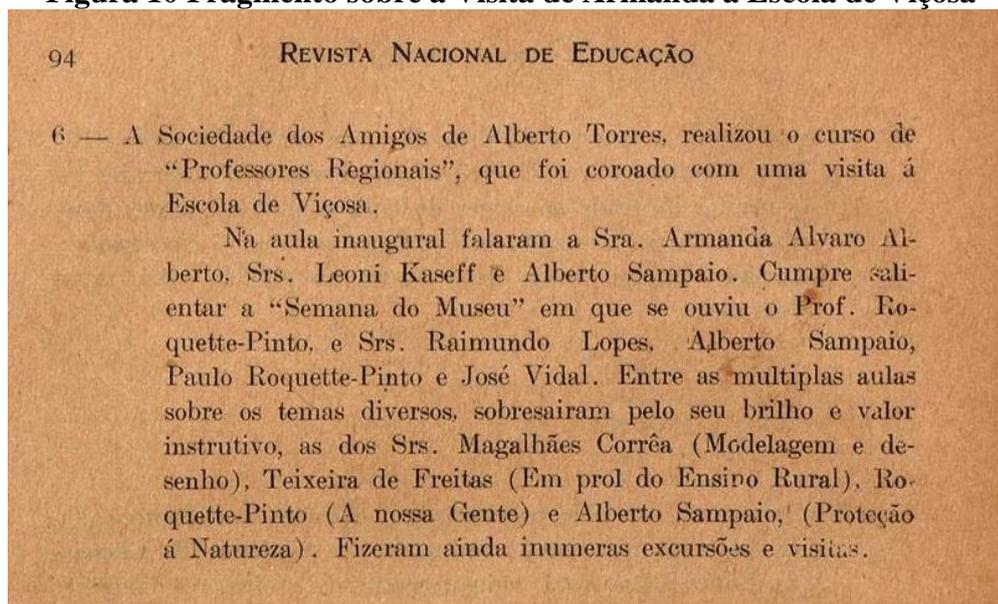
Folheando o álbum ficamos cientes de que o 1º Concurso de Janelas Floridas que anualmente as escolas típicas rurais brasileiras realizam foi iniciativa da entrevistada:

— A “Sociedade de Amigos de Alberto Tôrres”, disse-nos d. Armanda, achou a idéia magnífica e a espalhou por todo o país.

Dona Armanda precisou a data: em 4 de novembro de 1923, realizou-se o 1º Concurso de Janelas Floridas. Naquele dia o prof. Heitor Lira, que, justamente um ano depois fundaria a ABE (Associação Brasileira de Educação), visitou a escola, plantando várias árvores na principal rua da localidade.

Fonte: Jornal Diário Carioca: O máximo de jornal, no mínimo de espaço, 17 de agosto de 1963.

Torres defendia que era preciso conhecer o interior brasileiro, pois seria lá que iríamos alavancar o desenvolvimento econômico brasileiro, mas para isso, era preciso levar o saneamento e a educação para essas localidades (TORRES, 1982). Discurso que se aproximava do pensamento de Belisário Penna e do movimento higienista, em que a educação e a saúde não poderiam andar separadas, pois eram as principais prioridades de qualquer governo brasileiro (PENNA, 1923). Por isso, não poderia ser uma escola típica da cidade, transportada para o campo, deveria ser uma escola do campo e para o campo, mas não bastava apenas focar na formação dos/as alunos/as, o enfoque também passaria pela formação docente, que deveria ter o objetivo de levá-los a conhecer como é a vida no campo (PRADO, 1995).

**Figura 10 Fragmento sobre a Visita de Armanda a Escola de Viçosa**

**Fonte: Revista Nacional de Educação, 13 de março de 1933, p. 94.**

A troca de experiências, de como as atividades eram desenvolvidas na Regional de Merity, inspirou a criação da Escola Rural Modelo de Tigipió, no Ceará, experiência contada por Orlando Carvalho em ‘Ensaio de Política e Economia’ lançado no ano de 1933.

[...] Assim sendo, a escola rural é uma necessidade premente, não só porque o filho do lavrador terá instrução sem precisar abandonar o campo, este, maior medo da população do campo. Algo que só aconteceu na Escola Regional de Merity, escola do Rio de Janeiro, modelo inspirador da Escola Rural Modelo Alberto Torres de Tigipió, na cidade de Aracoiaaba, bem no interior de Fortaleza (CARVALHO, 1933, p. 72).

De fato, ao observar o modelo escolar que as duas escolas seguiam, encontra-se semelhança nas suas formas de atuação, que parte desde a vida no campo, como princípio norteador das atividades pedagógicas. Na Escola Rural de Tigipió, o clube de atividades rurais tinha o mesmo objetivo do Círculo das Mães e do Clube Rural da Escola Regional de Merity.

Na direção da Escola Rural de Tigipió estava Maria do Carmo Ramos Pinto Ribeiro, professora que participou dos cursos para formar professores especialistas no ensino regional, promovidos pela Sociedade de Amigos de Alberto Torres. Segundo Maria do Carmo, a Escola Rural se tornou a principal instituição dentro de Fortaleza em que se abordava o trabalho no meio rural, completada por questões de higiene, civismo, cultura e a formação moral do indivíduo, sendo a higiene e a educação rural os principais pilares da instituição (RIBEIRO, 1941).

Na região do Ceará também foi encontrada mais uma evidência da influência do projeto da Regional de Merity, através da figura do professor Joaquim Moreira de Souza<sup>97</sup>, ou apenas Moreira de Souza, como era conhecido:

Da. Armanda

Cumprimente-a

Com muita satisfação, agradeço-lhe a remessa das fotografias, destinadas aos grupos escolares do Ceará, aos quais já foram enviadas.

No intuito de que se estabeleça franca e cordial relação entre os escolares cearenses e os da Escola de Meriti, estou a pedir, mui encarecidamente, empregue a Sra. os seus bons ofícios no sentido de que os alunos desse modelar estabelecimento enviem correspondência aos dos nossos grupos escolares da Capital.

Por mais esse obséquios, nós, os educadores desta terra, lhe seremos gratíssimos, e o Ceará lhe será ainda mais devedor.

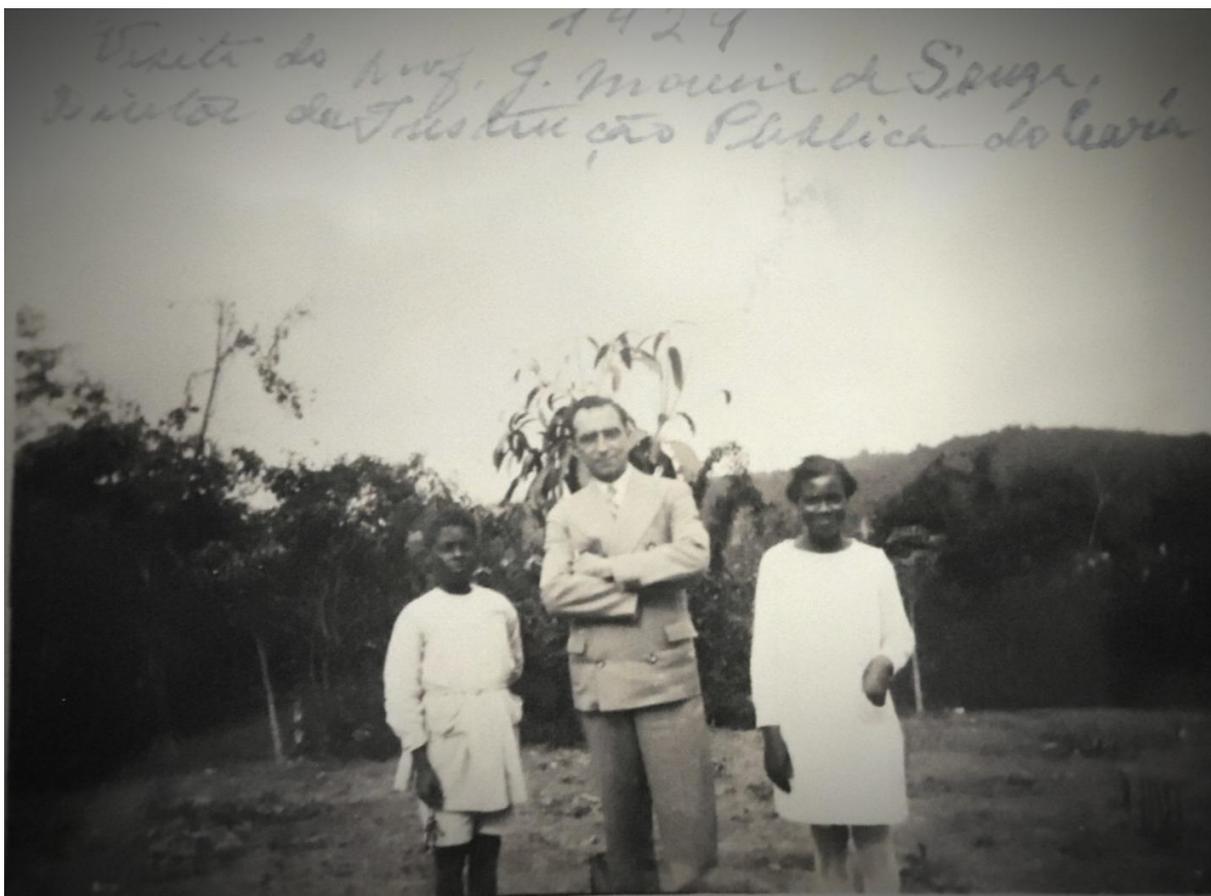
Com os protestos de alta consideração, apresento a Sra. e ao Edgard as minhas cordiais saudações (MOREIRA DE SOUSA, 1924, s.p.).

A troca de correspondência entre Moreira Sousa e Armanda, evidencia o desejo de relacionar as experiências educacionais um com o outro. Culminando na visita do educador à Regional de Merity no ano de 1924 para conhecer melhor o projeto.

---

<sup>97</sup> Cabe aqui uma observação enquanto a grafia do nome do professor. Nas cartas endereçadas ao professor, Armanda escrevia Moreira de Souza, com “z”, mas o nome correto era Moreira de Sousa, com “s”, igual às cartas que a mesma recebia do professor. Respeitarei a grafia conforme determinada situação.

**Figura 11 Visita do professor Moreira de Souza a Escola Proletária de Merity, em 1924**



Fonte: PROEDES

Essa troca de experiências foi fundamental para a educação no Ceará como nos apresenta Tavares (2014), experiência que influenciou no pensamento educacional da região:

Essa mistura de influências viria desde a reforma educacional proposta por Antonio Carneiro Leão, em 1927, até a gestão do modernista Annibal Bruno à frente da Diretoria Técnica de Educação, responsável pela criação da escola em questão no “governo revolucionário” de Carlos de Lima Cavalcanti, instalado em 1930 e interrompido depois da Intentona Comunista, em 1935 (TAVARES, 2014, p. 149).

Após 10 anos da visita do professor Moreira Sousa e a troca de várias correspondências<sup>98</sup>, pelo Decreto 1.218, de 10 de janeiro de 1934 foi criada a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN) na região rural de Ceará, quando Moreira de Sousa se tornou Diretor Geral de Ensino do Ceará (CASTELO, 1951).

Entre as semelhanças para o projeto da escola idealizada por Armanda Álvaro Alberto e a escola do professor Moreira Sousa, certamente é o Museu Pedagógico, que mostrava as

<sup>98</sup> Foram no total de 14 correspondências encontradas e utilizadas nessa pesquisa.

atividades realizadas na ENRJN, criação graças à leitura do Relatório Anual de 1923 da Escola Proletária de Merity<sup>99</sup>. Porém, segundo Sousa, ele conseguiu ir além do projeto no qual se inspirou, não pensando apenas na formação do estudante, mas na necessária formação do corpo docente, em um processo de preparação destes para a formação estudantil, formando pessoas para a vida rural, gerando riqueza para o Nordeste (SOUSA, 1934).

Ao analisar toda documentação, entre cartas, memorandos e citações nos relatórios anuais, a proposta que mais se assemelhou ao praticado na Escola Regional de Merity foi a desenvolvida por Moreira Sousa, não só pelo aspecto arquitetônico, com o Museu Escolar, mas pelo projeto educacional desenvolvido, remetendo ao Regionalismo como princípio ativo formador de alunos/as e professores/as.

---

<sup>99</sup> SOUSA, Joaquim Moreira de. [Carta] 9 de jul. 1934, Ceará [para] ALBERTO, Armanda, Rio de Janeiro. 2f. Informa sobre a criação da Escola Rural Normal no Ceará.

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Figura 12** Notícia sobre o encerramento do último ano letivo nos moldes originais da Regional de Merity.



Fonte: Jornal Diário de Notícias, 15 de dezembro de 1963.

O que de fato podemos aprender com a história pedagógica na Regional de Merity? A primeira é que jamais esteve no seu tempo. Enquanto se pensava em um modelo educacional para o país, se faz revelar no Manifesto de 1932, na Regional de Merity já se pensava em como garantir a permanência daquele aluno em período integral na escola, com saúde, alimentação, vestuário e diversas atividades, não ficando presa apenas ao conteúdo formal. Ser chamada de Mate com angu, mostra que a Regional de Merity era uma escola viva, como já anunciava Carlos Drummond de Andrade. Um projeto admirado pelos mais diversos segmentos da sociedade.

A figura de Armanda Álvaro Alberto nos mostra que a educação está para além da sala de aula, além das quatro paredes, está além da vida cotidiana das pessoas. Sua influencia foi determinante no sucesso e na duração ao longo dos anos de tudo que acontecia ali. Não teve medo de dialogar com Tenório Cavalcanti, nem da prisão de Getúlio Vargas que tentava lhe impor, pensando que calaria a voz da educadora, porém, essa situação foi capaz de gerar o maior testemunho de uma educadora, através de uma carta aos seus alunos, só pensava em saber como estava os seus “passarinhos”, forma carinhos que ela chamava os alunos,

inclusive, incentivando as eleições estudantis dentro da Escola, algo que não se via no meio político comandado pelo mesmo Vargas.

Dentro desta perspectiva, a rede de colaboradores foi fundamental para o sucesso da Regional de Merity. Dentro da pesquisa, descobriu-se a figura de Anísio Teixeira e Tenório Cavalcanti, figuras não encontradas em outras pesquisas sobre o tema, mas que tiveram papel significativo na história da Escola, cada um de uma forma peculiar.

Não se pode separar a pessoa Armanda da Escola Regional de Merity, da mesma forma que não se separa a escola do meio social onde ela estava inserida, a região de Iguassú, que logo se transformaria Duque de Caxias. A região de Merity foi o espaço social ideal para o projeto que estava se propondo, uma região que nasce rural, mas começa a ter demandas da urbanidade, uma região que não tinha conhecimento sobre a relação de saúde e higiene, mas que através da Escola, começou a ter.

Em minha análise, os relatórios anuais, distribuídos entre os mais diversos seguimentos, contribuíram significativamente para a manutenção da Escola e o elevado número de colaboradores. Com uma gama de informações, os relatórios serviram como fontes primárias, secundárias e até terciárias, dependendo da informação que se buscava, ratificada pelas inúmeras fotografias, comprovando as ações que se realizavam na Escola. Esse documento se mostrou o caminho onde Armanda dialogava com a sua rede de colaboradores, indicando as suas demandas, sucessos, fracassos e onde poderia melhorar ou aprimorar, determinando as suas ações de acordo com as suas necessidades.

Combinar diversas fontes foi fundamental na pesquisa, graças a esse método, foi possível desvendar a quantidade de alunos que passaram pela Escola ao longo dos anos. Com mais de 5.000 alunos passando em seu projeto regional, era necessário saber o impacto ou a influência em suas vidas. O escolanovismo, representado pelo regionalismo ali não era alienante, se apresenta elementos de busca pelo saber, pela mudança social, pelas causas populares, uma mudança que partiu do micro para o macro. A própria população do entorno da Escola mostra-se que não era passiva, que não aceitaria qualquer condição para a educação, fato que fez com que a Regional de Merity se molda aos anseios da região ao longo dos anos, como se é revelado nos relatórios anuais.

Revelou-se que os diversos concursos, ações como a oficina de artes manuais e o Círculo das Mães, tiveram papel, tanto na mudança social, quanto na transformação da mentalidade das pessoas. Aqui, a educação não foi horizontal, apenas proposta pela intelectualidade que dirigia a Escola. Momentos de tensões percorreram na convivência da população de Merity, desconfiada pelo projeto que se iniciava ali, mas que aos poucos,

compreendeu que o que se fazia eram em prol da população da região, como a professora visitadora, a farmácia escolar e as noções de higiene e saúde que eram empregados.

Armanda certamente merece um papel maior dentro do bojo da história educacional brasileira, mesmo com as recentes pesquisas sobre a sua vida e a sua obra dentro da educação, algumas lacunas ainda persistem em não serem preenchidas. Preliminarmente, dentro do campo pesquisado, ela se mostrou uma educadora que foi mais de ação do que da teorização, seu espaço de trabalho não possuía uma fórmula pronta, mas não tinha improvisação, apenas adaptação, isso que manteve todos os sonhos vivos, seus sonhos educacionais, mas isso não quer dizer que ela deixou de ser uma intelectual, ao contrário, sua prática nos apresenta toda uma teorização que condizia com o dia a dia escolar.

A história da escola onde toda essa transformação, baseada do Regionalismo como principio pedagógico, nos pilares de “Saúde”, “Alegria”, “Trabalho” e “Solidariedade”, também merece destaque na historiografia brasileira. Uma escola que nasce Proletária, transforma-se em Regional, mas que fica conhecida como “Mate com Angu”, marca da sua própria pedagogia, de que só se poderia ensinar a uma criança, quando ela estivesse alimentada e com saúde, também merece um estudo aprofundado, com o retorno ao regionalismo com aquelas características que eram da própria região, principal forma para a compreensão da realidade local, compreendendo que a educação não é neutra, nem o seu conjunto de ações.

Epistemologicamente, buscar o resultado do trabalho feito no chão da escola foi principio norteador da pesquisa. Entretanto, com o aprofundamento das múltiplas fontes pesquisadas, os relatórios anuais, as cartas e os memorandos encontrados, as revistas pedagógicas e principalmente as fotografias, o caminho que se seguiu foi mais para o resultado do que o caminho para se chegar. Na revisão bibliográfica, os trabalhos de José Damiro de Moraes, Ana Chrystina Venancio Mignot, Vilma Corrêa Amancio da Silva e a obra escrita por Armanda Álvaro Alberto sobre a escola já demonstrava claramente como se deu o processo escolar, porém as lacunas sobre o resultado desse trabalho ainda precisavam ser respondidas.

É imprescindível que se faça uma reflexão mais aprofundada a respeito de todo o processo pedagógico que a Escola conseguir exercer ao longo de quase 44 anos do seu molde original, além disso, uma busca refinada de todas as escolas que sofreram influência direta ou diretamente da experiência que estava sendo trabalhada naquele espaço. Um estudo mais detalhado e aprofundado sobre essa rede de iniciativas escolares pelo Brasil poderá trazer resultados significativos para a historiografia educacional brasileira, principalmente no campo

da História da Educação, traçando um rumo entre as instituições escolares e as práticas pedagógicas que por ventura aconteceram ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Martins Fontes, 2000.
- ACCÁCIO, Liéte Oliveira. **Os anos 1920 e os novos caminhos da educação**. Revista HISTEDBR Online, Campinas-SP, n. 19, p. 111-116, 2005.
- ALBERTO, Armanda Álvaro. **A escola regional de Meriti**. Rio de Janeiro: INEP-MEC, 1968.
- ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. **UMA CIDADE, MUITAS LETRAS E ALGUMAS MEMÓRIAS: A ESCRITA DA HISTÓRIA IGUAÇUANA ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 1970**. Periferia, v. 6, n. 1, p. 39-61.
- ALMEIDA, Talida de. Montessori: o tempo o faz cada vez mais atual. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 9-19, jan. 1984. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8857/8198>>. Acesso em: 27 jan. 2019.
- ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. **Olhares sobre uma cidade refletida: memória e representações de Santos Lemos sobre Duque de Caxias (1950-1980)**. Dissertação (mestrado em Letras e Ciências Humanas) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2012.
- ALVES, José Cláudio Souza. Baixada Fluminense: reconfiguração da violência e impactos sobre a educação. **Movimento-revista de educação**, n. 3, 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma Escola Viva. Publicado no jornal “Folha Carioca”, em 15 de janeiro de 1945.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas**. 6ª. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, v. 1.
- Andrade, M. C. de Caminhos e Descaminhos da Geografia. Campinas/São Paulo, Papirus, 1993, p. 48.
- ANDRADE, Nivea. OBSERVANDO OS PASSOS DE MICHEL DE CERTEAU, CAMINHANDO ENTRE ESCOLAS E MANIFESTAÇÕES SOCIAIS. In Ferrazo, C.E; Magalhaes, J. Diferentes Perspectivas de currículo. Petrópolis: Ed. DP et Alii, 2015.
- ANGELINI, Arrigo L. **Centenário do nascimento da Acadêmica Noemy da Silveira Rudolfer (08/08/1902 – 16/12/1980)**. Boletim Academia Paulista de Psicologia. Ano XXII, nº 4/02. Publicação trimestral. São Paulo, out/dez, 2002.
- ÁLVAREZ, Sonia. La (trans)formación del (los) feminismo(s) y la política de género en la democratización del Brasil. In: LEON, Magdalena (Org.). Mujeres y participación política. Avances y desafíos en América Latina. Bogotá: Tercer Mundo, 1994.
- ALVES, José Claudio Souza. **Dos Barões ao extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003, 197 p.

AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora Unb, 1996.

\_\_\_\_\_, Fernando. A Instrução Pública no Distrito Federal. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & C., 1927.

\_\_\_\_\_, Fernando. *Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1931.

\_\_\_\_\_, Fernando de et al. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 1932.

BARBOSA, Juliana Bertucci. Questões discursivas na construção de corpora para estudos diacrônicos: análise de cartas. **Letra Magna**, v. 12, p. 1-12, 2010.

BARCELLAR, Carlos. Fontes documentais-uso e mau uso dos arquivos. **PINSKY, CB Fontes históricas**. São Paulo: Cotexto, 2008.

BARRETO, Lima. **Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. Graphia, 1993.

BARROS, José D'Assunção. HISTÓRIA COMPARADA: ATUALIDADE E ORIGENS DE UM CAMPO DISCIPLINAR. **História Revista**, [S.l.], v. 12, n. 2, jan. 2009. ISSN 1984-4530. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/5472>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

\_\_\_\_\_, J. D'Assunção. O campo da história. Especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, Ney Alberto Gonçalves de. Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu. **Nova Iguaçu: Jornal de Hoje**, 1978.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A REVERSÃO DO HIATO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRANO SÉCULO XX. **Anais**, p. 1-24, 2016.

BENEVIDES, Maria Victoria. **A união democrática nacional. Os partidos políticos no Brasil**, v. 1, p. 90-108, 1981.

BEZERRA, Carlos Eduardo; DA SILVA, Telma Maciel. Jogo de cartas: a correspondência como fonte de pesquisas. **Patrimônio e Memória**, v. 5, n. 2, p. 133-158, 2007

BIRMAN, Joel. Arquivo e Mal de Arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-128, jun. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151724302008000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302008000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 dez. 2017.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso do imagem fotográfica na pesquisa antropológica, In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (org). **Desafios da Imagem**. Campinas: Papirus, 1998.

BOARINI, Maria Lucia. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. **Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: Eduem, p. 19-43, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL, Constituição de. Lei de 15 de outubro de 1827. **Lei do Ensino de Primeiras Letras**. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html)> Acesso em 18 dez. 2018.

BRASIL. Decreto nº 1.055, de 31 de dezembro de 1943. Eleva Duque de Caxias a Distrito e estabelece os seus limites.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 1.218, de 10 de janeiro de 1934. Cria a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte Brasília, RN, 10 jan. 1934.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 2.559, de 14 de março de 1931. Cria o Distrito de Merity e estabelece os seus limites. Niterói, RJ, 14 mar. 1931.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. **De Merity a Duque de Caxias: encontro com a história da cidade**. APPH-CLIO, 2010.

CALDART, R.S. Elementos para a construção do projeto político pedagógico da educação do campo. In: MOLINA, M. C. ; JESUS, S. M. S. A. de. (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. (Coleção Por Uma Educação do Campo). Brasília, DF. Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004. 129 p.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de et al. Cartas e escrita. 2000.

CAMBI, F. O século XX até os anos 50. “Escolas Novas” e ideologias da educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 509-593.

CAMPOS, Alexandra Resende. Família e Escola: um olhar histórico sobre as origens dessa relação no contexto educacional brasileiro. **Programa de Pós-Graduação em Educação. Campus do Gragoatá–São Domingos**, 2011. Disponível em [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%202/Alexandra\\_Campos.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%202/Alexandra_Campos.pdf). Acesso em 18 dez. 2018.

CANTALEJO, Manoel Henrique de Souza. **O Município de Duque de Caxias e a ditadura militar: 1964 -1985**. 2008, 183f, Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ PPGHIS/ Programa de pós-graduação em História Social, Niterói, 2008.

CARDOSO, Aliana; DA FAE, Acadêmica de Pedagogia; PIBIC-CNP, UFPel Bolsista. A fundação da Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação e a proposta de modernização do ensino na cidade de Pelotas. 2004

CARUSO, Andrea Soares. **Traço de união como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação (dissertação de mestrado), 2006.

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. **São Paulo: Companhia das Letras**, p. 160, 1987.

CARVALHO, Marta M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez; Ed. Da USF, 2001, p. 291-309.

CASTELO, Plácido Aderaldo. **O ensino rural no Ceará**. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1951.

CASTRO, Celso. **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de pesquisa**, n. 116, p. 143-176, 2002.

CASTRO, Ruy. Roquette-Pinto: o homem multidão. **A minha radio. Portugal:[sd]. Disponível em: [http://aminharadio.com.sapo.pt/brasil80\\_roquette.html](http://aminharadio.com.sapo.pt/brasil80_roquette.html). Acesso em, v. 15, 2013.**

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAVALIERE, Ana Maria. **Quantidade e racionalidade do tempo de escola: debates no Brasil e no mundo**. Revista Teias, v. 3, n. 6, p. 15, 2002.

\_\_\_\_\_, Ana Maria. **Entre o pioneirismo e o impasse: a reforma paulista de 1920**. Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, p. 27-44, 2003.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos Novos Tempos**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2010.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. ROCHA, H. H. P. A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925). **Educar em Revista**, [S.l.], v. 21, n. 26, p. p. 271-275, dez. 2005. ISSN 1984-0411. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/4744/3663>>. Acesso em: 08 out. 2017.

COELHO, Carlos MEIRELES; RODRIGUES, Abel Martins (2006). **Para uma análise da escola nova de Faria de Vasconcelos (1880-1939)**. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro da História da Educação, 17 a 20 de abril de 2006. Uberlândia: EDUFU, 4959-4970. 1 CD-ROM: il. ISBN 85-7078-117-2.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2005.

COSTA, Magda Suelu Pereira. Maria Montessori e seu método. **Linhas Críticas**, v. 7, n. 13, p. 305-320, 2001.

COSTA, Patrícia Coelho da. **Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COSTA, Pierre Alves. **Duque de Caxias de cidade dormitório em cidade do refino do petróleo, entre o início dos anos 1950 e o início dos anos 1970**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciência Humanas e Filosofia, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2009.

COSTA, Waldair José da. In jornal “Tópico”, Duque de Caxias, edição especial 25/8/1958.

CUNHA, L. A. A organização do campo educacional: as Conferências de Educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 3, n. .9, mai. 1981.

DA CUNHA, Marcus Vinicius. O “Manifesto dos Pioneiros” de 1932 e a cultura universitária brasileira: razão e paixões. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 2 [17], p. 123-140, 2008.

DA EDUCAÇÃO, O. MANIFESTO Dos Pioneiros. Nova (1932). **Revista HISTEDBR Online, Campinas, n. especial**, p. 188-204, 2006.

DA SILVA, Lucia Helena Pereira. FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA: UM CAPÍTULO DA HISTÓRIA DA OCUPAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE. **Revista Uniabeu**, v. 9, n. 21, p. 123-137, 2016.

DA SILVA, Vilma Corrêa Amancio. A MATE COM ANGU E SUAS ESTRATÉGIAS CONTRA A EVASÃO ESCOLAR (1921-1937): DUQUE DE CAXIAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 4, n. 6, p. 112-129, 2014.

DE CARVALHO, Marta Maria Chagas. A Reforma Sampaio Dória, política e pedagogia: problematizando uma tradição interpretativa. In: MIGUEL, Maria Elizabeth; VIDAL, Diana; ARAUJO, José (Orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946)**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2011. (Coleção memória da educação). p. 5-30.

DE CASTRO GOMES, Ângela Maria. Política: história, ciência, cultura etc. **Revista Estudos Históricos**, v. 9, n. 17, p. 59-84, 1996.

\_\_\_\_\_, Marta Maria Chagas. Notas para reavaliação do movimento educacional brasileiro (1920-1930). **Cadernos de Pesquisa**, n. 66, p. 4-12, 2013.

DE CASTRO LOPES, Sonia. Imagens de um lugar de memória da Educação Nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, 2008.

DECCA, Edgar de. O silêncio dos vencidos. **São Paulo: Brasiliense**, v. 25, 1981.

DEGENNE, Alain; FORSÉ, Michel. Les réseaux sociaux. 2004.

DEMARTINI, Z. RESGATANDO IMAGENS, COLOCANDO NOVAS DÚVIDAS: REFLEXÕES SOBRE O USO DE FOTOS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Cadernos CERU**, v. 8, p. 9-28, 1 jan. 1997

DE MORAES, José Damiro et al. TRAJETÓRIAS DAS SIGNATÁRIAS DO MANIFESTO DOS PIONEIROS: VISÕES DO ESCOLANOVISMO NOS ANOS 1930. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe\\_2008/pdf/974.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/974.pdf)-. Acesso em 24/10/2018.

DE SANT'ANA, Gomes; SILVA JUNIOR, Nelson; MONTEIRO GARCIA, Renata. Moncorvo Filho e algumas histórias do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 613-632 2010.

DE SOUZA, Claudio Araujo et al. O lugar de Tenório Cavalcanti na política do Rio de Janeiro: uma análise sobre o ano de 1954. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 1, p. 256-274, 2011.

DE SOUZA, Rodrigo Augusto; MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico. **Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro**. Revista HISTEDBR On-Line, v. 9, n. 35, p. 160-172, 2009.

DEWEY, J. Democracia e Educação: Introdução à Filosofia da Educação. 3ª. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_, J. **Liberalismo, Liberdade e Cultura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

\_\_\_\_\_, John. **Democracia e educação**. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979a.

\_\_\_\_\_, John. **Experiência e educação**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979b.

\_\_\_\_\_, John. **Experiência e natureza**. (Col. Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DIÁRIO DA NOITE, Jornal. Ed. 03968, 1943. Disponível in <[http://memoria.bn.br/DocReader/221961\\_02/20595](http://memoria.bn.br/DocReader/221961_02/20595)>. Acesso em: 08 agost. 2018.

DIAS, Amália; BEZERRA, Nielson. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA BAIXADA FLUMINENSE: REDES EDUCATIVAS E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 4, n. 6, p. 1-5, 2014.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. Editora Contexto, 2007.

DÓRIA, Antônio de Sampaio. Contra o analfabetismo. In: ANUÁRIO do ensino do Estado de São Paulo. São Paulo: Diretoria da Instrução Pública, 1918. p. 58-81.

\_\_\_\_\_, Antônio de Sampaio. **O que o cidadão deve saber: (manual de instrução cívica)**. Olegário Ribeiro, 1919.

\_\_\_\_\_. **Recenseamento escolar** (relatório). São Paulo: Weizflog Irmãos, 1920.

EGLER, Claudio Antônio Gonçalves. Reflexões sobre espaço e periodização: origem da indústria no Rio de Janeiro. 1979. Dissertação de Mestrado. Coordenação dos Programas de Pós - graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979. 178 p.

EL HAMMOUTI, N. Diários etnográficos profanos na formação e pesquisa educacional. **Revista europea di etnografia dell'educazione**, v. 1, n. 2, p. 9-20, 2002.

FADEL, Simone. **Meio ambiente, Saneamento e Engenharia no período do Império à Primeira República: Fábio Hostílio de Moraes Rego e a Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense (1910-1916)**. Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo (USP), 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 139-159, 2004.

FAVORETO, A. **Uma análise histórica da concepção de progresso no projeto educacional de Anísio Teixeira**. Maringá, 1998. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá – UEL.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. Editora Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Elenice Silva. A memória como objeto de análise e como fonte de pesquisa em História da Educação: uma abordagem epistemológica. **Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH**, América do Norte, 2015.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo**. Lisboa: Ed. Presença, 1973.

\_\_\_\_\_, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. Lisboa Editorial Estampa Ltda. 1975.

\_\_\_\_\_, Célestin. **O método natural II: a aprendizagem do desenho**. Lisboa: Estampa, 1977.

\_\_\_\_\_, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo (SP): M. Fontes, 1985.

\_\_\_\_\_, Célestin. BATISTA, J. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, A. Os Arquivos Escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, n. 2, p. 145-159, 12 dez. 2011.

GADOTTI, Moacir. "Pressupostos do projeto pedagógico". In: MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília, 1994.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/ MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GILIOLI, R. S. P. Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto. 2008. 409p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Jayci de Mattos Madeira. **IBGE: um retrato histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Documentação e Biblioteca, 1995.

GUIMARÃES, Manoel Salgado **Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1: 5-27, 1988.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 25, n. 2, aug. 1996. ISSN 1518-8353. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/659>>. Acesso em: 18 dec. 2017.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2012.

KIRSCHNER, T. A reflexão conceitual na prática historiográfica. Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília, v. 15, n. 1/2, p. 49-61, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/5752/4759>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Atica, 1989.

KOURY, Mauro Guilherme. Fotografia: realidade ou ilusão. Revista Política & Trabalho, João Pessoa, 1998.

LABARTHE, Ilka. **O tapete mágico da Tia Lúcia**. 3ª.edição. Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, 1937.

LAMEGO, Alberto. R. O homem e a Guanabara. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

LE COADIC, Yves-François. 2004. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 15 – 34.

LEMME, Paschoal. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 86, n. 212, 2007.

LEMOS, Renato. **Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais**. Bom Texto, 2004.

LEON, Magdalena. Movimiento social de mujeres y paradojas de América Latina. In: LEON, Magdalena (Org.). *Mujeres y participación política. Avances y desafíos en América Latina*. Bogotá: Tercer Mundo, 1994.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. "O que você precisa saber sobre História da Educação". : Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

LOPES, Luciano. Pestalozzi e a educação contemporânea. **Rio de Janeiro: Associação Fluminense de Educação**, 1981.

LODOLINI, Elio. *Archivistica: principi e problemi*. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Discursos Fotográficos**, v. 4, n. 4, p. 35-58, 2008.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação nacional de material escolar, 1978.

LUSTOSA, José. **Cidade de Duque de Caxias: desenvolvimento histórico do município: dados gerais**. Serviço Gráfico, IBGE, 1958.

MAIO, M. C. **Raça, doença e saúde pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX**. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Org.). *Raça como questão: história, ciência e identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 51-83

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MANIFESTO, DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. A reconstrução educacional no Brasil. **Ao Povo e ao Governo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MARANDINO, Martha, **Transposição ou recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências**. Revista Brasileira de Educação, 2004. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27502608>> ISSN 1413-2478

MARCILIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARQUES, A dos S. Baixada Fluminense: da conceituação as problemáticas sociais contemporâneas In: Revista Pilares da História. Duque de Caxias: CMDC/AAIH, vol. 4, N. 6, 2006.

MARQUES, J. FERREIRA (2000). Faria de Vasconcelos: Obras Completas II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MARTINEZ DE SCHUELER, Alessandra Frota; BANDEIRA DE MELLO MAGALDI, Ana Maria. **Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa**. Tempo, v. 13, n. 26, 2009.

MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues. Bibliotecas Públicas e escolares nos discursos de Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto: acervos e práticas de leituras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 19, p. 227-241, dez. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2282/1499>>. Acesso em: 04 out. 2018.

MASSOLO, Alejandra. Em direção às bases: descentralização e município. **Espaço & Debates**, v. 8, n. 24, 1988.

MATHIESON, Louisa Campbell. **O militante e o pedagogo Antônio de Sampaio Doria: a formação do cidadão republicano**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo

MATTA, Roberto da.(1980), **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro, Zahar

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação 1**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001. (Cecília Meireles obra em prosa).

\_\_\_\_\_. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MELO Walter. Nise da Silveira. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

MICELI, Sergio. Intelectuais e a classe dirigente do Brasil (1920-1945). In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 235-237.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de Memória, bastidores de histórias: O legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

\_\_\_\_\_, Ana Chrystina Venâncio. Decifrando o Recado do Nome: uma Escola em Busca de sua Identidade Pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 619-638, set./dez. 1993.

\_\_\_\_\_, A. C.; CUNHA, M. T. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 40-61, 15 abr. 2006.

MONTESSORI, Maria. **Antropología Pedagógica**. Barcelona, Casa Editorial Araluce, 1934.

\_\_\_\_\_, Maria. **A descoberta da criança**. Lisboa: Internacional Portugália Editora, 1948.

\_\_\_\_\_, Maria. **Em família**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1951.

\_\_\_\_\_, Maria. **Fèdagogia científica** Trad. A.A. Brunetti. São Paulo, Flamboyant, 1965a.

\_\_\_\_\_, Maria. **Ideas generales sobre mi método**. 3. ed. Buenos Aires: Losada, 1965b.

\_\_\_\_\_, Maria. **Para educar o potencial humano**. Papirus Editora, 2004.

MORAES, J. Noemy Rudolfer e a organização da escola e do mundo do trabalho nos anos 1920 e 1930. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 2, p. 485-497, 1 jun. 2012.

MOREIRA, Sonia Virgínia. A porção carioca do rádio brasileiro. **Revista USP**, n. 56, p. 42-47, 2002.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, p. 108.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. **Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910**. FAPERJ, 2008.

\_\_\_\_\_, Álvaro Pereira. **Trajetórias de duas famílias negras no pós-abolição. (Nova Iguaçu, século XX)**. UFSC, 2013. p. 1-18.

NASCIMENTO, Evando Batista. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 E O MODERNISMO BRASILEIRO: ATUALIZAÇÃO CULTURAL E “PRIMITIVISMO” ARTÍSTICO. **Gragoatá**, [S.l.], v. 20, n. 39, dez. 2015. ISSN 23584114. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/509>>. Acesso em: 04 out. 2018.

NEVES, Luiz. [Carta] 07 de set. 1939, São Paulo [para] ALBERTO, Armanda, Rio de Janeiro. 3f. Solicita informação sobre o modelo de ensino da Escola Regional de Meriti.

NICHOLLS, William H. A fronteira agrícola na história recente do Brasil: o Estado do Paraná, 1920-65. **Revista Brasileira de Economia**, v. 24, n. 4, p. 33-63, 1970.

NICOLAU, Jairo. **Sistemas Eleitorais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

NOFUENTES, Vanessa Carvalho. Estratégias para a formação da pátria: as Ligas como lugar de mobilização social durante a Primeira República. **Cadernos de História**, p. 55-67, 2009.

\_\_\_\_\_, Vanessa. **Um desafio do tamanho da nação: a campanha da Liga Brasileira contra o Analfabetismo (1915-1922)**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. V. 10, 1993.

NORONHA, Rudolf. **Emancipação municipal: implicações espaciais da Divisão Político-Administrativa do território Fluminense**. 1997. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

NÓVOA, António. Para uma análise das instituições escolares. **As organizações escolares em análise**, v. 3, p. 13-43, 1999.

OLIVEIRA, L.M.T; CAMPOS, M.L. A PEDAGOGIA DA ALTERNANCIA E ORGANICIDADE CURRICULAR DIANTE DS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. In: OTRANTO, CR; FAZOLO, E; GOUVÊA, F (Org.). **Muito além do jardim: educação e formação nos mundos rurais**. Seropédica, RJ: EDUR, 2012. 149 p.

OTLET, Paul. Documentos e documentação. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>>. Acesso em: 12 agosto de 2018.

PALMA FILHO, J. C. Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação – 3. ed. São Paulo: PROGRAD/ UNESP/ Santa Clara Editora. 2005, p. 49-60

PAGNI, Pedro Angelo. Do Manifesto de 1932 à Construção de Um Saber Pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 30: as incertezas do regime. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22. 2003, João Pessoa. Anais. João Pessoa: Associação Nacional de História - ANPUH-Brasil, 2003. p. 1-7.

\_\_\_\_\_, Dulce Chaves. A Aliança Nacional Libertadora e a Revolta Comunista de 1935. 2004.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas a la dicotomia publico/privado. In: CASTELLES, Carme (Org.). Perspectivas feministas en teoria política. Barcelona: Paidós, 1996.

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1-2, p. 107-121, 1992.

PAULINO, M. A. S. (1999) A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. Serviço social em revista, v. 1, n.1, 135 - 148. Londrina.

PEIXOTO, Amaral; CAMARGO, Aspásia. **Artes da política: diálogo com Amaral Peixoto**. Nova Fronteira, 1986.

PEIXOTO, M. G. **A condição política na pós-modernidade: a questão da democracia**. São Paulo: EDUC, 1998.

PENNA, Belisário. Solução de um problema vital. In: ÁLVARO ALBERTO, Armanda. *A Escola Regional de Merity: documentário (1921-1964)*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1968, p. 67-75.

\_\_\_\_\_, Belisário. Higiene e Educação Popular. In: ÁLVARO ALBERTO, Armanda. *A Escola Regional de Merity: documentário (1921-1964)*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1968, p. 77-81.

\_\_\_\_\_, Belisário. Plano de Educação de Hygiene na Escola e no Lar. *Revista Popular de Medicina e Educação Sanitária*. Ano II, número 2, julho de 1928.

\_\_\_\_\_, B. **Saneamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ribeiro dos Santos, 1923.

PEREIRA, Waldik. **Cana, Café e Laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas: SEEC, 1977.

PERLMAN, Janice. **O Mito da Marginalidade: Favelas e Política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. Rádios Livres e Comunitárias, Legislação e Educomunicação. **Revista Eptic**, v. 11, n. 3, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PRADO, Adonia Antunes. Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quatro/adonia4.htm> Acesso em 13 novembro de 2018.

PRADO, Eliane Mimesse. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação- UFMS**, v. 16, n. 31, 2016.

PRADO, Walter. História social da baixada Fluminense: das sesmarias a foros de cidade. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 260 p., 2000.

PRESTES, Anita Leocadia. 70 anos da aliança nacional libertadora (ANL). Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, p. v. 31, n. 1, p. 101-120, jun. 2005.

\_\_\_\_\_, Anita L. Os militares e a reação republicana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

QUADROS, Eduardo. A Letra e a Linha: a cartografia como fonte histórica. **Mosaico**, v. 1, n. 1, p. 27-40, 2008.

RAFANTE, H.; LOPES, R. Helena Antipoff e a Fazenda do Rosário: a educação pelo trabalho de meninos "excepcionais" na década de 1940. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 19, n. 3, p. 144-152, 1 dez. 2008.

RAPOPORT, Andrea; SILVA, João Alberto da. A utilização de referenciais teóricos na prática docente. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 5, fev. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2006000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 fev. 2019.

RATACHESKI, Alir. **Cem anos de ensino no Estado do Paraná. 1º Centenário da Emancipação Política do Paraná, 1853-1953**. Edição do Governo do Estado. Livraria Globo, Porto Alegre, RGS. 1985.

REILY, Duncan A. Os metodistas no Brasil (1889-1930). **Estudos Teológicos**, v. 20, n. 2, p. 100-122, 1980.

REIS, Maria Cândida D. **Tessitura de destinos: mulher e educação**. São Paulo 1910/20/30. São Paulo: EDUC, 1993.

RIBEIRO, Adalberto Mário. **Instituto Nacional de Cinema Educativo**. Revista do Serviço Público. Ano VII, vol. 1, n.3, 1944.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Bloch Editores, 1986.

RIBEIRO, Luciano Roberto Melo. **200 anos de justiça militar no Brasil: 1808-2008**. Action, 2008.

RIBEIRO, M. C. R. P. **O movimento ruralista em Pernambuco**. Revista de Educação, Recife, v. V, p. 49-58, 2.º sem. 1941.

RIBEIRO, M. V. T. Os arquivos das escolas. In: NUNES, C. (Coord.). **Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira**. Brasília: INEP, 1992.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, p. 15-30, 1993.

ROCHA, A. S. “Nós não temos nada a ver com a Baixada”- problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. In: Recôncavo: revista de História da UNIABEU, vol3. N 4, 2013.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918- 1925)**. São Paulo: Fapesp, 2003.

RODRIGUES, Adrianno. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

RODRIGUES, André. HOMICÍDIOS NA BAIXADA FLUMINENSE: ESTADO, MERCADO, CRIMINALIDADE E PODER. **Geo UERJ**, n. 31, p. 104-127, 2017.

ROLLEMBERG, Denise; MARTINS FILHO, João Roberto. Esquecimento das memórias. **O golpe de 1964 e o regime militar**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2006, p. 81-91, 1964.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil. **Petrópolis: vozes**, 40 ed., 2014.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos & Abusos da História Oral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. p. 93 – 101.

SANTOS, Franklin Santana; INCONTRI, Dora. A arte de cuidar: saúde, espiritualidade e educação. **O Mundo da Saúde, São Paulo**, v. 34, n. 4, p. 488-97, 2010.

SANTOS, Maria Nely. Professora Thétis: uma vida. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SASSO DE LIMA, Telma Cristiane; TAMASO MIOTO, Regina Célia. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Fontes, história e historiografia da educação. Campinas, SP: Autores Associados**, p. 3-12, 2004.

\_\_\_\_\_, Dermeval. Escola e Democracia. São Paulo, Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_, Dermeval. Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas. **Cadernos de História da Educação**, v. 4, 2005.

SCHAFFRATH, M. A ESCOLA NORMAL NO PARANÁ NA REFORMA DE PRIETO MARTINEZ (1920): A BASE SÓLIDA DA REFORMA RACIONAL DO ENSINO. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/conteudo/file/1188.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/1188.pdf) Acesso em: 04 out. 2018.

SCHVARZMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2004

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. Tempos de capanema. 1984.

SEABRA, José Augusto. Descoberta do outro na carta de Pêro Vaz de Caminha. **Camões: revista de letras e culturas lusófonas**, n. ° 8, Janeiro-Março 2000, p. 63-71, 2000.

SEARBY, Peter. The New School and the New Life: Cecil Reddie (1858-1932) and the early years of Abbotsholmc School. **History of Education**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1989.

SENA MARTINS, Paulo; REZENDE PINTO, José Marcelino. **Como seria o financiamento de um Sistema Nacional de Educação na perspectiva do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. *Jornal de Políticas Educacionais*, [S.I.], v. 7, n. 14, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/38221>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SETTON, M.G. J., (2002). **Família escola e mídia: um campo com novas configurações. Educação e Pesquisa**. *Revista da Faculdade de Educação da USP*, v. 28, no 1, jan.-jun. 2002, p. 107-116.

SILVA, José Cláudio Sooma. *A reforma Fernando de Azevedo: tempos escolares e sociais (Rio de Janeiro, 1927-1930)*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.

SILVA, Lúcia. Baixada Fluminense como vazio demográfico? População e território no antigo município de Iguaçu (1890/1910). **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 415 – 425, 2017. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010230982017000200415&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010230982017000200415&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Dez. 2018.

\_\_\_\_\_, Lúcia. **De Grande Iguaçu à Baixada Fluminense: Formação econômica e urbana de uma região**, in: XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2017.

\_\_\_\_\_, Lúcia DE RECÔNCAVO DA GUANABARA À BAIXADA FLUMINENSE: LEITURA DE UM TERRITÓRIO PELA HISTÓRIA. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU* Volume 3 Número 5 Julho - dezembro de 2013.

SILVA, Odemir Capistrano. **AQUELES ANOS VERDES DA NOSSA HISTÓRIA**. Revista Pilares da História. **Textos sobre a História de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense**, CMDC, 2003.

SILVA, Vilma Correa Amancio da. **Um caminho inovador: o projeto educacional da Escola Regional de Merity (1921-1937)**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SILVA FILHO, José Tavares da. **Da evolução da escrita ao livro**. Disponível em: <<http://www.forum.ufrj.br/biblioteca/escrita.html>>. Acesso em: 17 out. 2018.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Cidade estilhada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense**. Mesquita: ed. Entorno, 2007.

\_\_\_\_\_, Manoel R. Da Grande Iguaçu a Baixada Fluminense: emancipação política e reestruturação espacial. **OLIVEIRA, Rafael da Silva. Baixada Fluminense: novos estudos e desafios**. Rio de Janeiro: Editora Paradigma, p. 48-61, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck; ALMEIDA, Beatriz Mendes. **Formação histórica do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

SOUZA, Adriana Barreto de Souza. **Duque de Caxias: o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. **Afro-Ásia**, n. 31, 2017.

SOUSA, Joaquim Moreira de. Por uma escola melhor: relatório. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 1934.

\_\_\_\_\_, Joaquim Moreira de. [Carta] 9 de jul. 1934, Ceará [para] ALBERTO, Armanda, Rio de Janeiro. 2f. Informa sobre a criação da Escola Rural Normal no Ceará.

SOUZA, Marcelo Jose Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 353, p. 77-116, 1995.

SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o Passado da Cidade – A Construção do Poder Político Local em Duque de Caxias (1900-1964)**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2002.

SOUZA, R. F. de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Edunesp, 1998.

SOUZA, Rodrigo Augusto de; MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 160-172, out. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639620>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SOUZA, Rosa Fátima de. **O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_, Rosa Fatima de. Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate. **Linhas**, p. 199-221, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125216>>.

STANCIK, Marco Antonio. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 13, n. 1, 2009.

TAVARES, Mauricio Antunes. Para livrar o campo do amarelão, da maleita, do alcoolismo e do ofidismo. A educação rural em Pernambuco nos anos 1930 a 1950. **Educar em Revista**, v. 30, n. 54, p. 141-157, 2014. Disponível in <http://www.scielo.br/pdf/er/n54/a09n54.pdf> Acesso em 13 de outubro de 2018.

TEITELBAUM, Kenneth; APPLE, Michael. John Dewey. **Currículo sem fronteiras**, v. 1, n. 2, p. 194-201, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. A reconstrução do programa escolar. **Escola Nova**, v. 1, n. 2-3, p. 86-95, 1930.

TORRES, A. A organização nacional Brasília, DF: EdUnB, 1982a.

\_\_\_\_\_, Alberto. (1978b). **O Problema Nacional Brasileiro**. São Paulo: Cia. Editora Nacional. (1ª edição: 1914).

TORRES, Gênesis Pereira. Organizador (Vários autores). **Baixada Fluminense – A construção de uma história. Economia, Sociedade e Política**. São João de Meriti. Editora IPAHB. 2004.

VALLE, Ione Ribeiro; RUSCHEL, Elizete. Política educacional brasileira e catarinense (1934-1996): Uma inspiração meritocrática. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, n. 3, 2010.

VELHO, Laís Costa. Caxias, **Ponto a Ponto (1953-1957)**. Duque de Caxias: Agora, 1965.

VIDAL, D. G. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005.

\_\_\_\_\_, Diana Gonçalves. Hist. educ. anu, Ciudad autonoma de Buenos Aires. , v. 7, p. 70-90, dic. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S231392772006000100005&lng=es&nrm=ISO](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S231392772006000100005&lng=es&nrm=ISO)>. Acesso dia 01 dez. 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **O discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba – 1927)**. In: Congresso Brasileiro de História Da Educação, 3., 2004, Curitiba: PUC, 2004.

VILLASANTE, Tomás R. **Redes e alternativas: estratégias e estilos criativos na complexidade social**. Vozes, 2002.

WARDE, M. J. **Liberalismo e Educação**. São Paulo: PUC, 1984. Tese (Doutorado).

WARDE, Mirian. **Noemy da Silveira Rudolfer. Verbete**. Dicionário de Educadores no Brasil - da colônia aos nossos dias. 2ª. ed. Aum. Rio de Janeiro: Editora da UERJ/MEC-InepComped, 2002.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; DE SÁ BRITTO, Lenir Marina Trindade; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Revista Diálogo Educacional**, v. 7, n. 22, p. 147-163, 2007.

WERNER, Ruth. **Olga Benário: a história de uma mulher corajosa**. Alfa-Omega, 2004.

WILLEMANN, Estela Martini. **Violência, clientelismo e mandonismo de longa duração: traços da formação sócio-histórica e geopolítica da Baixada Fluminense como território periférico**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Ano 3, Número 4, Janeiro - Julho de 2013.

XAVIER, Maria do Carmo et al. (Org.). **Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de Aula: Um instrumento**. Artmed Editora, 2009.

ZANLORENSE, Maria Joselia; SANTOS, Almir Paulo dos. O IDEÁRIO LIBERAL NAS REFORMAS EDUCACIONAIS BRASILEIRA ENTRE 1920 E 1940. **Revista Labor**, [S.l.], v. 1, n. 11, p. 1-19, mar. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6619/4843>>. Acesso em: 24 de outubro de 2018.

ZAPONNE, Mirian Hisae Yaegashi; BELINATO, Wagner Vonder. A INFÂMIA D'AQUELES DOIS: MÍMESE CINEMATOGRAFICA NA NARRATIVA DE CAIO FERNANDO ABREU. **Revista Educação e Linguagens**, v. 4, n. 7, 2015.

## FONTES PRIMÁRIAS

ARQUIVO DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI – PROGRAMA DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (PROEDES)

RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Proletária de Merity no ano de 1921.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Proletária de Merity no ano de 1922.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Proletária de Merity no ano de 1923.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Proletária de Merity no ano de 1924.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Proletária de Merity no ano de 1925.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1926.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1928.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1930.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1931.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1937.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1938.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1939.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1940.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1941.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1942.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1943.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1944.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1945.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1949.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1950.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1951.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1952.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1953.

ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1954.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1955.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1956.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1957.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1958.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1959.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1960.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1961.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1962.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1963.  
ALBERTO, Armanda Álvaro. A Escola Regional de Merity no ano de 1964.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ)

### **MAPAS DE FREQUÊNCIA**

APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1927.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1929.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1932.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1933.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1934.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1946.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1947.  
APERJ. Mapa de frequência escolar no ano de 1948.

### **BIBLIOTECA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Decreto-Lei Federal, nº 311, de 02/03/38.  
Decreto-Lei Federal, nº 846, de 09/11/38.  
Decreto-Lei Federal, nº 1202, de 08/04/39.  
Decreto-Lei Federal, nº 3599, de 06/09/41.

Decreto-Lei Federal, nº 1056, de 31/12/43.

## **LISTA DE JORNAIS**

CORREIO BRAZILIENSE

[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/13432](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13432)

DIÁRIO CARIOCA

[http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_05/13189](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_05/13189)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/16953](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/16953)

[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/35142](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/35142)

JORNAL DO COMMERCIO

[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_18/75320](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_18/75320)

[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_10/33815](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_10/33815)

[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_10/33834](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_10/33834)

[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_10/33854](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_10/33854)

O JORNAL

[http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_06/41949](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/41949)

## APÊNDICE

### Apêndice A: Aspectos específicos dos Relatórios Anuais

ANO	PAGINAÇÃO	ESTRUTURA-TÓPICOS
1921	15	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os que nos ajudaram</li> <li>- Agradecimento especial</li> <li>- O comitê de auxílio e as professoras</li> <li>- Dificuldades</li> <li>- Frequência</li> <li>- Motivos que determinam a retirada dos alunos</li> <li>- Visitas e aulas modelo</li> <li>- Provas</li> <li>- Merecimento</li> <li>- Curso noturno</li> <li>- Daqui por diante</li> </ul>
1922	13	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O maior acontecimento no ano</li> <li>- Daqui por diante</li> <li>- Os benfeitores</li> <li>- Antecipação</li> <li>- O que conseguimos em 1922</li> <li>- O que não pode ser</li> <li>- Visitas e aulas- modelo</li> <li>- Mudança de professoras</li> <li>- Frequência</li> <li>- Aproveitamento</li> <li>- As provas ou exames</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Planos para 1923</li> </ul>

1923	14	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa que se executa</li> <li>- O que cabe a 1923</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Caixa Escolar Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Sócios benfeitores</li> <li>- Serviços de saúde</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Concurso de utilidades</li> <li>- Ainda festas</li> <li>- Visitas e aulas modelo</li> <li>- As professoras</li> <li>- Frequência</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Aproveitamento</li> <li>- Plano para 1924</li> </ul>
1924	11	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1924</li> <li>- Fora do programa</li> <li>- Sócios beneméritos e benfeitores</li> <li>- 2º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Execução dos programas</li> <li>- Visitas domiciliares</li> <li>- Nossos colaboradores</li> <li>- Visitas da diretora</li> <li>- Saúde</li> <li>- Frequência</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Merity</li> <li>- Planos para 1925</li> </ul>
1925	13	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1925</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- Fora do programa de 1925</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Secção de trabalhos manuais</li> <li>- 2º Exposição de trabalhos manuais</li> <li>- 3º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Planos para 1926</li> </ul>

1926	13	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1926</li> <li>- Fora do programa de 1926</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- 4º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Execução dos programas</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Frequência</li> <li>- Saúde</li> <li>- Visitas domiciliares</li> <li>- Secção de trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Merity</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visita da diretora</li> <li>- Uma grande perda</li> <li>- Planos para 1927</li> </ul>
1928	09	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1928</li> <li>- Inauguração de Nossa Casa</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- Outro acontecimento de significação</li> <li>- 6º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Fazendo viver a escola</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Frequência</li> <li>- Saúde</li> <li>- Visitas domiciliares</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Merity</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visitas da diretora</li> <li>- Uma grande perda</li> <li>- Planos para 1929</li> </ul>

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1930 | 09 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1930</li> <li>- O que foi e o que não foi conseguido</li> <li>- Fora do programa</li> <li>- 8º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Fazendo viver a escola</li> <li>- Honrosa referencia</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Merity</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Frequência</li> <li>- Saúde</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visitas da diretora</li> <li>- Uma grande perda</li> <li>- Planos para 1931</li> </ul>                              |
| 1931 | 07 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O programa de 1930</li> <li>- Fora do programa</li> <li>- 9º Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- A melhor das propagandas</li> <li>- Honrosa referencia</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visitas</li> <li>- Fazendo viver a escola</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Merity</li> <li>- Vida doméstica</li> <li>- Frequência</li> <li>- Visitas da diretora</li> <li>- Saúde</li> <li>- Círculo de mães e visitas domiciliares</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Planos para 1932</li> </ul> |

1937	08	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alunos que prestam exame final</li> <li>- Matrícula, frequência e promoções</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Ausência da diretora</li> <li>- O cinema e o rádio</li> <li>- Os trabalhos manuais</li> <li>- Uma visita de bom augúrio</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Agradecimento especial</li> <li>- Círculo de mães e visitas domiciliares</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Concurso das Janelas Floridas</li> <li>- Planos para 1938</li> </ul>
1938	11	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matrícula, frequência e promoções</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Premio Ana Maria</li> <li>- Encaminhando os alunos</li> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- O que pode<sup>100</sup> e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1938</li> <li>- Obras de reparo</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Festival</li> <li>- 15º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Nossa presença</li> <li>- Planos para 1939</li> </ul>

---

<sup>100</sup> Grafia original.

1939	08	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- O que pode e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1939</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Festival</li> <li>- 16º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Nossa presença</li> <li>- Planos para 1940</li> </ul>
1940	13	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- 17º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Nossa presença</li> <li>- Planos para 1941</li> </ul>

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1941 | 11 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- A festa anual oferecida aos sócios</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- O que pode e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1941</li> <li>- Criação de abelhas e do bicho de seda</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- 18º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visitas</li> <li>- Presença da diretoria</li> <li>- Dois fatos a registrar</li> <li>- Perda de um benfeitor</li> <li>- Planos para 1942</li> </ul> |
| 1942 | 13 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Premio Almirante Moraes Rego</li> <li>- Festival em benefício a Escola</li> <li>- O que pode e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1942</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- 19º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Criação de abelhas e do bicho de seda</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Visitas</li> <li>- Presença da diretoria</li> <li>- Planos para 1943</li> </ul>                                |

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1943 | 11 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Os acontecimentos significativos no ano</li> <li>- Premio Viúva Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Prêmios Almirante Moraes Rego e Dr. Ernesto de Otero</li> <li>- A festa desse ano</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- O que pode e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1943</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- 20º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Criação de abelhas e do bicho de seda</li> <li>- Círculo de mães e Cooperação da família</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Eleição do conselho administrativo</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Presença da diretoria</li> <li>- Planos para 1944</li> </ul> |
| 1944 | 15 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Os acontecimentos significativos no ano</li> <li>- Prêmios Viúva Dr. Álvaro Alberto, Almirante Moraes Rego, Dr. Ernesto de Otero e Heytor Lyra da Silva</li> <li>- Encaminhando os alunos e ex-alunos</li> <li>- O que pode e o que não pode ser realizado nos nossos planos para 1944</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> <li>- 21º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Criação de abelhas e do bicho de seda</li> <li>- Círculo de mães e Cooperação da família</li> <li>- Comissões de trabalho na escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Conselho administrativo e diretoria</li> <li>- Agradecimentos especiais</li> <li>- Presença da diretoria</li> <li>- Planos para 1945</li> </ul>                        |

		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- III Congresso infanto – juvenil de escritores</li> <li>- Excursões</li> <li>- Círculo de mães</li> </ul>
1949	06	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 26º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Dois melhoramentos importantes</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Trabalhos manuais femininos</li> <li>- Auxílio</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> <li>- Excursões</li> <li>- Assistência médica</li> </ul>
1950	06	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 27º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Trabalhos manuais femininos</li> <li>- Auxílio</li> <li>- Dois vereadores visitam a Escola</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1951</li> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- Outras ocorrências de significação</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- O prefeito e três vereadores visitam a escola</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu</li> </ul>
1951	07	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Excursões</li> <li>- Círculo das mães</li> <li>- 28º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Horta e Jardim</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Trabalhos manuais femininos</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Visitas</li> </ul>
1952	12	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 29º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Escolar</li> <li>- Excursões</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Círculo das mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Perda de um amigo</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>

- |      |    |   |
|------|----|---|
| 1953 | 13 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1953</li> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Escolar</li> <li>- Excursões</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Círculo das mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Homenagem</li> <li>- Visitas</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>  |
| 1954 | 15 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1954</li> <li>- Os acontecimentos significativos do ano</li> <li>- Outras ocorrências a assinalar</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Escolar</li> <li>- Excursões</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- 30º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo das mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- No Instituto de Educação de Niterói</li> <li>- Perda de um amigo</li> <li>- Outros amigos desaparecidos</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul> |
| 1955 | 15 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1955</li> <li>- Conseqüências das obras na escola</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Escolar</li> <li>- Uma experiência à parte</li> <li>- Mencionemos ainda</li> <li>- 31º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Excursões</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>   |

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1956 | 13 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O mais importante acontecimento do ano</li> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Excursões</li> <li>- Outras ocorrências a assinalar</li> <li>- 32º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>  |
| 1957 | 11 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- O maior acontecimento do ano</li> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Excursões</li> <li>- Escolinha de arte</li> <li>- Outras ocorrências a assinalar</li> <li>- 33º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Serviço médico</li> <li>- Campanha de Nossa Casa</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>   |
| 1958 | 11 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1958</li> <li>- In memoriam de Edgar Susseking de Mendonça</li> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- 34º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Escolinha de arte</li> <li>- Saúde</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Construção de novo pavilhão</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul> |

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1959 | 09 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1959</li> <li>- Em memória de Edgar Susseking de Mendonça</li> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- 35° Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Saúde</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Festa junina</li> <li>- Ocorrência a assinalar</li> <li>- Nota de pesar</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul> |
| 1960 | 18 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Centenário do nosso patrono</li> <li>- Matricula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Excursões</li> <li>- 36° Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Clube Agrícola</li> <li>- Uma boa notícia</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Saúde</li> <li>- Construção de um muro</li> <li>- Insistimos no apelo a CAFÉ</li> <li>- Nota de pesar</li> <li>- Cidadã Caxiense</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>  |

- |      |    |  |
|------|----|--|
| 1961 | 18 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1961</li> <li>- Homenagem da Associação Brasileira de Educação</li> <li>- Matrícula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- 37º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Ausência que nos faz falta</li> <li>- Inscrição na C.A.F.E.</li> <li>- Obras de recuperação</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul> |
| 1962 | 08 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1962</li> <li>- Matrícula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- 38º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Saúde</li> <li>- Duas publicações do diário de notícias</li> <li>- Visitas</li> <li>- Morte de um amigo</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>   |
| 1963 | 14 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1963</li> <li>- Matrícula, frequência e promoções</li> <li>- Prêmio Viúva Álvaro Alberto e outros</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- 39º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Saúde</li> <li>- Publicação do Diário Carioca</li> <li>- Morte de uma amiga</li> <li>- Documentário</li> <li>- Festa de despedida</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> </ul>                     |

1964	16	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A Escola Regional de Meriti no ano de 1964</li> <li>- De Escola Regional de Meriti a Escola Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Trabalhos manuais</li> <li>- Biblioteca Euclides da Cunha</li> <li>- Museu Regional de Meriti</li> <li>- Excursões</li> <li>- 40º Concurso de Janelas Floridas</li> <li>- Círculo de mães</li> <li>- Saúde</li> <li>- Documentário</li> <li>- Um retrato de Euclides da Cunha</li> <li>- Situação atual da Fundação Dr. Álvaro Alberto</li> <li>- Encerramento</li> <li>- Moção da Assembléia Estadual</li> <li>- Agradecimentos Finais</li> </ul>
------	----	---

---

**Fonte:** Relatórios Anuais de 1921 até 1926, 1928, 1930, 1931, 1937 até 1945 e 1949 até 1964 encontrados no PROEDES e CEPEMHed, mapas de frequência dos anos de 1927, 1929, 1932, 1933, 1934, 1946, 1947 e 1948 encontrados no APERJ

## ANEXOS

### Anexo A: Quesitos para uma escola se enquadrar em uma Escola Nova, definidos pela Bureau International des Écoles Nouvelles

---

#### REQUISITOS

---

- 1 Laboratório de pedagogia prática
- 2 Internato
- 3 Situada no campo
- 4 Casas separadas em grupos de 10 a 15
- 5 Co-educação de sexos
- 6 Trabalhos manuais para todos os alunos
- 7 Carpintaria, cultura da terra e criação de animais
- 8 Trabalhos livres
- 9 Ginástica natural
- 10 Viagens e acampamentos
- 11 Cultura geral e espírito crítico
- 12 Especialização
- 13 Partir de factos e experiências para a teoria
- 14 Atividade pessoal da criança
- 15 Interesses espontâneos da criança
- 16 Trabalho individual de pesquisa e classificação
- 17 Trabalho colectivo
- 18 Aulas de manhã, estudo à tarde
- 19 1 ou 2 disciplinas por dia
- 20 Poucas disciplinas ao mesmo tempo
- 21 República escolar e autonomia moral
- 22 Eleição de chefes

- 23 Cargos sociais para entre ajuda efetiva
- 24 Prêmios para desenvolver a iniciativa
- 25 Castigos para responsabilização
- 26 Emulação consigo própria
- 27 Meio com beleza e arte
- 28 Música colectiva para desenvolver emoções
- 29 Educação da consciência moral
- 30 Educação da razão prática

---

**Fonte:** MARQUES, J. FERREIRA. Faria de Vasconcelos: Obras Completas II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000.

Anexo B: Notícia sobre prefeito acusado de desapropriação do terreno que pertencia a Regional de Merity.

### **Caxias: prefeito acusado**

Moradores de Duque de Caxias denunciaram, ontem, que o prefeito Américo de Barros está tentando desapropriar as instalações do Centro Comunicativo do Município, com o objetivo de impedir a organização da comunidade, pois é na sede do Centro que se reúnem as associações de moradores, entre outras instituições.

Dizem os moradores que foi com essa finalidade que a sede do Centro foi doada por sua benfeitora, Armanda Álvaro Alberto, que desejava que a instituição continuasse a obra da antiga Escola Regional de Meriti, conhecida como Mate-Com-Angu, por ser pioneira na distribuição de merenda escolar. Contra a pretensão do prefeito estão mobilizadas as associações ameaçadas pela desapropriação, assim como os Diretórios Municipais do PMDB e do PDT.

Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 29 de maio de 1981.

## Anexo C: Notícia sobre o decreto 2757 de 4/4/1932

**NOTÍCIAS DE NICTHEROY**

O Sr. Commandante Ary Parreiras, Interventor Federal, assignou os seguintes actos:

Nomeando: Lycino Nunes Mattos, para exercer o cargo de escrivão de paz do 7.º Districto de Macahé e Leonel Ribeiro Portugal, para substituir o agente fiscal de imposto no municipio de Santo Antonio de Padua, durante o impedimento do effectivo.

Dispensando o engenheiro civil José Rodrigues Ferreira do cargo de engenheiro ajudante do Departamento de Engenharia, por ter sido nomeado para igual cargo no Departamento do Trabalho.

— Foram concedidos dois mezes de licença com todos os vencimentos á adjunta effectiva de Nictheroy Carolina Aragon.

— Na Pagadoria do Estado serão pagos hoje as seguintes folhas:

Professores de Grupos Escolares e em disponibilidade, escolas isoladas, auxilio e custeio de professores, adjuntas em geral, pessoal em comissão e extranumerarios.

— O Sr. Director do Departamento de Educação e Iniciação do Trabalho, assignou os seguintes actos:

Designando a adjunta effectiva deste municipio Carmen de Oliveira Campos, para servir na escola do Centro Espirita Irmão Rosa, nesta cidade.

Designando a professora cathedratica Olga Maria dos Santos, actualmente servindo na escola do Centro Espirita Irmão Rosa, para ter exercicio na escola nocturna do Syndicato dos Trabalhadores de Transportes Terrestres, nesta cidade.

— Designado, nos termos do decreto n. 2.757, de 4 de Abril de 1932, a adjunta effectiva do municipio de Teresopolis, Dona Joanita Paes de Campos, para ter exercicio, em comissão, na Escola Regional de Merity, em Iguassu'.

Fonte: Jornal de Nictheroy, 08 de julho de 1932.

**Anexo D: Última aparição na ABE de Armanda Álvaro Alberto**



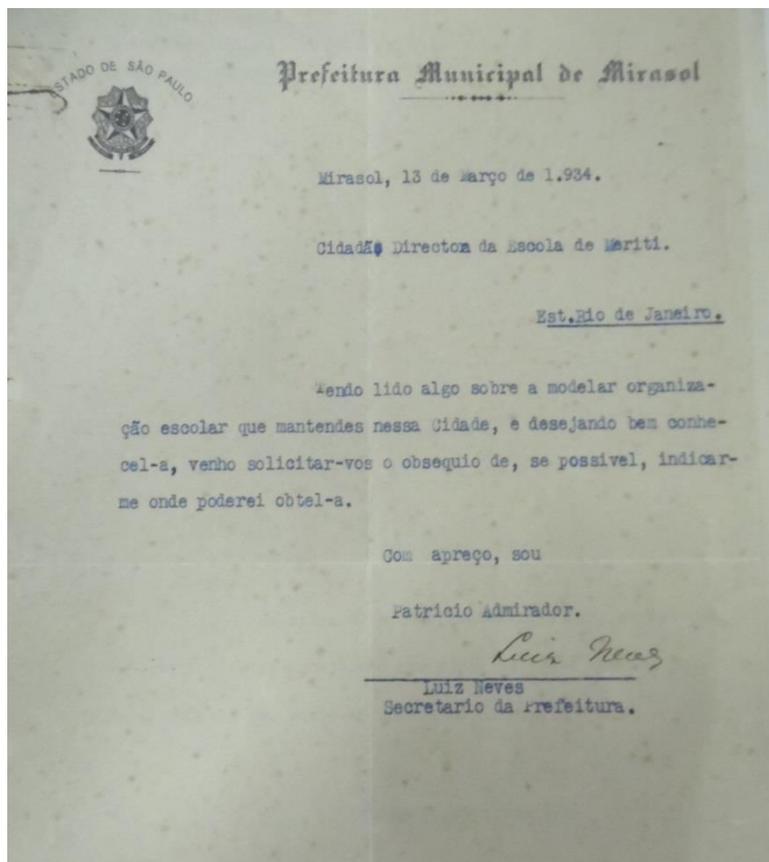
**Fonte: JORNAL DO COMMERCIO, 26 de agosto de 1996.**

**ANEXO E – Edital de publicação de chapas para o Sindicato de Ferroviários do Rio de Janeiro em 1959**

<b>Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro</b>		
BASE TERRITORIAL: D. FEDERAL E ESTADOS DO RIO DE JANEIRO, MINAS GERAIS, E. SANTO.		
SEDE PRÓPRIA: RUA SAMPAIO FERAZ, 32 — ESTACIO — TELS.: 28-2768 E 48.7784		
De acordo com o disposto no art. 6.º das Instruções baixadas com a Portaria Ministerial n.º 146, de 18 de outubro de 1957, faço saber aos que virem este Edital ou dele tomarem conhecimento que as chapas registradas concernentes à eleição a ser realizada no dia 8 (oito) do mês de maio de 1959, no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro foram as abaixo relacionadas, fazendo saber, ainda, que o prazo para impugnação de membro ou membros das mencionadas chapas é de 5 (cinco) dias, conforme determina o parágrafo 1.º do artigo 7.º da citada Portaria:		
<b>EDITAL — REGISTRO DE CHAPAS</b>		
<b>CHAPA 1</b>	<b>CHAPA 2</b>	<b>CHAPA 3</b>
<b>DIRETORIA</b>	<b>DIRETORIA</b>	<b>DIRETORIA</b>
Demisthóclides Baptista	Adenir Talarico	Pedro Affonso Rodrigues
Aristóteles de Miranda Mello	José Maria Modesto da Cruz	Rubem da Silva Lóts
Herval Arueira	Guilberto Gomes dos Santos	José Sebastião Barroso Motta
<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>
Eneidir Gonçalves	Silvio Pereira da Silva	Alberto Cortines Laxe Filho
Wander Esquerdo	Hiran Cavalcante Fernandes	Amaro Gomes
Walter Portilho	Laudemiro de Oliveira Gonçalves	Agostinho Barradas
<b>CONSELHO FISCAL</b>	<b>CONSELHO FISCAL</b>	<b>CONSELHO FISCAL</b>
Hermani Fernandes Pacheco	Geraldo de Souza	João Pereira Magalhães
Délio Vasconcelos	Délio de Almeida Martins	Hercy Valentim dos Santos
Alcebades Barbosa	Deoclecino Carvalho	Emi Nunes Abreu
<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>
Amaro Batista Monteiro	Onofre Francisco de Souza	Francisco Salles Cordeiro
Alcides Pereira Marques	Virmano Vieira	Vantuil Gonçalves
Renato Rodrigues	Almir da Silva Bastos	Raul Pereira Ramos
<b>REPRESENTANTES NA FEDERAÇÃO</b>	<b>REPRESENTANTES NA FEDERAÇÃO</b>	<b>REPRESENTANTES NA FEDERAÇÃO</b>
Geraldo da Costa Mattos	Nemo Ribeiro de Miranda	Antônio Pereira Pinto
Saturnino da Silva	João Firmino Gomes	Octalrde da Costa Bastos
Aristóteles de Miranda Mello	Juarez Gomes da Silva	Ruy Barboea Cezar
<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>	<b>SUPLENTES</b>
José Dias Caldeira	Waldir Siqueira Lóbo	Lino Garcia Júnior
Manoel do Couto	José Joaquim Jarbas	José Carlos Dias
Hélvio Alves de Almeida	Aldemar Corrêa	Jayme de Azevedo Reis
Todos os candidatos são empregados da Estrada de Ferro Leopoldina.		
O referido prazo correrá a partir da primeira publicação deste e a impugnação de candidato deverá ser entregue contra recibo, na Secretaria do Sindicato.		
Rio de Janeiro, 24 de abril de 1959.		
<b>DEMISTHÓCLIDES BAPTISTA</b> Presidente em Exercício		

Fonte: Diário Carioca, domingo, 26 de abril de 1959.

**ANEXO F – Troca de correspondências entre Monte Aprazível e a Regional de Merity em 1934**



Fonte: PROEDES

## ANEXO G - Troca de correspondências entre Monte Aprazível e a Regional de Merity em 1941

Monte Aprazível, 7 setembro de 1941

Prezada S<sup>a</sup> Arminda Alvaro Alberto.

De fato a escola que mantém em Merity muito me interessa. Ao cuidado da Prefeitura mandei-lhe uma carta, que me foi devolvida, passados vários dias. Daí ter resolvido enviar-lhe a que lhe chegou às mãos, por intermédio do Prof. Lourenço Filho.

Sou amigo do Prof. Tasso Botelho. Eu e ôle pretendemos, depois de bem conhecida a sua escola, fundar aqui uma que a imite. Para isso temos necessidade de conhecer os meios como adquire recursos para sustentá-la, assim como a proteção social que a mesma dá às mães e irmãs das alunas. Em suma, desejamos os esclarecimentos julgados convenientes para ter-se exata compreensão do que é essa escola, merecedora de gerais elogios, mas mal estudada por todos, professores ou publicistas, que se referem a ela.

Lutamos com dificuldades financeiras e, por isso, não podemos pensar em fazer-lhe uma visita, no momento. Fa-la-emos assim que fôr possível. Como temos, porem, urgência de dar início a nossa escola, ficamos certos de que não deixará de dar-nos a orientação que necessitamos.

Desde já agradecido,

Luiz Neves.

Fonte: PROEDS

ANEXO H - Troca de correspondências entre Moreyra de Sousa e Armanda, em  
02/07/1934

Fortaleza, 2 de julho de 1934

D.<sup>a</sup> Armanda  
Amparo - a.

Com maximo despejo  
e comunico-lhe que, hoje,  
passadas as férias regulamen-  
tares do mês de junho, apare-  
cei-me a professor Leonardo  
Teófilo, para dizer-me não  
lhe ser possível, por motivos  
de ordem familiar, seguir  
para o Rio, conforme o seu  
compromisso.

Diante dessa resolução  
inesperada, apressei-me a  
dar-lhe conhecimento do que  
há, a fim de ser informado  
se deva procurar outras  
condições já propostas.

Com os protestos de mi-  
nalteração e admiração, sou  
seu c.<sup>o</sup> dt.  
J. Moreyra de Sousa

Fonte: PROEDES

ANEXO I - Troca de correspondências entre Moreyra de Sousa e Armanda, em 25 de julho de 1934

15-7-34

Caríssima Senhora D<sup>ca</sup> Armanda Alves Albor  
 muito digna Diretora da Escola Regional  
 de Meriti.

Saudações respeitadas.

Quero-lhe esta cartinha com o fim unico de  
 agradecer em meu nome e no de minhas colegas  
 os postais-vistas do Rio - que V. S<sup>cia</sup> enviou ao  
 novo Grupo Escolar. A diretora do Grupo, logo  
 que recebeu as referidas vistas distribuiu-as pelas  
 diversas classes.

Eu, como aluna do 3<sup>o</sup> ano do Grupo do Crato, sinto-  
 me com a agradável obrigação de levar, a  
 V. S<sup>cia</sup> os meus sinceros agradecimentos, pela gra-  
 tilidade da oferta.

A nossa Diretora envia, a V. S<sup>cia</sup> umas vistas  
 do Crato, em retribuição á delicadeza que recebeu.

Fonte: PROEDES

**ANEXO J - Aulas ao ar livre em 1946**

Fonte: PROEDS

**ANEXO K - Fotografia com primeiro médico escolar da Proletária de Merity**

Fonte: PROEDES

**ANEXO L - Horta escolar da Regional de Merity, em 1926**

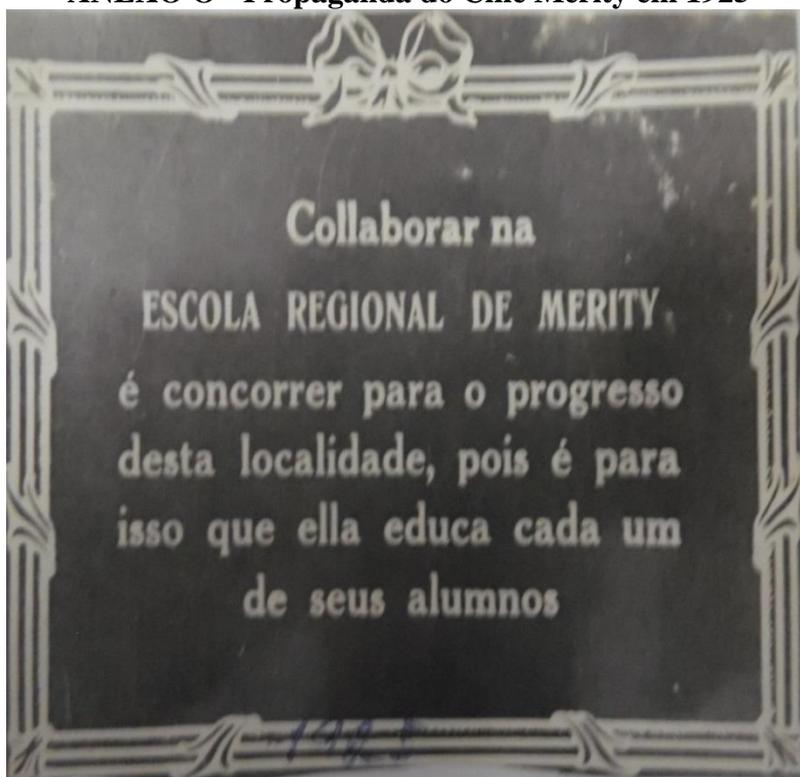
Fonte: PROEDES

**ANEXO M - Primeiros alunos da Proletária de Merity em 1921**

Fonte: PROEDS

**ANEXO N - Armanda e seus primeiros alunos no ano de 1921**

**Fonte: PROEDES**

**ANEXO O - Propaganda do Cine Merity em 1925**

Fonte: PROEDES

**ANEXO P - Fotografia na nova sede, o projeto educacional se consolida em 1936**



**Fonte: PROEDES**